



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

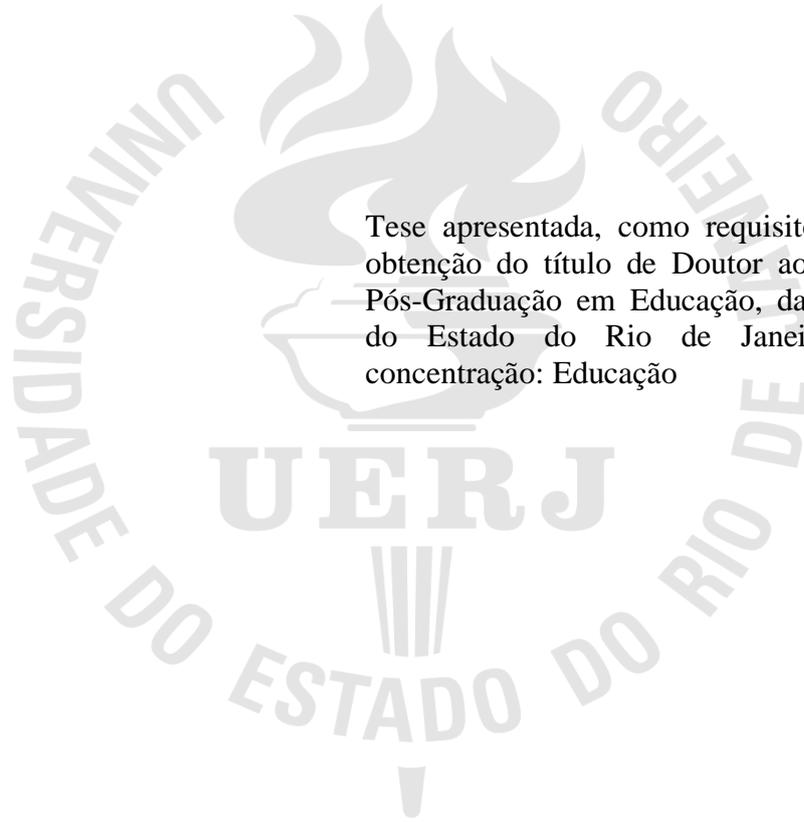
Fernanda de Azevedo Milanez

**Fôlegos: tempos de infância em refúgio**

Rio de Janeiro  
2022

Fernanda de Azevedo Milanez

**Fôlegos: tempos de infância em refúgio**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Rita Marisa Ribes Pereira

Rio de Janeiro  
2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M637 Milanez, Fernanda Azevedo.  
Fôlegos: tempos de infância em refúgio / Fernanda de Azevedo Milanez. – 2022.  
138 f.

Orientadora: Rita Marisa Ribes Pereira.  
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Educação.

1. Pesquisa com crianças – Teses. 2. Infância – Teses. 3. Refúgio – Teses.  
I. Pereira, Rita Marisa Ribes. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Educação. III. Título.

bs

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Fernanda de Azevedo Milanez

**Fôlegos: tempos de infância em refúgio**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação

Aprovada em 21 de março de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Rita Marisa Ribes Pereira (Orientadora)  
Faculdade de Educação – UERJ

---

Prof<sup>ª</sup> Rosana Kohl Bines  
Pontifícia Universidade Católica - PUC RJ

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Flavia Miller Naethe Motta  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

---

Prof<sup>ª</sup>.Dr<sup>ª</sup> Jana Tabak  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Poliana Coeli Costa Arantes  
Departamento de Letras - Instituto de Letras – UERJ

Rio de Janeiro  
2022

## DEDICATÓRIA

Dedico essa tese ao querido Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea por todo o aprendizado, por toda escuta, por toda amizade! Principalmente por acreditarem e apoiarem essa pesquisa, quando nem eu mesma acreditava.

Dedico também as crianças refugiadas que meus olhos até hoje não conseguiram ver e em especial, ao jovem congolês Moïse Kabagambe, que chegou aos 14 anos no Brasil fugindo dos conflitos étnicos da RDC e foi brutal e covardemente assassinado dez anos depois, enquanto ainda tentava legalizar sua condição de refugiado no país.

## AGRADECIMENTOS

Toda andança feita durante este estudo foi sempre muito bem acompanhada. Posso afirmar que nunca estive só! Desde a notícia da aprovação no doutoramento até hoje, enquanto escrevo essas linhas, muitas pessoas estiveram ao meu lado compartilhando desesperos, alívios, risos, choros, medos, paralisias, enfrentamentos e muita, muita descoberta e aprendizado.

O trabalho acadêmico como faz parte da vida, entra no nosso cotidiano de mansinho, vira furacão, adormece, ocupa a vida inteira, escapa de nós, se perde e finalmente em algum momento se acha, ou pelo menos acha que se acha. Acontece que a vida não está ali quietinha, passando pelos dias alegremente, esperando a tese acabar. Como ciência e vida não se descolam, o que acontece no mundo invade a pesquisa e vice-versa.

As tragédias mundiais (nos últimos anos, a pandemia), as nacionais (esse (des) governo genocida) e as pessoais (que ninguém escapa) fizeram parte do enredo desse samba, por isso, muita gente entrou nessa roda, ainda que não apareça nominalmente nesse texto.

Falando em roda e em samba começo pelo nosso grupo de pesquisa - o GPICC, nosso locus institucional, que abriga sonhos e projetos maravilhosos, num intenso fluxo humano de aprendizagens, agradecendo:

A Iza, nossa sambista-pesquisadora pelas dicas, opiniões francas e pelo apoio técnico para que eu assistisse um filme específico muitas vezes e para isso, usei seu canal;

A mãe da Nina Sofia, Núbia, pelas indicações de filmes (Tartarugas, Cafarnaum, entre outros) e de autores que foram muito bem-vindos a esse estudo, mas especialmente por estar comigo, lá no início, na minha primeira apresentação num Congresso sobre o tema em que meu pen drive não abriu minutos antes da minha fala. Olhar pra ela e me sentir apoiada foi o que me fez conseguir falar. Assim ela é!

A Carol, por tanta coisa.... por estarmos juntas desde o início dos nossos mestrados com quem de lá pra cá aprendi um bocado de coisa bacana sobre a academia, sobre escrita, sobre apresentações nos muitos congressos que fomos juntas. Pelos telefonemas que recebi quando a barra pesava;

Ao Perseu, pela imensa admiração que tenho por esse cara! Pela avidez com que busca o estudo e novos conhecimentos, pelo repertório musical que atende a qualquer tema de qualquer pesquisa! Mas especialmente pela leitura generosa e atenta com a qual nos presenteia quando apresenta seus retornos aos nossos textos. Eles vêm recheados de novos nomes....

autores atualíssimos que sempre nos apresenta.... E por aquela risada singular!!! Acho que a risada dele dá um texto!!!;

A Cris, pela fala forte, firme e leve ao mesmo tempo! Várias vezes voltamos juntas da UERJ e fui presenteada com boas risadas, bons papos e reflexões riquíssimas! Salve ela, que está sempre por perto pra apoiar, salve seu ativismo que não esmorece, mas principalmente salve nossa parceria e status como vovós do grupo!

A Juliana, nossa Jujuba querida, que nos conduziu por um lindo passeio de trem, mostrando infâncias tão diversas.... sempre disponível pra ajudar, trazer boas ideias, nos contagiar com sua alegria!

A Cecília de quem tive o prazer de ver e ouvir como construiu sua tese! Aquilo que parecia um fantasma assustador – uma tese - , foi tomando forma humana a cada capítulo compartilhado com tod@s nós! Não esqueço sua Caixa de Memórias!

A Patrícia Desterro, com quem compartilhamos a dor de ver o Museu queimar e que brilhante e heroicamente transformou sua pesquisa e falou com as crianças sobre esse fogo! Obrigada pelas leituras generosas e atentas aos meus escritos!

A Luciana que compartilha conosco muito sobre a escola pública. Aplicada e cuidadosa com suas falas, tem sempre boas contribuições.

A Tainara, que chegou a pouco, nossa mascote! Veio como um relâmpago e já partiu para outra, mas deixou sua marca nos dizendo que *boa escrita é aquela que a gente entende!* Expressão simples e profunda que fala desse lugar da academia que É sim para todos!

A Irani (e Carol) com quem tive a oportunidade de fazer nascer um texto, numa grata experiência de trocas. Muito bacana ouvir sem rodeios as dúvidas, os “sobre isso eu não sei”, que traz para o grupo, reafirmando o lugar de aprendiz que ocupamos!

A Camila e a Paula, que chegaram juntas.... duas fofas que trazem propostas muito interessantes de lugares da infância em suas pesquisas! Acho sempre bom professoras no grupo, para manter o frescor da sala de aula entre nós. Generosamente escutam, perguntam, opinam sobre nossos temas e leituras.

A Flora, que tem essa dupla função, como eu: de ser filha (e eu a mãe) e de sermos recentemente participantes do mesmo grupo de pesquisa. Uma experiência nova e instigante! Eu e ela nos (re)conhecendo num ambiente do qual muitas vezes falávamos, mas não compartilhávamos como quem pesquisa infância. Fico grata, feliz e orgulhosa!

E as queridas Eunice, Joana, Ana Luz, Patrícia Dias, Nélia e o querido João! Aprendi e me diverti muito com tod@s ess@s talentosíssim@s pesquisador@s!!!

Mas um agradecimento é especial: a minha orientadora, Professora Rita Marisa Ribes Pereira, nossa querida grande Ritinha, que conduz com maestria tanto o estudo coletivo do nosso grupo de pesquisa, quanto cada pesquisa na sua especificidade. Acompanhou meus movimentos e principalmente minhas paralisias com a mesma delicadeza e sensibilidade. Isso é de uma generosidade incrível, para quem está nesse lugar híbrido de quem tem que olhar o sujeito (no caso eu), o prazo, a academia, os projetos, os outros sujeitos e os mais diversos temas que cada um inventa para pesquisar. E ainda espereita o mundo, com uma agudeza rascante que dá gosto de ver (e ouvir)!!! Uma amiga, um primor de pessoa e de pesquisadora da infância, uma experiência viva que conjuga arte – política – ciência. Tenho certeza de que aqueles dois rapazes (Bakthin e Benjamin) adorariam ter a oportunidade de um dedo de prosa com ela, iam ficar caidinhos.... uma verdadeira MIMOSA!!!!

A UERJ e especificamente ao PROPED (Programa de Pós Graduação em Educação), Casa onde continuo me tornando pesquisadora e de onde trago aprendizados de vida, de resistência e resiliência, de ética, de força, repleta de uma incrível diversidade de professores, dos quais destaco em especial as queridas Prof<sup>ª</sup> Mailsa Carla Pinto Passos, Prof<sup>ª</sup> Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald e Prof<sup>ª</sup> Lisandra Ogg Gomes, de quem estive mais perto nessa trajetória. Sou grata aqueles que atuam sempre nos bastidores: os funcionários da secretaria, da biblioteca, o sócio do Walter da cantina, a galera da xerox, que sempre me socorreu nas mais diversas situações.

Aos professores de outras Casas por onde colhi importantes aprendizados e conheci pessoas incríveis: na UFF, o prof<sup>º</sup> Jader Janer Moreira Lopes e na PUC/RJ, a prof<sup>ª</sup> Rosana Bines, que aceitou acompanhar essa pesquisa desde a qualificação. Sou grata também ao prof<sup>º</sup> Roberto Yamato, por me aceitar como aluna convidada, aqui representando todos os professores da disciplina externa *Refúgio e Populações Refugiadas: Olhares múltiplos, perspectivas interdisciplinares*, uma importante referência responsável pelo abrangente acervo bibliográfico na especificidade do refúgio. Aos dois, pela leitura generosa ao meu trabalho final da disciplina, em meio a uma turbulência pessoal.

Agradeço a FAPERJ por ter concedido a bolsa que permitiu que eu me dedicasse por mais tempo a essa pesquisa. Morar em outro município significou muitas viagens semanais – eternos deslocamentos - para das conta de cumprir as disciplinas e estar presente nos encontros do grupo.

Agradeço a Editora Pulo do Gato - Marcia Leite - e mais diretamente a Julia Martins, com quem dialoguei desde 2017, no início da pesquisa e de quem recebi apoio nas sugestões

e no envio generoso dos livros em PDF de literatura infantil sobre o tema, tão logo apresentei a elas minha pesquisa.

Aos filhos, Gabriel, Flora e Antônia, que se mudaram de casa comigo tantas vezes... na maioria delas, sem sequer serem consultados. E pacientemente (nem sempre tão pacientes assim) acompanharam e apoiaram esse estudo. Tomei muito tempo do nosso convívio e ainda assim recebi café, água e beliscos, quando ficava muito tempo na frente da tela. No meio do caminho a vida me levou uma irmã querida, mas me presenteou com um neto na sequência! Sou grata por toda essa turbulência, pois também aprendi que a gente se afoga, mas pode tomar fôlego em seguida, quase sempre dá!

Uma perda foi especialmente dura para mim... minha querida tia Zélia Milanez L.Seibnitz, antropóloga e professora da PUC por muitas décadas, pesquisadora e grande incentivadora dos meus estudos! Uma pena não a ter por perto nessa reta final. Mas agradeço por tanto ensinamento, pela casa onde morei durante o mestrado, pelos livros que me indicou, por ter sido mais que tia-madrinha! Uma fada!

Agradeço a todas e todos os Participantes da Feira Gastronômica Chega Junto, que alimentaram (literalmente) e aqueceram essa pesquisa com suas delícias gastronômicas, acolheram nossos encontros e conversas. Crianças e adultos. Agradeço aos demais participantes daquele maravilhoso espaço de trocas com as outras ofertas, como os cortes de cabelo, os penteados, tranças e turbantes; as tatuagens nos braços, com nosso nome escrito em árabe, as apresentações musicais.... atividades que quase sempre vinham acompanhadas de suas histórias.

Um agradecimento mais que especial para as crianças com quem conversei pessoalmente na Feira Chega Junto e na feira semanal: a nigeriana Thekya, os irmãos colombianos Colin e Davi e o jovem adulto angolano Mbaló Cesar, que aceitou compartilhar um passeio pela sua memória de infância. Três preciosidades inesquecíveis!

A FUGA

A Criança põe a boneca na mala

A mãe põe a criança na mala

O pai põe a mãe na mala

O exterior põe o pai com a mala na mala

E envia tudo de volta

Escondem-se na floresta:

1 boneca

1 criança

1 mãe

1 pai

1 casa

2 malas

1 fuga

*Aglaja Veteranyi*

## RESUMO

MILANEZ, Fernanda de Azevedo. *Fôlegos: tempos de infância e refúgio*. 2022. 138 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2022.

Embora o tema dos deslocamentos não seja uma novidade no mundo, este estudo se dedica a investigar a infância refugiada na contemporaneidade. Desta forma, as questões que aqui se apresentam situam-se no imbricamento de dois campos interdisciplinares específicos: o dos Estudos interseccionais da Infância e o dos Estudos das Migrações e Refúgio, trazendo para o debate aqui proposto algumas questões relacionadas ao(s) conceito(s) de refugiado em constante debate e disputa, as legislações e as consequências dessas palavras *refúgio*, *lei* e *vida* em relação às pessoas cujas vidas estão ou estiveram em risco. A pesquisa coloca foco na singularidade dos sujeitos, a saber, dez crianças e adolescentes que, na condição de interlocutores ficcionais e crianças reais, desvelaram a potência e o lugar político da infância no cenário do refúgio. Ao mesmo tempo em que se dá a apresentação do campo, dos interlocutores e a forma como o estudo se desenvolveu, a filiação teórica se apresenta, alinhando diálogos com Boaventura Santos e a Sociologia das Ausências e das Emergências; com Mafeji e a ideologia do tribalismo; com Judith Butler e seu conceito de vidas precárias; Walter Benjamin e seus conceitos de infância, arte e história e Michail Bakhtin, contribuindo com seu conceito de cronotopos. O texto foi organizado considerando dois blocos centrais: Águas e Desagues, que figuraram como portas de entrada e de saída das subseções apresentadas, onde o debate que se constituiu em cada uma delas, teve sua costura alinhada aos temas e as infâncias circunscritos nos livros infantis, filmes e imagens com os quais a pesquisa dialogou, além das crianças com quem me encontrei pessoalmente, trazendo à tona situações presentes no cotidiano da vida desses interlocutores, demarcando o lugar da infância como um lugar de presença, contrária à invisibilidade a que ainda é submetida legal, social e politicamente.

**Palavras-chave:** Pesquisa com crianças. Infância. Refúgio. Artefatos culturais. Alteridade.

## ABSTRACT

MILANEZ, Fernanda de Azevedo. Breaths: childhood and refuge times 2022. 138 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2022.

Although the topic of displacement is not new in the world, this study is dedicated to investigating refugee childhood in contemporary times. In this way, the questions presented here are situated at the intersection of two specific interdisciplinary fields: that of Intersectional Childhood Studies and that of Migration and Refuge Studies, bringing to the debate proposed here some questions related to the concept(s) of refugee in constant debate and dispute, the legislations and the consequences of these words refuge, law and life in relation to people whose lives are or have been at risk. The research focuses on the singularity of the subjects, namely, ten children and adolescents who, as fictional interlocutors and real children, unveiled the power and political place of childhood in the refuge scenario. At the same time as the presentation of the field, the interlocutors and the way in which the study was developed, the theoretical affiliation is presented, lining up dialogues with Boaventura Santos and the Sociology of Absences and Emergencies; With Mafeji and the ideology of tribalism; with Judith Butler and her concept of precarious lives; Walter Benjamin and his concepts of childhood, arts and stories and Michail Bakhtin, contributing with the chronotopes. The text was organized considering two central blocks: *ÁGUAS* and *DESÁGUES*, which appeared as entrance and exit doors of the presented subsections, where the debate that constituted in each one of them, had its seam tacked to the themes and childhoods circumscribed in children's books, films and images with which the research dialogued, in addition to the children with whom I met personally, bringing up situations present in the daily lives of these interlocutors, demarcating the place of childhood as a place of presence, contrary to the invisibility to which it is still legally, socially and politically subjected.

Keywords: Research with children. Childhood. Refuge. Cultural artifacts. Alterity.

## RÉSUMÉ

MILANEZ, Fernanda de Azevedo. Souffles : temps et refuge de l'enfance. 2022. 138 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2022.

Bien que le sujet du déplacement ne soit pas nouveau dans le monde, cette étude se consacre à enquêter sur l'enfance des réfugiés à l'époque contemporaine. Ainsi, les questions présentées ici se situent à l'intersection de deux champs interdisciplinaires spécifiques: les études intersectionnelles sur l'enfance et les études sur les migrations et les réfugiés, apportant au débat proposé ici des questions liées au(x) concept(s). en constant débat et contestation, la législation et les conséquences de ces mots refuge, droit et vie par rapport aux personnes dont la vie est ou a été en danger. La recherche porte sur la singularité des sujets, à savoir dix enfants et adolescents qui, en tant qu'interlocuteurs fictifs et enfants réels, ont dévoilé le pouvoir et la place politique de l'enfance dans le scénario refuge. Parallèlement à la présentation du terrain, des interlocuteurs et de la manière dont l'étude a été développée, l'affiliation théorique est présentée, alignant les dialogues avec Boaventura Santos et la sociologie des absences et des urgences; Avec Mafeji et l'idéologie du tribalisme; avec Judith Butler et son concept de vie précaire; Walter Benjamin et ses concepts d'enfance, d'arts et d'histoires et Michail Bakhtin, contribuant aux chronotopes. Le texte a été organisé en tenant compte de deux blocs centraux : ÁGUAS et DESÁGUES, qui sont apparus comme des portes d'entrée et de sortie pour les sous-sections présentées, où le débat qui s'est constitué dans chacune d'elles avait sa couture collée aux thèmes et aux enfances circonscrits dans les livres , films et images avec lesquels la recherche a dialogué, en plus des enfants rencontrés personnellement, évoquant des situations présentes dans le quotidien de ces interlocuteurs, délimitant le lieu de l'enfance comme lieu de présence, contrairement à l'invisibilité à laquelle il est encore juridiquement, un sujet social et politique.

Mots clés : Recherche avec des enfants. Enfance. refuge. Artefacts culturels. L'altérité

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CDC	Convenção dos Direitos da Criança
CICV	Comitê Internacional da Cruz Vermelha
CIDH	Corte Interamericana de Direitos Humanos
CNig	Conselho Nacional de Imigração
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados (Brasília/DF)
CSVM	Cátedra Sergio Vieira de Mello
DIDH	Direito Internacional dos Direitos Humanos
DIR	Direito Internacional dos Refugiados
GPICC	Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea - UERJ
IKMR	I Know My Rights - Eu Conheço Meus Direitos - ONG
IMDH	Instituto Migrações e Direitos Humanos
OIR	Organização Internacional para refugiados
OBMigra	Observatório das Migrações Internacionais
ONG	Organização não governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PROPED	Programa de Pós Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNRRA	Administração das Nações Unidas para o socorro e reconstrução

## LISTA DE IMAGENS

	<b>p.</b>
<b>Imagem 1</b> Destroços em Nova Friburgo - Foto de acervo pessoal	23
<b>Imagem 2</b> Fotomontagem de Tammam Azzam, 2012	36
<b>Imagem 3</b> Foto etiqueta de preço - acervo pessoal	57
<b>Imagem 4</b> Instalação e fotografia de Santiago Velez - Puertas al mar	64
<b>Imagem 5</b> Ilustração do Livro infantil "Eloisa e os bichos"	73
<b>Imagem 6</b> Instalação "Lampedusa" de Vik Muniz 2015	76
<b>Imagem 7</b> Imagem retiradas de site de notícias	80
<b>Imagem 8</b> Imagem retiradas de site de notícias	80
<b>Imagem 9</b> Capa do Livro REFUGIADOS de Alan Gratz	86
<b>Imagem 10</b> Imagem do cemitério de coletes em Lesbos (Foto: reprodução/BBC)	94
<b>Imagem 11</b> Foto da escultura "Os viajantes" de Bruno Catalano	95
<b>Imagem 12</b> Foto bloco "barra de chocolate" - acervo pessoal	112
<b>Imagem 13</b> Ilustração do livro infantil AZZI	118
<b>Imagem 14</b> Ilustração do livro infantil AZZI	118
<b>Imagem 15</b> Foto de José Palazon, 2015	128

## SUMÁRIO

	<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	15
1.	<b>Eu e os Outros na Pesquisa e no Mundo</b> .....	21
1.1	<b>Eu à espreita do tema</b> .....	21
1.2	<b>Os outros</b> .....	27
1.3	<b>Esses outros em pesquisas outras</b> .....	32
1.4	<b>Os outros no Mundo</b> .....	34
2.	<b>Andança</b> .....	41
2.1	<b>Ninguém caminha só</b> .....	41
2.2	<b>Etnoandanças: passeio pelas telas, livros, imagens e comidas</b> .....	48
3.	<b>Águas</b> .....	64
3.1	<b>Espelhos d'água: nós e eles</b> .....	66
3.2	<b>“A canoa virou”: quem deixou ela virar? O mar político</b> .....	77
3.3	<b>Maritório: pedaços de água com gente invisível dentro</b> .....	86
4.	<b>Deságues</b> .....	95
4.1	<b>Sobre desaguar</b> .....	97
4.2	<b>Sede de ver</b> .....	100
4.3	<b>Sede de comer</b> .....	107
4.4	<b>Deslugar</b> .....	114
5.	<b>Fôlego</b> .....	123
5.1	<b>Ar para poder seguir</b> .....	123
	<b>Referências</b> .....	129

## APRESENTAÇÃO

### Diáspora

Acalmou a tormenta  
 Peceram  
 O que a estes mares ontem se arriscaram  
 E vivem os que por um amor tremeram  
 E dos céus os destinos esperaram  
 Atravessamos o mar Egeu  
 Um barco cheio de Fariseus  
 Com os Cubanos  
 Sírios, ciganos  
 Como Romanos sem Coliseu  
 Atravessamos pro outro lado  
 No rio vermelho do mar sagrado  
 Os center shoppings superlotados  
 De retirantes refugiados  
 You  
 Where are you?  
 Onde está  
 Meu irmão sem irmã  
 O meu filho sem pai  
 Minha mãe sem avó  
 Dando a mão pra ninguém  
 Sem lugar pra ficar  
 Os meninos sem paz

Diáspora, Tribalistas - 2017

Antes de me dedicar academicamente ao tema da pessoa refugiada, em especial as crianças, quando pensava no termo “refugiado”, vinha em mente a imagem de multidões caminhando com seus pertences pelos desertos, como a imagem que se fez em mim ao ouvir a canção-epígrafe, podendo ser também gente aglomerada em campos semelhantes aos de concentração nazista ou pessoas amontadas em pequenas embarcações superlotadas. Fruto espetaculoso das reproduções midiáticas, selecionadas estrategicamente para vermos aquilo que era desejado mostrar. Tudo apresentado de forma a parecer que o que eu via estava sempre fora e distante de mim, como num filme. Narrativas binárias que condenam ou legitimam racismo, xenofobia, de um lado e os discursos humanitários defendendo a livre circulação de outro.

Até que um dia já pesquisando o tema, folheando um jornal, li uma chamada com o título “*Conte algo que não sei*”, conteúdo de uma coluna semanal de entrevistas num jornal impresso de circulação nacional<sup>1</sup>. Num dos trechos da conversa a entrevistada diz:

---

<sup>1</sup> Jornal O GLOBO edição 08.03.2018.

“Hoje no mundo, há mais imigrantes e refugiados do que pessoas que nascem e morrem no mesmo lugar”. Ao ler a frase da psicanalista, me senti convocada a seguir com a leitura, já imaginando um globo terrestre vivo, em movimento.

Podemos elencar muitas razões para esse êxodo que invade a vida de populações em todos os continentes do planeta. São múltiplos conflitos disputando terra, água, diferenças religiosas, étnicas, gerando ódios atuais ou ancestrais. Portanto esse tema não é de forma alguma recente, nem pontual, estando quase diariamente nos noticiários, nas redes sociais, em capas de revistas e cada vez mais nos artigos acadêmicos. Afinal, desde o homo sapiens saído da África há mais de 70 mil anos, a marcha da humanidade segue numa caminhada diaspórica<sup>2</sup>, dispersando pessoas.

“É assunto que diz respeito a nossa sobrevivência”, segue dizendo a entrevistada<sup>3</sup>. A frase provocou em mim outra qualidade de aproximação aos refugiados, trazendo consciência sobre o tema de pessoas em deslocamento no contexto de questões políticas e humanitárias, colocadas genuinamente no topo das discussões quando nos deparamos sob um pensar quantitativo, confirmando a percepção de que há mais pessoas que já se espalharam e se movimentaram pelo planeta do que concentrados /fixados /residentes em algum ponto da terra. Entretanto a expressão “nossa sobrevivência” me incluiu definitivamente na questão, tornando-me partícipe na urgência dessa sobrevivência planetária.

É, sem dúvida, fenômeno que se amplia a cada dia, que nos dá a ver o jeito de ser e estar no mundo atualmente, a forma com que lidamos com os recursos naturais e principalmente como organizamos a vida econômica, social e política, em meio a disputas por territórios e poder. Já não é mais possível pensar num ponto qualquer do planeta onde não haja fluxo migratório, tampouco alguma sociedade que possa ser considerada uniforme do ponto de vista de suas origens, língua ou etnia, ainda que os segmentos mais conservadores desejem controlar portais imaginários – e em alguns casos concretos como as cercas e os muros construídos em diversas fronteiras - de entradas, saídas ou divisas dos territórios já tão recortados por continentes e países.

---

<sup>2</sup> O termo diáspora surge inicialmente para explicar a dispersão dos judeus no mundo antigo, após o exílio babilônico. Serve para descrever qualquer grupo ou comunidade étnica ou religiosa que viva fora de seu lugar de origem.

<sup>3</sup> Leia a entrevista na íntegra acessando: <https://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/marie-rose-moro-psicanalista-corpo-o-unico-ponto-fixo-22465903#ixzz5A7N0au5J>

Deixar tudo para trás significa ter apenas o corpo como ponto fixo, diz ela. E acrescento que quase nunca essa opção é uma escolha, sendo na maioria dos casos, a única possibilidade de manter-se vivo e em liberdade.

A questão que se coloca é que a cada nova matéria que se espalha no mundo midiático, acendem tanto os desejos quanto os temores sobre as terras sonhadas, pois divulga-se estrategicamente aquilo que se quer espalhar sobre os que transitam pelo planeta. E sempre do ponto daqueles que não transitam e que em geral, decidem pelos demais.

Buscando concretizar aproximações, procurei ir mais a fundo na origem, no conceito e nos sentidos que vem sendo compartilhados sobre o termo refugiado. Etimologicamente do latim, “*refugium*” é, de acordo com o dicionário virtual<sup>4</sup>, indivíduo que se mudou para um lugar seguro buscando proteção; aquele que foi obrigado a sair de sua terra natal por qualquer tipo de perseguição; pessoa que busca escapar de um perigo. Para o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados -ACNUR - refugiados são pessoas

que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição e conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que como resultado necessitam de proteção internacional.

Para estas pessoas, convencionou-se como uma primeira visibilidade oficial no início dos anos cinquenta, um tratado global, definindo acolhida para reassentar milhões de europeus andarilhos do pós-guerra. Com o passar do tempo e a emergência das novas situações para além das fronteiras européias, parecia não caber mais nessa palavra o grande fluxo de pessoas se deslocando em outras terras, como nos continentes sul - as Américas e países africanos - que necessitavam “enquadrar-se” no conceito sobre a pessoa em situação de refúgio.

Do termo *refugiados* cunhado pela ACNUR, se desdobraram os apátridas – aquelas não têm sua nacionalidade reconhecida por nenhum país; os deslocados internos – aquelas pessoas deslocadas dentro do seu próprio país, pelos mesmos motivos de um refugiado, mas que não atravessam fronteiras internacionais para buscar proteção; os retornados – as pessoas que tiveram o status de refugiados e solicitantes de refúgio, e que retornaram “voluntariamente” a seus países de origem e os solicitantes de refúgio –

---

<sup>4</sup><https://www.dicio.com.br/refugio/>

aquelas pessoas que solicitam às autoridades competentes serem reconhecidas como refugiados, mas que ainda não tiveram seus pedidos avaliados definitivamente pelo sistema nacional de refugiados.

As questões que aqui se apresentam situam-se então, no imbricamento de dois campos interdisciplinares específicos: o dos Estudos interseccionais da Infância, cujo conceito adotado neste estudo circunscreve uma forma de olhar a infância não apenas como categoria social enquanto sujeito da sua história, capaz de produzir e modificar a cultura onde está imerso, mas levando em conta a sutileza geracional implicada pelas questões sociais, culturais, de gênero, etnia, classe e política que estão no mundo, que envolvem todas as pessoas, incluindo as de pouca idade nos contextos dos deslocamentos forçados.

Para uma abordagem atenta e aprofundada das infâncias em situação de refúgio, migração ou deslocamento interno, o campo dos Estudos das Migrações e Refúgio, contribui trazendo para o debate aqui proposto algumas questões relacionadas ao(s) conceito(s) de refugiado em constante debate e disputa, as legislações e as consequências dessas palavras *refúgio*, *lei* e *vida* em relação às pessoas cujas vidas estão ou estiveram em risco, seja por questões climáticas e ambientais, por disputas territoriais, por fundamentalismos religiosos, por exploração de riquezas naturais, por questões econômicas, entre outros fatores.

Aborda também reflexões sobre a vida não apenas em trânsito, mas nos campos de refugiados, ou nos locais de destino, considerando o estado provisório e/ou duradouro em que se encontram as pessoas - em especial as pequenas – abrigadas e residentes em locais que não oferecem dignidade, sem deixar de observar e considerar aquelas que se põem a caminho, em longos e arriscados trajetos e perecem antes de chegar ao destino.

À tragédia do refúgio, se acrescenta, mais uma vez na história, tempos sombrios, agravados nesse momento pelo impacto da pandemia mundial pelo vírus Covid 19, desde o final de 2019. No Brasil, este genocídio sanitário, que encobre uma tragédia anunciada já matou mais de meio milhão de pessoas. Nesse tempo de governo genocida, convivemos com denúncias de envolvimento do alto escalão e outros órgãos do governo com milícias e crimes de corrupção ainda com relativo e decrescente apoio de camada da população que aderiu aos chamados de campanha anticorrupção, mas que parecia mais incomodada com a diminuição nos índices de pobreza e a visível ascensão das classes populares que passaram a usufruir daquilo que apenas os mais ricos tinham direito. Vimos lideranças indígenas, comunitárias, políticos e funcionários públicos comprometidos com a

população sendo assassinados ou exilados. Com a pandemia, que se configurou como uma aliada a esse projeto governista de extermínio, o caminho ficou mais fácil com a omissão explícita presente na pseudo falta de medicação, de leitos nos hospitais e o atraso na aquisição das vacinas, que teve seu ápice nos crimes de corrupção envolvendo a compra supra faturada de vacinas pelo Ministério da Saúde, o que desencadeou a formação de uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) para investigar e denunciar tais crimes, numa demonstração de descaso com a vida humana e a certeza de impunidade.

Cortes e mudanças significativas em programas sociais particularmente na saúde e na educação vêm desde então sendo executados, destruindo direitos básicos duramente conquistados por meio de pautas historicamente levantadas e apoiadas por movimentos sociais e em seguida transformadas em políticas públicas nos governos dos últimos anos. A Amazônia devastada, os ataques às minorias, as prisões arbitrárias compõem a vasta lista de crimes que vem sendo assistidos por todo planeta.

Para além do Brasil, observamos que tal tragédia estendeu-se ao mundo, aliado a outras neoditaduras que se espalham por diversos países, demonstrando as articulações da extrema direita apoiada por uma globalização que cada vez mais permite e incentiva o livre trânsito de coisas por todo o planeta, na mesma proporção em que proíbe incisivamente a circulação das pessoas.

Este contexto contemporâneo é a ambiência em que mais de 80 milhões de pessoas tentam manter-se vivas na condição de migrantes e refugiados, de acordo com o relatório da ACNUR<sup>5</sup> computando dados até o final de 2020. É em meio a estas condições adversas que o presente trabalho se constitui, exercitando um olhar para dentro – a pesquisa - e o olhar para fora - o mundo -, onde me sinto convocada a um posicionamento de resistência e luta para as (re)conquistas e mudanças que urgem. Lugar que demarca uma aparente fixidez que toma parte do tempo em frente à tela do computador enquanto o fluxo migratório ganha contornos alarmantes, com os interlocutores da pesquisa vivendo complexas experiências.

Convido você a percorrer comigo, compartilhando a sensação de ora naufragar a espera de socorro, ora sentir faltar o chão embaixo dos pés, nessa travessia que se inicia com essa breve apresentação e logo em seguida nos encontramos com todos os outros da

---

<sup>5</sup> Mais detalhes sobre refugiados no mundo em 2020: <https://www.unhcr.org/flagship-reports/globalreport/>

pesquisa: as crianças, os autores com quem me afilio, outros pesquisadores e suas pesquisas e o próprio tema, aqui compreendido como um outro também.

Na sequência compartilho como foi construída essa andança, os labirintos por onde passei, as idas e vindas, muito mais me perdendo do que me situando em algum lugar. Aliás, descobri quase no final, que a pesquisa só avançava depois que eu me perdia. A seguir, organizei o trabalho considerando dois blocos centrais: ÁGUAS e DESÁGUES, que figuraram como portas de entrada e de saída das subseções apresentadas, onde o debate que se constituiu em cada uma delas, teve sua costura alinhavada aos temas e as infâncias circunscritos nos livros infantis, filmes e imagens com os quais a pesquisa dialogou, além das crianças que observei ou mesmo aquelas poucas com quem me encontrei pessoalmente, trazendo à tona situações presentes no cotidiano da vida desses interlocutores, sobretudo crianças, em obvio destaque em todas as seções, demarcando o lugar da infância como um lugar de presença política, contrária à invisibilidade a que ainda é submetida legal, social e politicamente.

Da mesma forma que reconheço o todo da pesquisa em cada capítulo percebo também a infância contemporânea em cada criança ou adulto em revisita a sua memória, presentes nessa tese. É o que constitui minha forma de pensar não só a infância contemporânea e o refúgio, em seus entrelaçamentos, mas a cultura e a vida.

## 1. EU E OS OUTROS NA PESQUISA E NO MUNDO

### 1.1 Eu à espreita do tema

“Meu nome é Geedi. Eu sou somali, mas nunca estive na Somália. Nasci em Kakuma, esta terra quente e seca, onde a poeira nunca baixa. Quando minha mãe chegou aqui com minha irmã, fugindo da guerra, pensava que ficaríamos só de passagem. Por isso, ao nascer, ela me chamou Geedi, que em somali quer dizer “em movimento”. Faz tempo. Hoje, eu já tenho doze anos. Quando viviam na Somália meus pais tinham uma pequena loja [...] então, um dia veio a guerra, mataram meu pai e minha mãe precisou fugir. Só teve tempo de pegar umas coisas e sair correndo, levando minha irmã pela mão. Eu estava bem protegido, dentro da sua barriga”

Geedi, personagem do Livro “Dois Meninos de Kakuma”  
Marie Ange Bordas, 2018

Conheci Geedi no dia que o livro onde mora estava sendo apresentado ao mundo. Sua história e de seus amigos apresentada no evento da Editora Pulo do Gato para o lançamento despertou em mim um interesse sobre os campos de refugiados e percebi ali um universo sobre a situação do refúgio no continente africano e um mundo ali se abriu na pesquisa e na vida. Como ele, me senti também em movimento, ainda que reverso, pois me permiti voltar no tempo e observar na minha trajetória, o que havia nela de mudanças e deslocamentos.

Diferente dele, nunca me mudei durante a infância e continuo visitando a mãe na mesma casa onde cresci. Atualmente moro num município da região serrana do Estado do Rio de Janeiro, mas antes disso, depois de adulta morei em quinze endereços distribuídos em três municípios: Rio de Janeiro, Niterói e o atual, Nova Friburgo. Neles, passei ainda por dez bairros.

Cada um destes lugares carrega registros e valores do que me constitui. Lembro de um a um, cujas marcas ficaram impressas por meio de cheiros, paisagens, encontros, brigas, trabalhos, casamentos, nascimentos, mortes. São dimensões de histórias pessoais - minhas e dos que estão no meu entorno - que atravessaram meu cotidiano ao longo do tempo, nestes espaços.

Por contingências de vida passei por todos esses lugares. Apesar dessa experiência quase ou seminômade, não senti na pele mudança alguma provocada por intercorrência socioambiental ou em virtude de disputas políticas, econômicas ou sociais graves.

Entretanto, vi (vi) de perto algumas experiências dessa natureza, que envolveram remoções e deslocamentos provocados por conflitos políticos e ambientais e que convergiram para o que identifico como pontos chave que fazem a liga entre a minha experiência de vida e o estudo que desenvolvo.

A partir de algumas experiências pessoais compartilhadas a seguir, onde perguntas permanecem sem respostas, um fio alinhavou-as estabelecendo relações entre elas e conectando-as às crianças em suas relações *espaçotemporais* nas situações de destruição ou reconstrução de seus territórios. Aqui o termo *espaçotempo* aparece escrito junto para reforçar a concepção defendida por diversos autores<sup>6</sup>, de que espaço e tempo são indissociáveis, distinguindo da visão polarizante herdada da ciência moderna. Tal fio pode também ser apresentado como cronotopo, um conceito cunhado pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin a partir de seus estudos literários, onde as dimensões de tempo e espaço apresentam-se formando uma unidade e uma constante tensão nesta relação tempo-espaço-experiência, por meio dessa relação estabelecida e das transformações que esse encontro possibilita. Diferente de uma fusão, aqui o sentido é de dar visão ao tempo no espaço e o que muda em todos os envolvidos a partir desse instante num determinado recorte *espaçotemporal*.

O primeiro cronotopo que identifico vem num tempo da infância, quando houve a remoção de uma favela num bairro do município do Rio de Janeiro. Passava por ela pra chegar à escola pública onde estudava, para ir à praia ou ao mercado. Tinha amigos da classe que moravam ali. Vivia por ali em livre circulação, uma vez que, por sua constituição geográfica, o bairro se mantém rodeado por outras favelas, nos bairros vizinhos. Esta remoção foi parte de um conhecido projeto do então Governo da Guanabara nos anos de chumbo da ditadura militar, que deslocou forçadamente mais de cem mil pessoas para novas unidades habitacionais criadas nas periferias do município que passaram a ser conhecidas como Cidade de Deus, Cidade Alta, Padre Miguel e outras regiões, provocando uma faxina urbana, em nome da expansão imobiliária (BRUM, 2012). Houve resistência e o resultado foi um incêndio criminoso, na madrugada do Dia das Mães (onze de maio) de 1969, dando pistas de como seriam as demais remoções nos casos em que a população das favelas se opusesse a sair<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup>Destaco aqui a professora Doutora Nilda Alves, que faz parte da linha de pesquisa Cotidiano, Redes Educativas e Processos Culturais, do Programa de Pós Graduação da UERJ – PROPED, que em suas pesquisas e artigos redige desta forma, demarcando esse conceito como indissociável.

<sup>7</sup>Mais detalhes sobre as remoções no Rio de Janeiro podem ser lidas na íntegra do texto “**Memórias da remoção: o incêndio da praia do pinto e a 'culpa' do governo**”, do pesquisador, historiador e prof<sup>o</sup>

Não me lembro de ter conhecimento sobre este assunto na infância, pois na passagem do primário para o ginásio (fundamental I e II, na denominação atual), acontecia das turmas se misturarem, os alunos trocaram de escola ou se mudarem, o que pode ter dificultado a percepção sobre as mudanças. Ouvi falar oficialmente sobre este assunto na vida adulta, sendo apresentada por meio da poesia “Quem Matou Aparecida?” do poeta maranhense Ferreira Gullar, em sua fase de pensamento político socialista. Nela, o poeta retrata a vida da jovem Aparecida desde a dura infância até os quinze anos, quando ateou fogo ao próprio corpo, depois dos muitos enfrentamentos e a culminante morte de seu bebê<sup>8</sup>.

O espaço como favela desapareceu completamente do meu campo de visão ao mesmo tempo em que foi se erguendo no local, um condomínio chamado Selva de Pedra, também conhecido como *favelão* pelos moradores mais antigos do bairro. O *favelão* e a Cobal (um grande espaço de feira livre dentro de um ambiente fechado), encobrem desde então, o que foi uma das primeiras colônias de pescadores do bairro, cujo resquício é



Figura 1: 2017. Foto de minha autoria, Centro de Nova Friburgo

possível perceber na presença dos poucos moradores que insistem em pescar com rede, no canal que fica um pouco mais adiante, no Jardim de Aláh. Aqui uma tensão espaço-temporal se concretiza, no deslocamento dos moradores da favela, para abrigar os estrangeiros-militares que vieram de Brasília. Destinos não cruzados entre homens, mulheres e crianças, separados por uma lacuna de tempo – a construção do condomínio – que foram substituídos

por outros homens, mulheres e crianças, cujas vidas se cruzam unicamente no contexto deste projeto.

Passaram-se mais de 40 anos para aquele que identifico como um segundo cronotopo, quando em janeiro de 2011 vivi na região serrana o maior desastre

---

Mário Sérgio Brum, que escreve principalmente sobre os seguintes temas: questões urbanas, Educação, identidade e estigmas, favelas, movimentos sociais, poder público, políticas públicas, políticas para juventude, História do Brasil República, História Oral e História Local. Pesquisador associado ao INCT-INEAC - UFF. Créditos completos nas referências.

<sup>8</sup>O livro do poeta consta nas referências.

socioambiental da sua história. Para além dos fatores meteorológicos, estudos identificaram a ocupação desordenada pela população nas encostas das montanhas aliada ao descaso do poder público, como aquilo que potencializa catástrofes desta natureza e são, portanto, tragédias anunciadas. Neste episódio, passei dois longos dias sem ter notícia alguma sobre minha filha, cunhadas, sobrinhos e amigos. Vi casas destruídas, bairros desaparecerem e com eles, histórias de numerosos grupos familiares. Vi rios mudando seus cursos, prédios desabados. Um casal amigo resgatou perto de quinze crianças da lama naquela longa madrugada sem luz. Ouvi outros tantos relatos que ainda ecoam. Na cidade foram implantados cerca de 70 abrigos provisórios em escolas, instituições e em todos eles moravam claro, crianças. Soube de muitas delas que mudaram para casa de parentes, vizinhos ou conhecidos. Em muitos pontos da cidade a condição de vida provisória e precária se estende até os dias atuais, com pessoas morando próximas ou nos escombros, que são vistos por nós diariamente, como um cronotopo congelado da tragédia, assim como o registro do prédio que desabou no centro da cidade e que até o início dessa pesquisa continuava em escombros, causando impacto ao vermos uma pia, varal de roupas ou um quadro, itens do interior das nossas casas sendo escancarados pelo lado de fora.

Outra marcação espaço temporal que identifico e que reforça o meu interesse sobre o tema das infâncias e seus deslocamentos forçados, se refere a uma viagem para Alemanha realizada em janeiro do ano de 2016, onde fui apresentar o projeto com crianças e adolescentes atendidos pela Organização Não Governamental onde realizo um trabalho, o que me possibilitou estar como voluntária durante uma semana numa casa de acolhida para crianças e adolescentes em situação de refúgio da Síria e Afeganistão. Eram encaminhadas para lá crianças sem referências familiares, que já tivessem passado pelo cadastramento de algum abrigo geral, normalmente numa cidade de grande porte, como Berlim ou Düsseldorf, seguindo a Convenção de Dublin<sup>9</sup>. Em conversa com a coordenadora da casa de acolhida, soube que o protocolo para refugiados na Alemanha estabelece que dois ou três meses depois da triagem inicial, as crianças e adolescentes sejam distribuídas e conduzidas em grupos para cidades de acordo com o PIB local, onde residirão até a maioria ou até que sejam localizadas por parentes, o que, de acordo com os relatos, vinha sendo hipótese remota.

---

<sup>9</sup> Convenção de Dublin é uma lei da União Europeia para agilizar o processo de candidatura para os refugiados que procuram asilo político ao abrigo da Convenção de Genebra, na redação dada pelo Protocolo de Nova Iorque.

Nesta experiência estive com crianças queimadas e amputadas, que, nos poucos momentos em que convivemos, pareciam adaptadas e brincantes. Nesse tempo, minha interação foi nos espaços coletivos de jogos e nos momentos de refeições. Como não falávamos a mesma língua, brincar, comer e beber foram nossas referências universais de encontros e possibilidades comunicacionais. Contribuiu para estabelecer algum vínculo o fato de estarmos no período do carnaval alemão, cuja festa é realizada no mês de janeiro. No último dia, saímos para ver um desfile de carnaval – Carnaval de Mulheres – e pude vê-los brincar e dançar, entre os blocos que passavam na avenida principal.

Por fim, a quarta abordagem que me conecta ao tema, chegou por meio de uma conversa com meu tio, um francês que se casou com a irmã da minha mãe. Nascido em Paris, onde viveu até os nove anos, era russo por descendência e brasileiro naturalizado, país onde viveu a maior parte da vida. Nosso encontro aconteceu em fevereiro de 2016, após o carnaval brasileiro deste mesmo ano, quando do meu retorno da viagem à Alemanha. Conversamos informalmente sobre sua vinda para o Brasil na infância e ele narrou detalhes de sua experiência de *não lugar* nos três territórios que lhe serviam de referência: na França, onde nasceu e origem da sua emigração, sentia-se deslocado mesmo sendo nativo, pois sua forte cultura familiar (as brincadeiras, músicas, comidas e tradições) era russa; no Brasil, país da imigração, para onde veio ainda criança e onde viveu por mais de setenta anos, até seu falecimento em fevereiro de 2019, sempre se sentiu estrangeiro e na Rússia, país escolhido como seu território de origem, de onde carregava suas tradições e cultura, foi dentre estes, o único lugar onde nunca esteve fisicamente. Ao longo da conversa, meu tio repetiu mais de uma vez o seu propósito na juventude de jamais casar-se com uma russa no Brasil, para que seus filhos não fossem estrangeiros no lugar onde nasceriam como ele foi. E assim fez, casando-se com uma brasileira (minha tia), à revelia de sua família.

Como meu tio Michel e o menino Geedi, da epígrafe desse texto, que é somali sem nunca ter ido à Somália, os povos em diáspora, se agarram aos fios das suas raízes, reunindo forças por meio das histórias e memórias que os conectam ao lugar de onde saíram, ainda que os territórios nem sempre existam mais do ponto de vista territorial. Malala, ativista e (a mais nova) ganhadora do prêmio Nobel da Paz em 2014, aos 17 anos, nos fala sobre isso, que

Muita gente acha que refugiados deveriam sentir apenas duas coisas: gratidão ao país que lhe ofereceu asilo e alívio por estarem a salvo. Acho que a maior parte das pessoas não compreende o emaranhado de emoções que surge ao deixar para trás tudo o que você conhece. Não se está apenas fugindo da

violência – que é o motivo pelo qual tantos são forçados a ir embora e aquilo que os jornais mostram – mas também deixando seu país, sua amada casa. Isso parece se perder nas discussões sobre refugiados e deslocados internos. Há um foco exagerado em onde estão agora, em vez de no que perderam.

Malala Yousafzai. P. 55, 2019

Ela continua dizendo “*não sinto falta dos sons da cidade sob o cerco, com helicópteros do Exército sobrevoando nossa casa e bombas explodindo cada dia mais alto e mais próximo, mas tenho saudades da nossa casa*”. Malala nos dá pistas de que ao falar de saudade, fala da vida que continua viva nela, da experiência da vida em não guerra, de tudo que a constituiu, como experiências sem espaço para aparecer. Dessa vida que precisa ser des-coberta e levada em conta.

Esse curioso fio que me conecta a essas três pessoas – tio Michael, Geedhi e Malala - me fez perceber o quanto se materializava em mim o interesse sobre como as pessoas, particularmente as de pouca idade, vivem essas experiências territoriais, em especial aquelas em que há intercorrências, onde é preciso refazer territorialidades.

Entre as infâncias identificadas nos quatro relatos cronotópicos parecia não haver diálogo com as crianças sobre o que lhes acontecia, bem como sobre a relação delas com os (des) lugares: no primeiro caso, minha memória de infância envolvida com a “mágica” situação do desaparecimento de um lugar que deixou de existir, quando da sua remoção; no evento socioambiental, as crianças que seguem na vida convivendo em espaços que por meio de destroços continuam refletindo e atualizando de forma naturalizada o desastre ambiental; no terceiro momento, crianças que perderam totalmente suas referências espaciais e se encontram refazendo a vida em outros territórios; e no quarto, as memórias de um adulto sobre seus eternos (des) lugares não só na infância, mas em toda a vida. Suspeito que esse “não diálogo” com as crianças pode ter sido o motor para esse trabalho.

Estamos falando de experiências infantis em diferentes *tempoespaços*, atentando para o fato que apenas no meio do século passado tenha se dado o reconhecimento da Declaração dos Direitos das Crianças<sup>10</sup> como documento oficial pela ONU, concebendo a criança como sujeito de direitos e que trinta anos depois surgia a Convenção dos Direitos da Criança como texto jurídico e obrigatório aos países membros da ONU, documentos

---

<sup>10</sup> Apesar de tal necessidade ter sido enunciada na Declaração dos Direitos da Criança em Genebra, em 1924 e reconhecida na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

que em seus princípios colocam a criança em lugar de atenção, proteção e auxílio emergencial, com direito a socorro em primeiro lugar, em caso de catástrofes.

Ao emaranhar essas vivências pessoais de longa data às experiências das outras personagens percebo que se apresentam a mim como dimensões ético-estéticas ligando essas infâncias por traços de semelhanças, que para além de uma visada cartesiana e objetiva, unem-se por afinidades numa concepção benjaminiana que leva em conta pluralidades, singularidades e intencionalidades vividos em diferentes tempos, configurando-se como possíveis alavancas para as questões dessa pesquisa. O campo das ciências humanas e essa pesquisa em particular atravessam as questões da vida nas emergências do cotidiano permitindo que o compartilhamento de experiências singulares (micro) aqui apresentadas sejam compreendidas como experiências coletivas (macro) pautando meu compromisso ético com aquilo que me parece urgente ser problematizado.

Não é possível pensar em formas de desenvolver e apresentar uma pesquisa nesse âmbito desconectada do momento atual que o mundo atravessa, em que a pandemia mundial multiplicou a fome e a morte alargando e escancarando as desigualdades, afetando diretamente o público dessa pesquisa. Assim como o nazismo foi provocador de uma resistência para Benjamin, a quem me filio teoricamente, o tempo do agora exige de nós uma couraça que faça frente à barbárie mundial que se re-coloca.

Percebo a possibilidade que esse trabalho oferece, ao entrelaçar ciência com aquilo que me toca pessoalmente e que desejo colocar em debate nesta pesquisa: a singularidade da vida de pessoas de pouca idade em suas migrações, refúgios e deslocamentos. Um reconhecimento e intenção de que, assim como essas, futuras vivências individuais possam ser compreendidas como experiências percebíveis e passíveis de participação nas decisões sobre suas vidas e no coletivo daqueles que se desloca(ra)m.

## 1.2 Os outros

**Thekyat**, desde a primeira vez que a vi chamou minha atenção por sempre usar roupas muito coloridas, andar rapidamente de um lado para o outro, falando com todo mundo, pronta para uma boa conversa; depois veio **Geedhi**, o menino cujo nome significa “em movimento” pois começou a seu primeiro deslocamento ainda na barriga da mãe. **Nya e Salva**, ambos de 11 anos caminharam por muito tempo, tendo a água e a falta dela como aquilo que determinava seus deslocamentos. 23 anos os separava no

mesmo Sudão do Sul. **Eloísa** mudou-se com o pai para um lugar tão diferente, que todos os seres vivos lhe pareciam muito assustadores; **Satélite** me foi apresentado por uma amiga e deu para perceber como era um menino com forte liderança entre crianças e adultos, no local onde vivia, por conta de sua personalidade, mas principalmente por conhecer palavras que ninguém mais decifrava; me deparei com a **menina de tranças**, de quem nunca soube o nome, que tinha as bochechas rosadas e olhava tudo a sua volta, inclusive a mim. Reparei logo que vestia-se como a avó: com saia comprida e colorida; Seu nome é **Mary** e disse que saíra de onde morava com as irmãs porque lá todos fumavam, até os pequenos “assim ó”, relatou mostrando com a mão, uma medida na altura de sua barriga; **Omar**, um menino perspicaz e curioso com o que se passava a sua volta, que gostava de reafirmar que seu nome significava “o que tem vida longa”; Ela se chamava **Sama**, menina que nasceu e morou no hospital que seu pai construiu e depois que se mudou seguiu carregando na pele o cheiro da sua cidade.

As dez crianças brevemente apresentadas no parágrafo acima não se conheciam até serem reunidas nessa tese. O que as une além do fato de serem crianças é que são ou foram pessoas em situação de refúgio e, por esta razão, com quem eu gostaria de dialogar e refletir sobre o tema que me capturou e seguiu me afligindo ao longo desses anos de pesquisa. Quando eu aqui as reúno, o que elas dizem umas para as outras às constitui como um legítimo outro, ao mesmo tempo em que me constituo como pesquisadora reconhecendo-me nas suas pupilas. Promovo esse encontro na tentativa de me incluir e melhor compreender o que elas certamente já dizem há muito nessa grande conversa sobre a situação de refúgio, mas nós pouco as escutávamos.

Um pouco antes de conhecê-las começo a gestar as primeiras ideias sobre esse assunto ainda por meio da mídia, como dito na apresentação e por isso trago uma outra matéria que me capturou e que apresentava a exposição<sup>11</sup> de um fotógrafo sueco, **Magnus Wennman**, que em 2015 decidiu descobrir e registrar durante sete meses, onde dormiam as crianças que fugiam das guerras nas fronteiras de seis países: Jordânia, Líbano, Turquia, Hungria, Sérvia e Grécia. Seu intuito era provocar a atenção das pessoas, que poderiam

---

<sup>11</sup> A reportagem no Brasil pode ser acessada no link: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/10/fotografo-retrata-criancas-refugiadas-dormindo-em-florestas-ruas-e-abrigos.html> e no jornal sueco, na reportagem original: <https://darbarnenover.aftonbladet.se/chapter/english-version/>

não compreender os motivos da guerra na Síria, mas poderiam por exemplo, sentir o quanto faz falta, especialmente para as crianças, ter um lugar seguro para dormir. Seguir a vida sem ter uma casa foi o que aqui me capturou.

Dali em diante, segui atenta à intensa provocação midiática, que fez circular nos canais de comunicação notícias alarmantes sobre o que se apresentou ao mundo naquele mesmo ano como “crise de refugiados”. A aparente expressiva dimensão desse fluxo no mundo, em particular no continente europeu, provocou de imediato uma impressão generalizada e (in)consequente sobre o ameaçador aumento no número de refugiados que conseguiam chegar ao continente europeu, entre eles e com certo zoom, as situações dramáticas envolvendo resgates, afogamentos, prisões, deportações e mortes com especial destaque para as crianças nessas situações.

Demarco o sentido do termo “fluxo”, amplamente usado para se referir as pessoas refugiadas, como hostil a estas que precisam ser acolhidas. Quando se trata um grupo de pessoas como bando, amontoado, multidão ou fluxo, a primeira reação para aqueles que os estão vendo de fora é a ausência do indivíduo, da identidade, da pessoa com nome próprio ou mesmo de alguém não humano, por esta razão, as crianças interlocutoras foram aqui apresentadas por seus nomes próprios. Estendo essa posição à estatística que modo em geral também desumaniza, por isso fiz pouco uso desse recurso quantitativo, embora apareça em breves momentos.

Como pesquisadora da infância, me chamou a atenção constatar mais profundamente o que já havia ouvido sobre o estranho paradoxo que de um lado alardeava o risco que essa categoria humana oferece, parecendo incriminar exatamente pessoas que precisam ser acolhidas e protegidas, sobretudo as crianças, que seguiam acompanhadas ou sozinhas nos deslocamentos forçados. E de outro, demarcava uma condição de tutela e carência sobre o qual a pessoa em situação de refúgio vive deflagrada por grandes campanhas midiáticas para apadrinhamento aos refugiados, promovidas por organizações humanitárias internacionais, que geram volumosas arrecadações financeiras, capazes de promover ações emergenciais, mas que não necessariamente atuam na promoção da qualidade de vida e da dignidade<sup>12</sup> das pessoas nessas condições.

---

<sup>12</sup> Aqui me refiro, por exemplo, ao tratamento dado oficialmente pela ONU, ao chamar de ração os alimentos oferecidos para as pessoas nos campos de refugiados, o que indiretamente as assemelha aos animais. <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/onu-diminui-racoes-alimentares-para-refugiados-na-africa-por-falta-de-fundos.html>

Reconheço essa dicotomia como um lugar de disputas, uma arena política onde a pesquisa vai se posicionando e ambientando o ninho de uma produção teórica, afinada com aqueles que convido a pensar o tema comigo e o próprio tema em si. Tal qual o barro que vai tomando a forma ao ser tocado, e que negocia ser afinado, alargado, encolhido, pedindo por água ou por sol, por movimentos mais lentos ou intensos até se constituir enquanto um objeto único, com um formato específico que só a ele, no encontro com as mãos, sol e água, caiba ser. Em outras palavras, é aqui que lugar político e lugar de pesquisa se confundem – se tornam unidade sob minha responsabilidade. É quando se insere na relação com a pesquisa o compromisso social com o que se produz na academia, com as novas éticas que dela emergem – que podem ou não balizar novas formas de vida. A esfera da ciência transbordando e vindo para a vida. A esfera da vida forçando os limiares da ciência e tornando ponte aquilo que antes era fronteira<sup>13</sup>.

Em meio às reflexões emaranhadas em alteridades, intolerâncias e contradições que esse tema convoca, senti o impulso de dar um zoom nesse conceito de “outros” do qual compõem a infância contemporânea e em particular as crianças em situação de refúgio. Para tal, me aproximei do ativista e antropólogo sul-africano Mafeje que aprofundou o debate sobre alteridades, na particularidade da divisão “Eu e o outro” (BORGES, 2015).

Para o autor, a fixação das pessoas em territórios como foi executada pelo colonizador implantou uma ideia de prosperidade e pertencimento ao Estado-Nação, como preconizava a lógica universal. Esta era a condição ideal e necessária à colonização, precedida da invasão, da conquista e do genocídio. Com essa ideologia sendo praticada em larga escala, a violência do colonizador seguia autorizada a incluir e excluir “o outro” da esfera da humanidade “comum”, branca e europeia de acordo com interesses e acordos.

Para ele, essa noção do outro estava calcada naquilo que nomeou como *ideologia do tribalismo*, conceito pano de fundo para uma produção de conhecimento de viés colonial. A forma de classificar as sociedades seguia as categorias de ideologia coloniais, assim foram sendo constituídos os termos *tribal* e *primitivo*, como referenciais antropológicos dirigidos aos povos colonizados. Toda literatura clássica ainda segue

---

<sup>13</sup> Trecho trazido do artigo apresentado no 7º GRUPECI, em março de 2021, escrito por mim, Carolina Trapp de Queiroz e Irani Ribeiro, com o título: Tornar-se pesquisador: estesia, escolhas políticas e caminhos estéticos.

reafirmando esses termos sem aprofundar uma discussão sobre a origem e os sentidos atrelados a eles.

Como professor militante, perseguido e alvo constante de investigações tinha como principal bandeira romper com a reprodução que se perpetua no pensamento antropológico contemporâneo, estendendo essa abordagem colonialista a outras dualidades que seguiram a mesma concepção, como: rural e urbano e tradicional e moderno, por exemplo. Por esta razão, defendia o propósito de se produzir conhecimento no continente africano de forma endógena, interna, criando a noção de africanidade em contraponto as formas opressoras que rebaixavam o *outro* à condição de objeto. Atenta ao lugar político do *outro* que Mafeje defende, amplio as dualidades para pensar a relação adultez e infância, também historicamente colonizadora, na busca pela construção de um diálogo horizontalizado com as crianças.

Agamben (2008) que me ajuda a pensar numa concepção de infância que transgrida o que se define (ainda) sobre essa categoria como um por vir no sentido da incompletude, me conecta a linguagem, pensando a infância como o limite entre o homem e o sujeito que se constitui na linguagem. Aquilo que está anterior a linguagem é infância, que guarda na mudez o seu sentido maior. Embora o autor transite na esfera do sujeito pré linguístico, ele não limita infância ao ambiente que antecede a palavra, mas eterniza a infância uma vez que esta nunca deixa de chegar e sempre trará uma fala nova tão logo seja introduzido na língua.

Consolido o diálogo entre as concepções de Mafeje e Agamben tornando-as complementares ao que pretendo discutir sobre a infância em situação de refúgio. Assim como no colonialismo mafejeano o outro é aquele que não entende o colonizador que acredita que tudo sabe, é também aquele que precisa aprender, que está aquém, podemos considerar que todas as colônias ocupadas nunca foram genuinamente ouvidas nem tampouco compreendidas e respeitadas historicamente. Para esse outro, em que a africanidade que Mafeje propõe se coloque como possibilidade de emancipação, sendo elas mesmas narradoras de suas histórias, visualizo um fio necessário com as infâncias agambenianas, melhor dizendo, compreendo que as histórias e experiências das crianças refugiadas, quando enunciadas por elas mesmas podem nos oferecer novos modos de ouvir, de ver, de perceber suas singularidades, nos permitindo aprender, tanto na riqueza do novo que habita a mudez de Agamben, quanto na possibilidade de interromper a surdez e cegueira que assola o colonizador .

### 1.3 Esses outros em pesquisas outras

Aqui vale destacar algumas pesquisadoras brasileiras que escrevem sobre refúgio e infância e que contribuíram para minhas reflexões por também transitarem pela infância refugiada, como a profª e Jornalista Jana Tabak, que atua do campo das Relações Internacionais, mais especificamente da Segurança Internacional no âmbito da ONU. Vem desenvolvendo pesquisas sobre “crianças associadas às forças armadas ou grupos armados”, expressão que vem sendo adotada pela UNICEF para se referir ao termo ainda usual “crianças-soldado”, por ser uma forma mais abrangente de incluir várias outras atividades desempenhadas pelas crianças junto a esses grupos, como: cozinheiros, espiões, escravos sexuais, entre outros.

Apesar de adotar essa terminologia, não substituiu o termo criança-soldado em sua pesquisa como forma de problematizar essa questão, que une duas expressões que, em sua concepção não deveriam se encontrar. Sua pesquisa de mestrado nasce instigada pela leitura da autobiografia<sup>14</sup> de um menino que participou da Guerra Civil em Serra Leoa, narrando desde seu recrutamento até seu retorno a vida civil. No doutorado<sup>15</sup>, sua pesquisa coloca em debate o conceito de uma infância universalizada, como preconiza a ONU, e por esta razão, rotuladas como incapazes e vítimas, sem reconhecer nelas agência e conseqüentemente sem ouvi-las sobre o rumo de suas vidas. Tem na infância seu foco central de interesse tangenciando a violência, os Direitos Humanos e as Organizações Internacionais<sup>16</sup>, buscando garantir que as múltiplas experiências de infâncias possam se tornar mais visíveis e que a ideia de uma infância “normal” seja desconstruída.

Trago duas dissertações de mestrado contemporâneas a minha pesquisa: “*Crianças refugiadas: um olhar para a infância e seus direitos*” de Deborah Esther Grajzer, da Universidade Federal de Santa Catarina defendida em 2018, e a dissertação de Monique Roecker Lazzarin, da Universidade Federal de São Carlos defendida em 2019, com o título “*Quando a infância pede refúgio: os processos de crianças no Comitê Nacional para refugiados*”. Débora desenvolveu uma pesquisa qualitativa de análise documental, que problematiza as condições de educação e de vida das crianças e seus

<sup>14</sup> O livro escrito por Ishmael Beah chama-se “Muito Longe de Casa”

<sup>15</sup> Para conhecer na íntegra essa instigante pesquisa: [https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1012219\\_2014\\_completo.pdf](https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1012219_2014_completo.pdf)

<sup>16</sup> Alguns de seus textos recém-publicados: Marshall Beier, J. and Tabak, J., eds. *Childhoods in Peace and Conflict*. Palgrave Macmillan, 2021. MARSHALL BEIER, J. ; TABAK, J. . Children, Childhoods, and Everyday Militarisms. CHILDHOOD-A GLOBAL JOURNAL OF CHILD RESEARCH , v. 4, p. 1, 2020

direitos, sejam eles garantidos ou não. Interessou-me a sua abordagem às fotografias, como artefato que possibilitou um olhar ampliado para a condição de infâncias vividas em diferentes partes do mundo. Em relação a fotografia nossos interesses dialogam ainda que com opções distintas, pois decidi evitar a veiculação de imagens de crianças em suas fragilidades, já a autora optou exatamente por destacar essas imagens impactantes de crianças em situação de severa vulnerabilidade e que foram que amplamente divulgadas na mídia, como a menina de 12 anos afegã fotografada pela revista National Geographic em 1985; a menina de 4 anos da Síria, com os braços levantados de frente para o fotógrafo, supostamente por ter confundido a câmera com uma arma; o menino Sírio que morreu afogado e foi encontrado de bruços na areia da praia na Turquia e o menino sentado em uma ambulância, com o rosto coberto de sangue e areia, em Aleppo. Sua análise respeitosa e contundente buscou a aproximação com o universo infantil por meio da possibilidade empática que essas imagens revelam.

A pesquisa de Monique produziu um mapeamento da infância refugiada no Brasil, seja ela solicitante, reconhecida como refugiada, indeferida, deferida, em tramitação ou outras categorias. Sua abordagem analisou estatisticamente dados secundários disponibilizados pelo Conare até o ano de 2016 e detalhou o cruzamento de variáveis como classe, gênero, idade, status e origem e local da solicitação (capital ou interior do Brasil) entre processos deferidos e indeferidos. A autora chama a atenção para o fato de que até o ano de 2016, os haitianos figuravam como o maior quantitativo de solicitação entre todas as nacionalidades no Brasil.

O governo brasileiro optou por lidar com essa onda migratória utilizando o visto humanitário (solicitado no consulado brasileiro no Haiti) que ainda aguarda regulamentação, a reconhecê-los como refugiados, uma vez que os haitianos não estavam sendo perseguidos. Estendeu esse recurso posteriormente aos sírios e venezuelanos, deixando de aprimorar a política migratória com bases sólidas e sim gerenciando as situações de crise, em resposta as pressões da sociedade civil, como avalia a autora.

Seus dados indicam ainda que no recorte de países de origem, o maior número de crianças vem do Oriente Médio e de países de África, sendo os cinco países de maior imigração a Síria, Colômbia, República Democrática do Congo, Angola e Romênia. A nacionalidade indica também um fluxo equivalente entre os gêneros, com destaque para as crianças senegalesas, iraquianas e libanesas, onde há expressivo percentual masculino de solicitantes. A maior quantidade de processos com pendências envolvendo crianças vem dos países em África, com maior expressividade para Angola.

Os destaques aqui brevemente apresentados sinalizam uma gotícula do universo das pesquisas que envolvem as questões de migração e refúgio de um modo em geral, mais ainda na especificidade da infância. O caminho que busquei aponta para o caminho singular da criança em situação de refúgio, embora não fosse possível percorrê-lo sem o mergulho nos dados oficiais, tampouco sem esses e outros estudos que me antecederam, o que foi primordial para minha compreensão sobre essa realidade tão múltipla.

As crianças compõem um grupo social minoritário, no sentido da tutela e da dependência que o mundo adultocêntrico impõe, dificultando de todas as formas uma participação atuante, o que se agrava quando essa criança é também uma pessoa em situação de refúgio. Neste sentido as pesquisas que unem esses dois conceitos enfrentam os desafios da subalternização, da infantilização e do sujeito na condição de vir-a-ser, duplamente: como criança e como refugiado. Deste modo, busquei uma escrita que permitisse a criação de um olhar estético<sup>17</sup>, que possa na efemeridade de um instante, capturar o que se passou diante dos olhos, fazendo reverberar por todos os sentidos tudo aquilo que se tornará texto e que de certa forma se configure como uma via de mão dupla entre o observador-narrador e o outro em que se constrói *com*, mesmo que não mais em presença.

#### 1.4 Os outros no mundo

“Globalmente o fluxo daqueles que tentam passar cessou. [...] Nos caminhões não se encontram mais que dez a trinta por noite. Eles perceberam que seus esforços estão fadados ao fracasso. [...] Os que serram as grades são presos pelos guardas. Os que se escondem em caminhões são encontrados. [...] Alguns motoristas avisam os guardas da sua presença. São encontrados também por obra dos detectores de batimentos cardíacos ou de CO<sup>2</sup>. Erigimos grades pelos quarenta quilômetros de periferia do túnel e Inundamos alguns terrenos”. [...] VISNIEC, (2017, p. 22-23)

As frases da epígrafe que abre esse tópico poderiam encaixar-se perfeitamente num discurso nazista ou em outras narrativas presentes nos diversos cenários de

---

<sup>17</sup> Esta reflexão é parte do texto escrito por mim, Carolina Trapp de Queiroz e Juliana Botelho Viegas “A observação e a escrita como lugares de negociação da participação das crianças na pesquisa” apresentado no 6º GRUPECI – Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias, Belém-Pará, em 2018.

perseguições e intolerâncias que levaram a genocídios ao longo da nossa história. É possível revisitar esses dramas mundiais ou conhecê-los por meio da memória e do testemunho de sobreviventes que habitam a literatura acadêmica e diferentes artefatos culturais que os mantem vivos nas fotografias, nas artes plásticas, nos livros e nos filmes.

Na fotografia acessei a quase totalidade das imagens em sites e blogs, ou seja minha fruição se deu pela reprodução da reprodução da cena enquadrada pelos fotógrafos, artistas sensíveis ao drama do refúgio ou artistas que já viveram ou vivem a experiência do refúgio. Acatei o enquadramento terceirizado e dele fui formando meu acervo de imagens ciente que cada um deles é uma interpretação, um recorte da realidade, que como diz SONTAG (2004) *são reduzidas, ampliadas, recortadas, adaptadas, adulteradas, reproduzidas, de acordo com a intencionalidade: o museu expões, o jornal publica, nós emolduramos e frequentemente colecionamos, sem muitas vezes sequer, voltar a vê-las.*

No âmbito dessa pesquisa este artefato funcionou como o elo que me conectou com determinadas obras artísticas (instalações e exposições, por exemplo) e estas sim, ilustrando e inspirando determinadas argumentações, muito mais do que a fotografia como fonte testemunhal. Procurei com as imagens falar do tema do refúgio e da infância sem usar e divulgar imagens de crianças refugiadas. Uma escolha, uma decisão de me afastar da marca da infância desamparada que a maioria dessas imagens explora. Alguns defendem e consideram a importância política na divulgação de situações que sem a fotografia, o mundo não conheceria – desta forma -, como a clássica imagem da menina sul-vietnamita correndo nua com o corpo queimado, ou as outras já mencionadas na pesquisa de mestrado da Débora Graizer, na seção anterior. Entretanto, Sontag diz que a escolha do fotógrafo no momento do clic é a escolha da não intervenção, o que se tornou aceitável, na modernidade. Diz ela que *a pessoa que interfere não pode registrar e a pessoa que registra não pode interferir* (p.22), o que parece bem óbvio, mas nem tanto.

No caso da famosa imagem da menina afegã – Scharbat Gula - fotografada num campo de refugiados no Paquistão pelo fotojornalista Steve McCurry da revista National Geographic nos anos oitenta, houve uma interferência posterior quando em 2002, o fotógrafo voltou ao Paquistão para acompanhar o fechamento daquele campo e passou a procurá-la, até que localizou um morador remanescente que conheceu um dos irmãos da menina e este contou que a família havia voltado para a cidade natal. Lá muitas mulheres se apresentavam como Gula, que teve finalmente seu nome revelado nessa ocasião aos trinta anos de idade quando sua identidade foi confirmada por meio de alta tecnologia biométrica de análise da íris de seus olhos que coincidiu com a da foto. Naquele momento

a mulher que vivia numa aldeia nas montanhas revelou que nunca tinha visto seu retrato famoso.

*Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada* diz Sontag. Aquela imagem foi capturada e pulverizada no mundo, equivalendo-se a uma prova incontestável do acontecimento que deveria estar descrito na matéria. Uma forma cronotópica de aprisionar aquele passado naquela fatia de espaço, o que torna o ato de fotografar uma forma de ato, no caso de congelar o passado, mas ao mesmo tempo mantê-lo presente, como uma pseudo-presença.

Ainda que essas reflexões tenham contribuído com a minha decisão por não utilizar imagens de crianças refugiadas visualizei inúmeras vezes tais imagens envolvendo angústia e sofrimento, no sentido de perceber algo mais daquela realidade social, numa perspectiva em micro escala, por meio da observação dos detalhes das suas roupas, calçados (quando havia) ou qualquer outro elemento presente, que pudesse contar sobre aquela criança na sua singularidade. Despertar uma certa consciência sobre aquela específica experiência da infância em situação de refúgio, na construção de um pensamento que ligasse as imagens ao cenário histórico. Por outro lado, revê-las inúmeras vezes também permitiu que eu as visse a cada vez com menos impacto, pois foram se tornando familiares a mim, o que revela um outro aspecto sobre a exposição da dor e sofrimento alheio.

Dentre as obras de artes plásticas que apreciei nas redes sociais e em sites – via imagens fotográficas –, algumas tiveram suas autorias disputadas por determinado artista ou mesmo eram atribuídas a eles intensões relacionadas a motivação da obra, como no caso da “escultura” do artista sírio de Aleppo **Tamman Azzam**, cuja obra teria sido construída em 2016, com destroços de sua própria casa, de acordo com o que circulava nas redes sociais. Entretanto a imagem foi contestada por alguns usuários e pelo próprio artista que em entrevista



Figura 2 - Fotomontagem de Tammam Azzam, 2012

afirmou ter construído a imagem em **2012**, para retratar o ambiente no país durante a Primavera Árabe. Além disso a imagem não fora construída com blocos de cimento das ruínas de sua casa, mas sim com recortes de fotografias de destroços, feita com recursos de programas de edição e imagens<sup>18</sup>. O que importa ressaltar é a vulnerabilidade na qual sites e redes sociais se colocam enquanto acervo para as pesquisas. Aqui, fica claro que se determinada imagem é comentada por alguém simpatizante de determinado lado da história, aquela imagem pode ser ou não uma montagem; se uma criança morta é palestina, para um judeu a imagem tocará de uma forma que não será como para um palestino. Há relatos de fotos de crianças mortas utilizadas pelos dois lados de um mesmo conflito armado, mudando-se apenas as legendas.

No campo da literatura infantil a especificidade do tema do refúgio me pareceu mais recente, embora já se tenha escrito sobre infância e refúgio, como o fez Brecht pela primeira vez em 1948. Atualmente muitas obras estão sendo lançadas em todo mundo. Como o público a que se destina essa literatura é a criança, esse gênero literário muitas vezes carrega concepções de infância universalistas ainda muito atreladas a formação e a educação desse público, numa ideia desse sujeito que ainda não é, mas sim um vir-a-ser. Ou uma concepção de literatura didatizada ou mesmo aquela que precisa florear uma situação, para não fazer a criança sofrer.

Em muitas obras pode-se observar o caráter literário e o didático disputando espaço nas narrativas sobre crianças refugiadas, como se fosse necessário ensinar as crianças sobre refúgio, o que de fato é relevante, mas não necessariamente no âmbito da literatura infantil, que deveria fixar-se no campo do sensível, provocando estésias sobre o tema, como pude sentir em algumas obras. Há também testemunhos em forma de diários que relatam experiências autorais, como nas conhecidas obras *O Diário de Anne Frank*<sup>19</sup> (1947) e *É isto um homem?*<sup>20</sup> (1947) do escritor e químico Primo Levi, sobrevivente de Auschwitz, ambos com narrativas sobre suas experiências com o holocausto. Embora não tenha lido nenhuma das duas obras para a finalidade da pesquisa, vi quando criança o filme da menina judia e tenho conhecido aos poucos e mais recentemente, por meio de estudos e pesquisas, o testemunho do Primo Levi. Desta feita, aqui os trago e me atrevo

---

<sup>18</sup> Site do próprio artista e suas obras: [www.tammamazzam.com/photomontage](http://www.tammamazzam.com/photomontage)

<sup>19</sup> Diário escrito pela jovem autora que dá título à obra, durante o período da 2ª Guerra Mundial. Uma narrativa testemunhal sobre o período que estava com sua família em um esconderijo até serem capturados.

<sup>20</sup> A obra testemunhal publicada em 1947 narra as experiências do autor italiano Primo Levi no campo de concentração de Auschwitz.

a considerá-los pertinentes ao campo das memórias de infância em condições adversas, onde há uma explícita necessidade de abrigar tais experiências, seja num diário ou num livro, importando o *contar*, *que nos fala de uma necessidade quase vital de compartilhar*, como diz a prof<sup>a</sup> Rosana Bines<sup>21</sup>, *tanto quanto comer ou dormir*. Entretanto, essa partilha precisa encontrar eco do outro lado, ou seja, faz-se mister que haja uma escuta que a reverbere.

O cinema também nos conta sobre os muitos genocídios narrando fugas e deslocamentos históricos e dentre os artefatos culturais, essa linguagem artística teve destaque por me ajudar a organizar uma trajetória que caminhou da busca inicial por filmografias que tocassem no tema do refúgio, seguindo a busca para filmes que narrassem sobre refúgio e infância e na sequência, me conduziu a uma busca por obras cujas produções contassem majoritariamente com a participação efetiva de refugiados, na produção, direção ou na atuação. Perspectivas e rotas que foram se desviando ao longo da pesquisa e que me aproximaram do que disse o cineasta Eduardo Coutinho, ao se referir aos seus documentários: “*O que se filma é o encontro e não a realidade: o encontro de uma equipe com o outro*”.

Aqui abro um necessário parêntese para destacar o uso inaugural do termo genocídio, criado no pós holocausto pelo jurista Raphael Lemkin<sup>22</sup>, que nasceu como uma tentativa de nomear a carnificina ao qual o mundo estava diante, como sendo um plano de desintegração sistemático de uma nação ou grupo étnico, naquele caso os judeus. A partir dessa contribuição e de outros juristas, a ONU determinou essa prática com um crime contra a humanidade, por meio da Convenção sobre Prevenção e Repressão do Genocídio, em 1948, para que juridicamente houvesse aplicação penal. Apesar disso, relatórios descrevem outros massacres como genocídio (inclusive anteriores a II Guerra Mundial, como o genocídio armênio iniciado em 1915, exterminando 1,5 milhões de pessoas), apesar do mundo/ONU não os reconhecer como tal ou intervir como proclamado na convenção. Podemos citar o caso de Ruanda, onde 800 mil pessoas morreram em 100 dias, ou da Bósnia, com 100 mil mortos em três anos, sendo rapidamente acudida, por se configurar como território de maior interesse para a Europa, fazendo com que essa guerra fosse reconhecida como um genocídio.

---

<sup>21</sup> Palestra proferida pela professora da PUC Rosana Kohl Bines, no 2º ciclo de palestras *Yad Vaed*, em 31 de maio de 2020, com o título: *Literatura e testemunho: Primo Levi*

<sup>22</sup> Mais informações sobre o jurista e sua trajetória na formulação do termo holocausto pode ser lida em <https://www.museudeimagens.com.br/raphael-lemkin-genocidio/>

Entretanto, talvez seja possível afirmar que as Américas viveram o mais prolongado e mortal genocídio da história, quando milhões de vítimas entre os povos originários desse continente foram mortas durante a ocupação dos europeus no período empreendido entre 1500 e 1900. GRODIN e VIEZZER (2018) relatam em detalhes os resultados de sua pesquisa, depois transformada no livro “*O Maior Genocídio da História da Humanidade — mais de 70 milhões de vítimas entre os povos originários das Américas – Resistência e Sobrevivência*”, afirmando que a conquista e ocupação territorial pelos europeus provocou ao longo dos séculos, cerca de 70 milhões de mortos. Seria este o maior genocídio da história?<sup>23</sup>.

Adichie Mafeje, ressalta em sua tese sobre a ideologia do Tribalismo, que foi por meio dos dualismos que a política colonialista de assentou: segregando e sustentando a lógica classificatória do racismo biológico que historicamente justificou e manteve por tanto tempo o *apartheid*. E que se perpetua em outras formas de racismo que vão sendo repaginadas.

Voltando ao início dessa seção, um trecho do texto de Matei Visniec, dramaturgo romeno e refugiado político foi escolhido como epígrafe por demarcar, com sua escrita aguda, a urgência com a qual esse tema se coloca no mundo. O que a epígrafe nos conta não está presente em nenhum filme ou livro sobre nazismo ou genocídio, mas é o pronunciamento de Jacques Gounon, presidente do Euro-túnel, em entrevista ao Jornal *Le Monde*, difundida pela Agência Reuters, em 2016<sup>24</sup>.

Trata-se de uma narrativa em reação ao crescente fluxo humano que se dirige à Europa, onde milhares de pessoas se amontoavam por mais de 10 anos, na maior favela “provisória” da Europa ocidental, na França, em Calais. Essa cidade abriga o porto comercial mais importante no tráfego com a Inglaterra. O túnel, que transporta passageiros e veículos, tem a extensão de 50 km ligando Paris a Londres, destino almejado pelos migrantes. Para impedir o acesso, foram colocadas grades ao longo de 40 km ficando de fora apenas a parte submersa, gerando novos gastos equivalentes aos milhões de euros já investidos na construção do túnel, como tentativa de conter a circulação dessas pessoas, deixando-as confinadas em tendas, sem condições dignas de vida, paradoxalmente depois de fugirem de lugares onde já não era mais possível viver.

---

<sup>23</sup> Em entrevista à Rádio Nacional Alto Solimões, no Programa Natureza Viva, a autora socióloga comenta sobre a obra, que pode ser ouvida em: <https://radios.etc.com.br/natureza-viva/2018/05/genocidio-de-70-milhoes-de-vitimas-e-retratado-em-obra-recem-lancada>

<sup>24</sup> O trecho é uma das citações presentes no livro de Matei Visniec (2017)

Aqui, mais uma vez o investimento em fronteiras no lugar de pontes revela o quão acirrada e distante de uma solução, se configura a questão do refúgio na Europa e no mundo em relação ao *outro*.

## 2. ANDANÇAS

### 2.1 Ninguém caminha só

Levando em conta meu pressuposto sobre a dimensão vulnerável desse público, a real (e inicial) dificuldade em estabelecer um contato direto com crianças em situação de refúgio e a necessidade de fundamentar teoricamente o estudo, a opção inicial foi realizar uma busca por pesquisadores e teóricos que desenvolvessem seus estudos e pesquisas com as temáticas infância e refúgio, ainda que essa revisão de literatura tenha me acompanhado durante toda a caminhada da pesquisa. Uma forma de me inserir nessa caminhada.

Concomitante às leituras iniciais, vou compreendendo que pesquisar crianças<sup>25</sup> e infâncias na perspectiva da vulnerabilidade é promover constantemente um deslocamento no lugar próprio do adulto pesquisador, que precisa estar atento a uma nova imagem dialética sobre os modos como essa infância se apresenta e como devo construir um olhar sensível a percepção das crianças interlocutoras nessas condições. É deslocamento no sentido de sair do lugar de quem interpela as crianças para ocupar o lugar de quem pode aprender com elas, na observação, se aquietando ou espreitando-as no mundo. Aqui foi se iniciando também a construção paulatina de uma ética do cuidado, da escuta e da observação, resultando em garantir certa distância, aqui subentendida também como cuidado com a (possível) dor do outro.

Esses primeiros passos impuseram alguns desafios: foi preciso criar modos outros de perceber, modos de registrar, modos de analisar e de sistematizar o conhecimento que foi sendo produzido, uma vez que a interação concreta, direta e proativa com esses interlocutores não esteve em primeiro plano, dado o meu pressuposto sobre a dificuldade de estar com crianças em situação de refúgio e o cuidado como dito acima, ainda que alguns encontros tenham acontecido. O desenho metodológico foi tomando rumo e forma na medida em que considerei ouvir e dialogar com elas também na condição de

---

<sup>25</sup> Esse trecho é uma adaptação do Capítulo 7 do livro Pesquisa, Alteridade e Experiência: metodologias minúsculas. Escrito por mim, pela prof<sup>a</sup> Rita Marisa Ribes Pereira e pela pesquisadora Juliana Botelho Viegas em 2019, cujo título é Infâncias, Cidades, (in)visibilidades: metodologias de pesquisa em construção.

personagens (de filmes e livros) resolvendo desta forma a dificuldade inicial de contato e buscando compreender como essa infância específica era apresentada e representada no mundo.

Para falar delas, ou seja, o caminho da escrita foi iniciado por meio de crônicas autorais, textos aqui tratados como teoria social, colaborando na construção dos conceitos e posicionamentos. Essa abordagem veio amadurecendo ao longo do projeto coletivo do GPICC de 2017<sup>26</sup>, que inaugurava uma mudança metodológica no caminho do diálogo com a criança, quando em pesquisas anteriores, todo o processo partia da nossa postura propositiva, ou seja, instaurando e conduzindo a pesquisa junto às crianças, delimitando o campo e desenhando as estratégias metodológicas, na direção atual de uma abordagem menos propositiva. A partir de então, nós pesquisadoras nos deslocamos do lugar daquela que as interpela na direção de se deixar afetar por elas e observar. Para a delicadeza que esse tema impunha, foi tranquilizador do ponto de vista do cuidado, embora desafiador quando pensava em como se daria a participação das crianças na pesquisa.

Entendendo que a participação da criança é um processo de negociação que perpassa toda a construção da pesquisa, e que se intensifica na escrita, concordo com Amorim (2002), entendendo a enunciação como lugar de expressão e, mais ainda, de constituição de subjetividade, mas seu sentido só se produz numa relação de alteridade<sup>27</sup>. Então aqui aparecerão os impasses, os limites, as dúvidas e tudo o mais que compõe a participação das crianças reais e fictícias nessa pesquisa.

Como já dito, na mesma medida em que o tema do refúgio foi sendo apresentado a mim midiaticamente trazendo matérias jornalísticas recheadas de imagens fotográficas, outros artefatos culturais me ilustravam o cenário do refúgio contemporâneo. Antes mesmo de compreender o conceito de refúgio fui formando imagens que estetizavam o conceito emoldurando diversos artefatos culturais, mais especificamente nas fotografias, no cinema, nas artes plásticas e na literatura infantil, como dito brevemente no capítulo anterior, o que aguçou meu interesse em relação a essas fisionomias criadas sobre os refugiados nesses contextos.

---

<sup>26</sup> O Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea, coordenado proa prof<sup>a</sup> Rita Ribes, na UERJ elaborou o projeto de pesquisa “Fisionomias da Infância: experiências, alteridades e deslocamentos” apresentado ao Edital “Cientista do Nosso Estado – FAPERJ em 2017.

<sup>27</sup> Esta reflexão é parte do texto escrito por mim, Carolina Trapp de Queiroz e Juliana Botelho Viegas “A observação e a escrita como lugares de negociação da participação das crianças na pesquisa” apresentado no 6º GRUPECI – Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias, Belém-Pará, em 2018.

Para essa caminhada foi oportuna a companhia e o diálogo com o filósofo Walter Benjamin como aporte de fundo para a construção de um pensamento crítico e analógico entre a situação que vivemos no mundo/Brasil hoje, com destaque para a complexa situação de barbárie que se constata na vida das pessoas em situação de refúgio e a sua visão e posicionamento de resistência no enfrentamento às múltiplas formas de violência e barbárie que se revelaram também a ele mesmo, como refugiado fugindo do nazismo na primeira metade do século passado.

Sua breve e intensa vida produziu conceituações caras aos estudos da infância, da história, da filosofia e das artes, que foram dando suporte teórico a essa tese de um modo geral, bem como nas reflexões que circunscreveram-se sobre sua concepção de arte e de estética, produzida no célebre ensaio “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”, publicado originalmente em 1936 (2012), quando, aguçado pela experiência da perseguição política, o filósofo afirmava reconhecer a força do fascismo sobre a estetização da política, presente no culto à perfeição, ao belo, a um conceito de beleza que evocava uma ideia de limpeza, de ordem, de contemplação e homogeneização das massas, como projeto do que viria a ser o holocausto.

Assim foi paulatinamente sendo incutido naquela sociedade européia do início do século passado, que saía de um estado depressivo pós 1ª Guerra Mundial, um sentimento purista de rejeição aos “não belos”, imperfeitos, negros, judeus, dando início ao projeto de extermínio que culminou no holocausto. Muito resumidamente, Benjamin supôs que o dispositivo capaz de fazer frente a esse movimento eugenista poderia se dar pela politização da arte. Essa nova percepção estética pretendia atingir a mesma massa pacificada e alienada, subvertendo-a a uma possível revolução por meio de processos de conscientização e domínio da técnica, que fossem transformando uma cultura de massa estagnada, numa cultura de massa que provocasse e despertasse o sentido da autonomia e da liberdade na população.

A experiência de Benjamin e a atualidade que vivemos no século seguinte ao que ele viveu guardam semelhanças capazes de revelar no agora uma estetização política repaginada, expressa pela mídia que alardeia o risco que a humanidade corre com o avanço da movimentação de refugiados pelo mundo, reforçada pelas políticas de securitização e segurança internacional dos Estados e do grito de socorro das organizações protetivas, como já dito no início do texto. Esse corpo institucional faz uso de toda mídia de comunicação de massa que classifica e rotula as pessoas em situação de deslocamento, ora como vítimas em suas campanhas de arrecadação de recursos, ora

como um perigo eminente, alardeando nos noticiários situações de violência, de desemprego e de risco de ações terroristas. Destaco o rótulo que carimba qualquer fisionomia que remeta às pessoas médio orientais ou dos países do continente africano, sem excluir os latinos e centro-americanos desse alvo.

Para pensar esse conceito de fisionomia tão disputado em diferentes campos científicos (como na genética, biologia e psicologia) do pensamento moderno, foi preciso primeiro compreender a ideia construída de explicar, classificar e nomear o caráter das pessoas por meio de seus traços físicos. Ali nascia o movimento segregador eugenista que, respaldado na ciência excluía deficientes físicos, negros, imigrantes asiáticos e qualquer outro indivíduo que se distanciasse do tipo eugênico ideal.

Para Benjamin, que caminhava na contramão deste pressuposto, fisionomia poderia ser compreendida como a possibilidade de se escrever a história por meio de imagens, apostando numa percepção sensível que deixasse rastros de uma época. Essa materialidade tornada visível traria em si experiências e histórias de determinado tempo capazes então, de dar uma fisionomia às datas. Para Benjamin, as fisionomias não se constituíam pela natureza, mas por construções históricas (BOLLE, 2000).

De certa forma, Benjamin atualiza aquela barbárie, como um *déjà-vu*, contribuindo com o relampejar com o qual a semelhança que se deu nesses tempos (o dele e o meu) se configura na experiência atual do refúgio. Aqui Benjamin e Archie Mafeje conjugam suas contribuições trabalhando com conceitos que guardam similaridades - de eugenia e a ideologia do Tribalismo<sup>28</sup> -, na qual, cada um a seu modo formula críticas às categorias exógenas para classificar as sociedades partindo de ideologias europeias.

Percorri essa pesquisa com esse paradoxo atualizado, propondo um rompimento com a linearidade da história da humanidade e sua consequente formulação sobre o conceito de uma história outra, que acolha o ponto de vista dos vencidos, reparando que as concepções de Benjamin e Mafeje também se aproximam das do antropólogo indiano Appadurai<sup>29</sup>(2009) e revelam afinidades frente ao anseio contemporâneo de desviar as lentes do mundo hegemônico e eurocêntrico que vive as consequências do seu colonialismo e direcionar o foco para o mundo não eurocêntrico, almejando um mundo que revele mais da diversidade existente.

---

<sup>28</sup> O antropólogo sul-africano desenvolveu o conceito de tribalismo

<sup>29</sup> As ideias do antropólogo indiano Appadurai serão mais aprofundadas no capítulo ÁGUAS, de onde destaco seu conceito de ideocídio, que trata do que ele percebe ser “o medo ao pequeno número” a expressão que explica a repulsa do pensamento global hegemônico da maioria sobre qualquer minoria.

Em determinado momento da pesquisa, com as leituras, as discussões no grupo de pesquisa e especialmente nos encontros de orientação fui me dando conta do quanto minha colonialidade estava se afirmando na análise dos artefatos, muitos deles produzidos por alguém que fala do e sobre o outro para que em seguida, eu falasse daquelas crianças apresentadas por eles. Paulatinamente fui desviando-me deste caminho na medida em ampliava os estudos pós coloniais, até que eu pudesse percorrer uma rota em que as narrativas e roteiros fossem produzidos não pela mídia, pelos governantes ou representantes de organizações de proteção sobre as pessoas em situação de refúgio, mas produções genuinamente autorais, onde as pessoas em situação de deslocamentos forçados fossem enunciadas por elas mesmas, no cinema, nas artes plásticas, na fotografia, na literatura, o que me fez passar um filtro no acervo antes selecionado.

Na tentativa de compreender esse mix de modos de fazer essa pesquisa, encontro em Eduardo Galeano, escritor, jornalista e caçador de histórias uruguaio uma contribuição para ela, quando nos conta em sua microcrônica “A linguagem da arte” que habita a página 25 do “O Livro dos Abraços” que

Chilopone vendia jornais e engraxava sapatos em Havana. Para deixar de ser pobre, foi-se embora para Nova York. Lá, alguém deu de presente a ele uma máquina de fotografia. Chinolope nunca tinha segurado uma câmera nas mãos, mas disseram a ele que era fácil: - “*Você olha por aqui e aperta ali*”. E ele começou a andar pelas ruas. Tinha andado um pouco quando escutou tiros e se meteu num barbeiro e levantou a câmera e olhou por aqui e apertou ali. Na barbearia tinham baleado o gângster Joe Anastasia, que estava fazendo a barba, e aquela foi a primeira foto da vida profissional de Chinolope. Pagaram uma fortuna por ela. A foto era uma façanha. Chinolope tinha conseguido fotografar a morte. A morte estava ali: não no morto, nem no matador. A morte estava na cara do barbeiro que a viu.

Eduardo Galeano, 1991-2013.

Nessa pesquisa, como Chinolope, me coloquei a possibilidade de “olhar por aqui e apertar ali” sendo capturada por histórias, vestígios ou fragmentos de testemunhos que em algum instante me interpelaram naquilo que em seguida passei a conceber como algo que fosse significativo à infância e ao refúgio fazendo interseção com esse trabalho. A via de mão dupla já mencionada anteriormente é compreendida também por Bakhtin, presente nessa andança por me fazer perceber, como é dialógica a criação dos textos nas ciências humanas. São eles, observador e observado/pesquisador e pesquisado, os produtores do texto, pois ao iniciar a escrita, o autor já se encontra impregnado pelo outro

e por tudo o mais que lhe constitui. E isso que lhe constitui é como um oceano, que se move por vezes imperceptivelmente, atravessado por suas correntes e ondas, como são nossos valores e culturas: dominantes, marginais, minorias. Requer, portanto, uma permanente noção crítica sobre si e deste outro, a fim de evitar um discurso colonizador no momento da escritura. É no ato da escrita onde nos encontramos novamente juntos, não mais naquele momento do estar na presença ou revendo algum filme, mas no acontecimento do pensar, criar, teorizar. É neste lugar singular e não indiferente que o autor assina sua obra-texto com uma ética construída na originalidade e responsabilidade (AMORIM, 2006).

Como então, criar esse olhar estético, que esteja em consonância com o que observei? Penso que o ponto de partida esteja na ligação intrínseca que une forma e conteúdo, a partir daquilo que nos toca, que nos prende o olhar e que nos convoca então, a guardar, para depois lançar, como nos ensina Antônio Cícero, na epígrafe do livro de PONTES<sup>30</sup> (2009) *guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. Em cofre não se guarda coisa alguma. Em cofre perde-se a coisa de vista. Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado* de tal forma que se cria a necessidade de compartilhar.

Destaco que o que verdadeiramente me afetou não foram cenas, páginas ou diálogos com crianças refugiadas, como percebia anteriormente, mas sim os instantes em que as percebi crianças. Sem rótulos e estereótipos que as classificasse ou confirmasse a condição de refugiada. De determinado ponto em diante, passei a procurar traços de infância nas crianças que, por conta das situações adversas, enfrentavam situações e tomavam decisões que de modo em geral são mais recorrentemente experimentadas por pessoas adultas, acreditando e defendendo a ideia de que o tempo da infância está sempre ali habitando crianças, independentemente das circunstâncias vividas por elas.

Nos momentos em que me despi das couraças adultoeurocêtricas, comecei a suspeitar que seria possível escrever sobre experiências de diferentes infâncias em situação de refúgio no diálogo com aquilo que me tocou dos encontros com crianças e dos artefatos culturais já mencionados, embora seja verdadeiro dizer que adiei a tarefa da escrita muitas vezes quando paralisada me questionava sobre qual seria o meu lugar, ou mesmo se teria capacidade de colocar em palavras o que estava vendo, lendo, pesquisando. Deveria largar tudo e me dirigir para o campo ou as fronteiras, onde meus

---

<sup>30</sup> Deslembrar de Luciano Pontes e ilustração d Rosinha.

braços poderiam fazer algo mais palpável? Qual o lugar da ciência frente à barbárie que se escancara? Nesses momentos me lembrava de Benjamin nos dizendo que *“jamais houve experiências tão desmoralizadas como as estratégicas pela guerra de trincheiras, as econômicas pela inflação, as físicas pela fome, as morais pelos donos do poder”* em seu ensaio “Experiência e Pobreza” (1986, p. 195) constatando desde o início do século passado, que algumas circunstâncias como o trauma da Primeira Guerra Mundial e o enfraquecimento do modelo patriarcal familiar de transmissão de experiências, seriam marcas daquela recém época moderna que se anunciava promissora, mas, que de seu ponto de vista, empobreciam de tal forma os indivíduos, revelando um quadro de barbárie traduzido pela imagem desastrosa do silêncio que emudeceu soldados sobreviventes daquela guerra.

A pobreza da experiência que ali se revelou e que já se mostrara na fisionomia do mendigo medieval, seria a que se retrata agora no rosto das pessoas em situação de refúgio? Que fisionomias de crianças nessas condições temos condições de perceber? Quais infâncias nos fitam sem que nos demos conta? Quais delas nunca foram nem serão mostradas?

Tais indagações e essa ambivalente condição oscilante do dentro e fora da pesquisa, que ora impulsiona, ora paralisa, gerou um quase permanente estado de angústia também alimentado pelo fluxo veloz de informações e notícias sobre o tema, divulgadas por meio das instâncias oficiais, (como ONU<sup>31</sup> e ACNUR<sup>32</sup> entre outras) que apresentam relatórios, fatos e dados em constante mudança. Além desses, diversos sites e redes sociais de organizações nacionais e internacionais atuantes na problemática do refúgio divulgando informativos regularmente, confirmando o fluxo intenso de mudanças recorrentes na dinâmica da situação desse tema no mundo, ou revelando novos conflitos, como o recente e dramático terremoto no Haiti e a violenta tomada do poder do grupo Talibã, no Afeganistão. Os números se alteram, as relações internacionais, os tratados e as convenções são complexos e com muitas variantes. É uma sensação de estar sempre desatualizada. Por outro lado, as indicações bibliográficas, filmatográficas e literárias abordando a temática que reúne infância e refúgio foram primordiais para os novos rumos da pesquisa, reforçando minha avaliação sobre a pouca produção acadêmica relacionada ao tema, apontando para a relevância de mais estudos voltados a estas questões.

---

<sup>31</sup> Organização das Nações Unidas

<sup>32</sup> Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

## 2.2 Etnoandanças: passeio pelas telas, livros, imagens e comidas

Foi desafiador organizar o caminho percorrido, pois ele ia e voltava muitas vezes fazendo revelar uma constante incompletude, pois durante muito tempo, boa parte do que foi produzido não parecia ter liga entre si. Segui como num labirinto desconexo com muitas saídas que voltavam no mesmo lugar, ou pior ainda, em lugar algum. De fato, uma tese que pretende analisar os deslocamentos talvez não pudesse ser produzida sem viver os seus próprios deslocamentos. É o pensamento que Pereira<sup>33</sup> (2021) constrói sobre esse percurso, no texto “*A metodologia mora no tema*” chamando atenção para a necessária expansão da relação *eu-tu*, construída entre pesquisador e pesquisado ampliando-a, com a inclusão do *ele*, colocando o tema caminhando junto com o fazer da pesquisa, ao longo de cada etapa do processo.

Aqui dois caminhos se configuraram: a observação do cotidiano de crianças em experiências de refúgio e a observação de personagens infantis em situação de refúgio. Parece que há uma repetição de observações, mas há sutis diferenças que nem sempre foram de fácil percepção para mim. A observação das crianças será apresentada mais adiante, para que nesse momento a observação das crianças nos artefatos culturais entre em cena. Nessa guinada, peguei a etnografia emprestada da antropologia por me ajudar no trabalho de campo e por me permitir desenhar o passo a passo, sem regras pré estabelecidas a serem seguidas, mas com o bom senso apurado, bem como as percepções do campo, no contexto da pesquisa. Para além das descrições, os rastros e pistas que se colocaram a mim foram conjugando meu acervo. Nessa andança fui delimitando os instrumentos de análise, os interlocutores.

Parte dessa bagagem de artefatos foi composta contendo 31 filmes, dos quais assisti 16 deles mais de uma vez e 35 livros de literatura infantil, dos quais, 21 igualmente lidos mais de uma vez, na medida em que sentia necessidade de revisitar o campo e os personagens-interlocutores. Esse foi um importante momento de definições, que gerou mudanças nos rumos da pesquisa, pois boa parte do que acessei sobre o tema me veio quase que em sua totalidade não pelos refugiados, mas por representações textuais e imagéticas sobre pessoas em situação de refúgio ou deslocamentos, condição que foi se transformando ao longo da pesquisa em narrativas mais autorais, ou seja, o refugiado se enunciando a mim de alguma forma.

---

<sup>33</sup> Texto na íntegra na Revista Educação e Realidade  
<https://www.scielo.br/j/edreal/a/QTsShKwbrV9bSpyscShctnP/?lang=pt#>

Não conheço as bases dos estudos teóricos do cinema, mas busquei a etnografia de tela como possibilidade metodológica que me auxiliasse na análise e interpretação de alguns aspectos fílmicos para que pudesse minimamente perceber, do ponto de vista do espectador, no caso eu, formas de fruição da produção – a trama, as imagens, fotografia, enredo – que façam sentido para mim no recorte da infância em situação de refúgio. Entendi lendo algumas pesquisas e o recente artigo de Carvalho e Lima<sup>34</sup> (2021) que os autores apregoam que os Estudos culturais já apontavam para o princípio da posição do espectador embasando os modos de endereçamento. Ou seja, a minha percepção do filme se constitui como um dado relevante, implicando na própria forma do filme, já que há uma estrutura de endereçamento, por meio da qual o filme se conecta a um espectador idealizado. O debate que Carvalho e Lima seguem propondo sobre a recepção, induz a necessidade de se considerar os componentes raça, gênero e sexualidade, entre os espectadores uma vez que certamente produzem leituras distintas sobre uma mesma obra. Aqui incluo a infância na tentativa de uma abordagem crítica ao que se oferece maciçamente nas produções midiáticas endereçadas a elas.

Dos filmes, comecei por *A Lista de Schindler*<sup>35</sup> (1993), *Bem-vindo a Saravejo*<sup>36</sup> (1996), *Hotel Ruanda*<sup>37</sup> (2004) por serem de ampla divulgação e fácil acesso e por narrarem sobre alguns dos muito extermínios e massacres da história. Depois fui conduzindo a escolha dos filmes para produções que envolvessem personagens refugiados ou migrantes, como em *Samba* (2014) um romance francês e *A boa Mentira* (2014), produção americana que tangencia a história dos meninos do Sudão, colocando foco nas organizações responsáveis por resgatar grupos de sudaneses dos campos de refugiados e no estado americano, a supervalorização da recepção. Um clássico típico cinema hollywoodiano que produz e apresenta um espetáculo de massa cuja trama segue mostrando cenas do cotidiano dos jovens sudaneses em solo americano vivendo toda sorte de ridicularização marcada pelas diferenças culturais, expondo-os em situações do mundo urbano, do qual nunca fizeram parte, como abrir uma torneira, acender o fogão ou usar o banheiro. Por fim, o romance destaca a transformação da assistente social americana, com destaque no cartaz de divulgação do filme, que antes não se envolvia com os que

---

<sup>34</sup> Etnografia de tela e semiopragmática: um diálogo entre metodologias de análise fílmica.

<sup>35</sup> Produção e direção de Steven Spielberg. Trata do holocausto de judeus na Europa.

<sup>36</sup> Produção de 1996, retrata a guerra civil pelo movimento de independência da Bósnia, deflagrada pela intolerância entre os grupos étnicos croatas, sérvios e bósnios.

<sup>37</sup> Foi produzido em 2004 com direção de Terry George. Genocídio em Ruanda, África, entre as etnias hutus e tutsi, que durou cem dias e dizimou aproximadamente 800 mil pessoas, sendo a maioria da etnia tutsi.

chegavam e ao longo da trama vai desenvolvendo uma relação de afeto pelo grupo de irmãos.

Essa filmografia colonialista me fez refletir sobre quem narra especificamente porque foram assistidos anteriormente aos documentários *Refugee* (2016) e *Human Flow* (2017), onde a intensão das produções era criar aproximações entre as pessoas em situação de refúgio e nós que as assistimos, com a força de realismo e de denúncia que é constitutiva de um documentário. Aqui uma ruptura que me instigou a procurar por um outro tipo de cinema e ficar muito mais atenta às produções. É nítida a força de difusão que uma obra ficcional carrega em relação a distribuição de um documentário e suas intensões quase contraditórias me fazem perceber a amplitude que Benjamim já visualizava com o risco da reprodutibilidade técnica. Não só em relação a velocidade de alcance de um e de outro, mas sobretudo na técnica de seleção e montagem que lhes é conferida.

Em 2019 me inscrevi na Mostra de Cinema Africano produzido pelo SESC/SP e assisti filmes e participei de debates, alguns com a participação de diretores. Trago para ilustrar o colonialismo fílmico, o curta *O azul, branco e vermelho dos meus cabelos*<sup>38</sup> (2016) que trava um rico debate familiar inspirado na história da própria diretora da obra, Josza Anjembe, que trouxe para a tela uma adolescente que aos dezessete anos, ingressou na Universidade e tinha encantamento pela história da França. Como francesa, jovem negra, filha de pais nascidos nos Camarões, passou a juventude ouvindo a pergunta “de onde você é?” e ao que respondia “da França”, recorrentemente a pergunta se estendia, dando a entender que a pessoa esperava “África” como resposta. Afinal, uma mulher negra não poderia ser francesa, ainda que várias gerações de negros tenham nascido em solo francês. Seu filme denuncia essa perspectiva racista, cuja experiência reflete o que Grada Kilomba<sup>39</sup> (2019) desenvolve em seu livro “Memórias da Plantação” ao narrar por meio de muitas memórias, sobre a ideia de um novo racismo.

Esse conceito, que como qualquer fenômeno social está em constante mudança, se difere de uma concepção anterior de racismo que se pautava na biologia e na ideia de superioridade para justificar a exclusão de pessoas de determinada raça – a negra – considerando aqueles “daquela raça” como sendo inferiores. O conceito de novo racismo já não faz referência a inferioridade racial, mas aborda as diferenças culturais, migrando da ideia da hierarquia para a ideia da diferença, da incompatibilidade de se viver com

---

<sup>38</sup> Produção francesa com direção de Josza Anjembe.

<sup>39</sup> A primeira edição da obra foi em 2008, em inglês.

peças culturalmente diferentes. As perguntas como “de onde você vem?” dizem sutilmente que “você não é daqui”, revelando a sutileza desse novo racismo .

A França oferece muito incentivo na formação de novos cineastas e na produção de filmes africanos, mas pensando nessa colonialidade onde nada vem de graça, os recursos que em muitos festivais possibilita que as produções participem como filmografia de língua estrangeira anunciada como africana, no final das contas é classificado como cinema francês. Nos debates após as sessões, falas recorrentes de cineastas africanos afirmavam ser preciso muita negociação para que uma obra participe não como cinema francês, de onde vem o investimento, mas africano, de onde é idealizado e produzido. Aqui o debate é sobre os recursos coloniais dos quais o cinema africano depende. Luta travada por liberdade de criação, de produção e de visibilidade.

Outras obras serão comentadas ao longo da pesquisa, mas neste momento ressalto que busquei elaborar um mapeamento de produções artísticas sobre as pessoas em situação de refúgio ou deslocadas, particularmente as crianças por meio desses diferentes artefatos culturais, tendo por objetivo desmistificar fisionomias das infâncias em deslocamentos forçados apresentadas inicialmente por estes e mais adiante por elas mesmas, analisando ao longo do trabalho possíveis formas de fazer migrar essa estetização midiática, que vem atuando muitas vezes como veículo de conservação do *status quo*, a serviço de uma política hegemônica, na direção de uma politização artística em condição de deslocar o foco, mudar paradigmas e criar diferentes perspectivas em torno e a favor das pessoas refugiadas.

As primeiras crianças refugiadas que vi presencialmente estavam participando de um evento com e sobre refugiados, em Santa Teresa, em 2017, espaço que será apresentado adiante. Durante a tarde eu e minha filha de 10 anos à época, assistimos apresentações musicais, contação de história, degustamos de uma gastronomia diversificada e compramos alguns artesanatos. Olhando em volta o tempo todo, me chamou a atenção entre as muitas crianças que lá estavam, especialmente um grupo de meninas que usava vestidos com tecidos de estampas bem coloridas e penteados com tranças super elaboradas. Levou um tempo para que eu percebesse outras pistas que indicassem crianças que nomeei em pensamento como as refugiadas. Minha visão estava ainda embaçada e meu olhar apenas começando a se educar para uma percepção onde coubesse outros rastros que não os estereotipados, as fisionomias eugenistas que o meu racismo fazia revelar. No final das contas, quase todas as crianças que ali estavam eram

refugiadas. Descobri por fim, que aquele fora um evento promovido exatamente para que eles se encontrassem.

Outro aspecto para atentar é que estar com minha filha de dez anos foi facilitador, na medida em que, como uma senha, ela me incluía nos ambientes onde as crianças preferiam e poderiam estar, sem aquele estranhamento maior do adulto observador/pesquisador instalado num ambiente por onde crianças reconhecidamente circulam de forma livre, como o parquinho infantil dentro do Centro cultural Municipal Parque das Ruínas, onde o evento acontecia.

Para chegar a elas e a Feira, me aproximei inicialmente da Instituição Cáritas Arquidiocesana, que desenvolve o Programa PARES – Programa de Atendimento a Refugiados – cuja sede está próxima a UERJ, onde desenvolvo minha pesquisa. Dali conheci um dos programas realizados em parceria com a universidade que é o curso de Português com refugiados, oferecido pelo Departamento de Letras. Descobri também que professores de outros departamentos eram partícipes da recém-criada Cátedra Sérgio Vieira de Melo UERJ, formada oficialmente naquele ano (2017), embora desde 2014 um grupo de professores já desenvolvesse ações junto a esse público.

Foi por meio daquele um evento promovido pela Instituição Pares/Cáritas RJ que conheci o projeto “Feira Chega Junto”. Criado em 2015 com o objetivo de promover a integração das pessoas em situação de refúgio, que traz como proposta garantir um espaço onde mensalmente aconteça um encontro gastronômico e de troca etnocultural entre pessoas em situação de refúgio e pessoas não refugiadas que venham conhecê-los tendo a culinária como interseção. A ideia é também trocar conhecimento por meio de gostos, sabores e cheiros, intercambiando um pouco da cozinha autêntica e artesanal de seus países de origem e ao mesmo tempo em que os visitantes podem conhecer e degustar dessa gastronomia típica diretamente de países como Síria, Palestina, Nigéria, Angola, Congo, Haiti, Venezuela e Colômbia, outros contatos e trocas se efetivam.

Foi nesse espaço e por meio da comida que surgiu o campo concreto da pesquisa e a experiência daquilo que venho chamando de uma etnografia do gosto. Minhas percepções, impressões e observações no âmbito deste campo terão como instrumento principal o prato de comida me conduzindo aos interlocutores. Estive na feira gastronômica “Chega Junto”, em Botafogo, no Estado do Rio de Janeiro, no período empreendido em 11 (onze) sábados mensais nos anos 2017, 2018 e no primeiro semestre de 2019. Este projeto de feira foi itinerante durante um período – no ano de 2017 (e em eventos esporádicos) e pude acompanhá-lo em três locais, a saber: Parque das Ruínas em

Santa Tereza, o pátio do Campus da UFRJ na Urca, a Pontifícia Universidade Católica na Gávea e depois, de forma permanente na área externa da Igreja Christ Church Rio, no bairro Botafogo, todos na zona sul do município.

Inicialmente suspeitei que trabalharia com uma inversão de posições: até então, a feira não viria a ser um lócus de permanência, como se dá com as feiras semanais dos bairros, mas sim um território em itinerância. Neste caso, as crianças poderiam ter alguma regularidade na presença, já que seus pais são em geral, os mesmos feirantes que os levam para as feiras, e que seriam elas – as feiras – os itinerantes. Aqui os territórios mudavam das pessoas, o que me faz pensar também na alternância das paisagens e nas crianças enquanto permanência. Mudava de lugar para permanecer no mesmo ambiente, no fluxo dos deslocamentos cronotópicos da pesquisa.

Depois de algum tempo o projeto passou a ocupar regularmente o pátio externo da Igreja Christ Church Rio no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, onde compartilhava como já dito, uma gastronomia produzida por pessoas estrangeiras em situação de refúgio. Durante as tardes em que frequentei esse espaço, passava por todas as barracas, explorando a diversidade de línguas, os tons, os cheiros, os sabores e a movimentação das pessoas, em particular das crianças. As experiências mais frequentes com elas se deram nos entrecruzamentos de olhares observando suas brincadeiras e interações com outras crianças e adultos. Algumas vezes a postura de observar provocava um desconforto em mim, já que não compartilhamos de nenhuma palavra em comum e era uma adulta desconhecida a observar tais crianças.

Em outros momentos, de forma mais aproximada, acompanhei as atividades de algumas crianças nas barracas onde pude me demorar um pouco mais, e vi momentos de colaboração delas junto aos adultos, na escolha e degustação dos pratos, ajudando a servir ou quando se alimentavam, ouvi à distância suas narrativas sobre temperos, misturas, preferências e modos de fazer.

Vale lembrar que não havia intenção por uma interlocução direta com crianças, mesmo que nos reconhecêssemos nos meses seguintes, considerando o sentido concreto do diálogo, da palavra e da proximidade física, uma vez que a aproximação com elas poderia continuar se dando pela observação. Minha tentativa era também de perceber se a minha não fala me permitiria de alguma forma perceber, do meu lugar de pesquisadora, como elas se sentem nos momentos da impossibilidade ou dificuldade de se comunicar verbalmente, ainda que isso não fosse a minha realidade. Pensei que desta forma pudesse emergir outros questionamentos que se referem à condição da ausência de uma

comunicação verbal: como me comunicar por gestos e expressões faciais com quem possivelmente – ainda - não fala a mesma língua? De que formas podemos interagir sem a comunicação verbal, gerando alguma empatia? O que seria necessário e possível observar e perceber? Lá na Feira Chega Junto o que tínhamos como liga era a comida e assim, o prato de comida tornou-se meu instrumento de campo mais recorrente do que o celular ou o bloco de anotações. Entretanto, um episódio refletiu um certo desvio no foco comida e infância, como descrevi nas anotações de campo:

*“Num dos sábados, fui com Antônia e Juliano (um amigo da escola) para a Feira. Neste dia, fizemos penteados no cabelo, escritura do nome em árabe no braço e ficamos até o final do show musical. Indo embora já no portão, caiu um cisco no olho da Antônia e ela começou a gritar. Rapidamente apontei para onde era o banheiro, enquanto juntava as coisas. Ela correu para lá e eu fui alguns minutos depois. No final do corredor interno da Igreja, tinham 4 portas, duas de cada lado e no lado direito, quatro meninas na porta com expressão aflita. Ao me avistarem, imediatamente fizeram gestos me chamando e apontando para aquele banheiro do lado direito, para onde se dirigiram na minha frente. Era lá onde estava Antônia”.* Aquelas narrativas gestuais e expressões faciais deram conta de me conduzir ao socorro à Antônia e me fizeram compreender que na impossibilidade da fala, os sentidos de todos os interlocutores envolvidos se aguçaram de tal forma que a comunicação se fez. Naquele momento não tinha quem fosse estrangeiro, quem fosse nacional. Existia uma situação que precisava de atuação imediata.

A experiência acima parece óbvia do ponto de vista humanitário, entretanto, o que acontece na realidade das pessoas refugiadas foge ao óbvio. No mundo globalizado, que expandiu a comunicação, o transporte e o livre comércio, apoiando a livre transferência transfronteiriça de bens, serviços e investimentos, restringe o direito humano de livre movimentação (MARTUSCELLI, 2015) quando se trata de pessoas que se deslocam por estarem em risco de vida. Neste caso, são criados pontes, muros e barreiras físicas e estratégicas para que refugiados permaneçam em seus locais de origem, de modo a garantir a segurança dos países centrais. Pessoas são detidas ou deportadas, quando não são cooptadas pela migração irregular tornando mais vulnerável a situação migrante, especialmente quando se trata de crianças.

Pensando no âmbito das Infâncias e das crianças que vi por lá, alarguei o pensamento para as especificidades dos direitos humanos e da participação; e no tema das migrações/refúgio, buscando estabelecer relações com os principais documentos entre resoluções, legislações, declarações de organizações, protocolos, convenções, pareceres,

estatutos, entre outros, que abordassem a condição legalmente constituída e da vida de crianças nesta situação. No recorte dessa pesquisa, sem dúvida a Convenção dos Direitos das Crianças se destaca como o documento mais expressivo, uma vez que, de acordo com a UNICEF, esse instrumento de direitos humanos é o que concentra maior aceitação na história universal. Apenas dois países não a ratificaram – Somália e Estados Unidos – apesar de terem assinado o documento. Trouxe força de Lei ao que já previa a Declaração Universal dos Direitos das Crianças, instaurando esse lugar de titular de direitos fundamentais.

Para melhor compreender o funcionamento legal, fiz cruzamentos entre esses documentos e outras fontes como os sites da ONU – Organização das Nações Unidas, da CIDH - Corte Interamericana de Direitos Humanos, UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância, e ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Este último apresenta uma visão bem abrangente e global do fenômeno do refúgio no mundo, com dados de mais de 150 países, contemplando fatos regionais e globais, com informações operacionais, catálogos, banco de Teses e Dissertações, entre outras publicações (livros e artigos).

As reflexões acerca de conceitos sobre refúgio e de pessoas refugiadas no mundo e no Brasil começaram a emergir por meio desse estudo bibliográfico e do mapeamento de produções diversas sobre o tema, com destaque para produções acadêmicas pesquisadas. Essa busca por especialistas na temática foi dando a perceber certa escassez de bibliografia, estando o tema do refúgio mais visível no campo dos estudos dos Direitos Humanos, Jurídicos, Demográficos e das Relações Internacionais, com poucas pesquisas que abordassem questões relacionadas à infância. Quando aparecia, a criança em geral era subjacente às abordagens dos campos da família ou das mulheres, não sendo reconhecida a sua capacidade de agência.

Resumidamente, a estratégia metodológica que foi nascendo indicou estar na Feira Chega Junto aos sábados observando ou interagindo com as crianças e a assistir filmes e ler livros de literatura infantil em que a condição de refúgio e de infância fossem foco das produções literária e fílmica, me atentando aos personagens me permitiriam ser fisgada por situações em que em que o enredo em tais condições me afetasse. Nesse instante, o que vi (vi) se configurava em campo de pesquisa. Para aquele ato congelado na memória, ou registrado no caderno de campo/celular, me comprometi no esforço de uma elaboração textual que fizesse jus ao que uma tese exige e que ao mesmo tempo capturasse situações específicas nas quais as crianças em situações de deslocamento fossem protagonistas,

ainda que fosse muito provável não as rever novamente, na condição presencial. Desta forma, a produção de crônicas<sup>40</sup> revelaram aquilo que meu campo de visada percebeu e se constituiu como possibilidade de registro e análise desses instantes efêmeros, cuja forma convocou uma escrita despretensiosa e humanamente sensível ao tema da infância e do refúgio, particularmente quando a preservação da privacidade, da dignidade e o respeito a um assunto que provocasse dor, pressuporem a distância como princípio ético de cuidado.

## 50% MENOS

Caminhava naquela direção, quando avistei um letreiro em neon que parecia me chamar, piscando forte e rapidamente em vermelho e amarelo apesar do horário e do sol incandescente: passava um pouco das duas da tarde. Apressei o passo e chegando mais perto, vi uma enorme fila que começava bem na esquina do restaurante de paredes envidraçadas, cujas portas estavam fechadas. No frescor do ar condicionado, pensei, vou experimentar uma comida saborosa e diferente, ainda que, pelo horário, deva preventivamente abrir mão das saladas. Olhei rápida e novamente pra fila e vi no quarteirão abaixo, o caminho feito de gente que seguia até o final da rua, onde parei os olhos na menina e sua avó, ambas espremendo-se para garantir os últimos centímetros de sombra da marquise. As duas com longas tranças: as da menina, uma de cada lado, pretas como carvão e a da avó, um trançado único, grosso, de um branco reluzente. As duas de saias compridas e coloridas. As duas abraçadas na nesga da sombra. Ali a avó abanava a neta. Depois delas, a fila fazia uma curva, atravessava os carros e chegava ao outro lado da calçada, onde reparei mais um caminho humano que se formava vindo na direção contrária, desta vez sem nenhuma marquise que os protegesse do sol no horário mais quente daqueles dias de verão Argentino. Além do suor, havia uma expressão de desalento no rosto daqueles que chegavam mais tarde e foram por isso, castigados pelo calor, que não dava trégua. Todos esses pensamentos brotaram num fugaz instante em que passava os olhos no entorno ao mesmo tempo em que me dirigia à porta do restaurante, pois àquela hora já estava com muita fome e esse foi o único estabelecimento aberto depois de andar por muitos quarteirões. Precisava de algumas informações. Em resposta ao meu movimento na direção da entrada, o funcionário de terno, pelo lado de dentro, travou a porta e ao mesmo tempo falou repetidas vezes alguma coisa que eu não compreendia. Era nesses momentos que minha condição estrangeira se revelava: na urgência das necessidades mais básicas. Olhei mais uma vez para dentro e vi que ainda tinha bastante gente em volta da bancada dos alimentos e imaginei que estivesse sendo barrada por isso: claro, se há fila no lado de dentro é preciso aguardar no lado de fora, ainda que eu quisesse apenas uma informação. Respirei fundo e aguardei o tempo da fome e da eternidade até

---

<sup>40</sup> Vale ressaltar que não houve nenhuma preparação ou estudo prévio à produção dos textos aqui nomeados como crônicas, uma vez que me valho apenas das inspirações das produções do Grupo de Pesquisa GPICC, ao qual faço parte e das leituras de escritor Antônio Cândido, com destaque para o texto “A vida ao rés-do-chão” (2003).

que o homem de terno abrisse completamente as portas, liberando a saída dos clientes que lá estavam. Após a saída de todos, posicionei-me novamente para entrar e desta vez ele foi mais ríspido, me barrando e mostrando o relógio. Faltavam quinze minutos para as três horas. Mostrava o relógio e sinalizava o número três com os dedos repetidamente. Foi dado o recado. Eu realmente não podia entrar nem ter alguma informação além do número três naquele momento. Voltei o olhar para a fila e enxerguei o que estava ali o tempo todo. Assim como eu, aquelas pessoas estavam famintas, mas precisavam esperar o horário permitido para a entrada delas – nossa entrada - naquele estabelecimento. Enquanto isso, lá dentro as cadeiras foram sendo rapidamente encaixadas debaixo das mesas e todos os pratos e talheres de louça trocados por outros descartáveis. Uns funcionários se apressavam para repor as comidas. Às três horas em ponto, as portas finalmente foram abertas e decidi me posicionar ao lado da entrada, esperando o meu (último) lugar na fila. Essa espera me fez olhar para cada um que entrava e me fez de fato enxergar quem estava ali: era uma fila de pessoas que pareciam estrangeiras como eu. A maioria com roupas simples, traços de etnia indígena, quase todos com suas fisionomias/rótulos que diziam sobre suas condições vulneráveis. Gente que não deveria se misturar aos “clientes” que almoçaram anteriormente. Muitos carregando pertences, como eu, estrangeira, com a mochila lotada de coisas necessárias para quem vai passar o dia na rua, da manhã até a noite. A menina e sua avó passaram por mim e vi que pegaram duas vasilhas de isopor cada uma. A avó dirigiu-se para as saladas e a menina para as carnes e batata fritas. Demorou mais um pouco até a minha entrada no restaurante e nem vi que horas era quando comecei a me servir. Não lembro exatamente o que comi, mas lembro perfeitamente do cheiro dos temperos das carnes e da aparência dos alimentos: bem coloridos e um tanto misturados. Nesse momento, duas filas internas seguiam vagarosamente: uma para nos servirmos e outra paralela, para pesar e pagar pela refeição. Da minha cegueira e surdez em relação à fila externa, ao burburinho no salão pelo lado de dentro, me deparei com um repertório das mais variadas manifestações sonoras. Como no conto “O assovio do Melro”, do livro de Ítalo Calvino, que diz ser importante *se prestar ouvidos e olhos atentos aos diálogos à volta*, foi possível me colocar em profunda reflexão sobre as linguagens confundíveis dos pássaros e as inconfundíveis dos melros, que assoviavam como nós, os não pássaros. Senti-me dispersa entre os breves momentos de silêncio e os sons que me chegavam em escalas, ritmos, alturas e timbres diferentes, tal qual gorjeios de pássaros quase inclassificáveis. Quase porque, eventualmente, conseguia capturar uma palavra compreendida e neste instante meu olhar buscava pelo Melro que assoviava como eu. Mesmo que não fosse um diálogo, o valor daquelas palavras reconhecíveis estava no acalanto que parecia me dizer “olá, também estou aqui”. A maioria das pessoas foi se ajeitando pelos cantos, comendo em pé e outros tantos levando suas quentinhas para comer em outro lugar. Quando chegou minha vez de pesar verifiquei que o preço do quilo era **50%** mais barato do que o anunciado no cartaz da entrada. Era esse o preço para as pessoas que não entram no restaurante antes das três horas. Uma espécie de compensação para garantir a manutenção da segregação ali vivida. No instante desse estalo, percebi que a sensação de



**Figura 3 - Foto etiqueta de preço -**

tal experiência não me era estranha: havia uma fragilidade na comunicação nas muitas vezes em que pedi informação e entendia apenas parcialmente a resposta recebida; nas andanças a pé e o cansaço no corpo frustrado pelas repetidas voltas praticamente sem sair do mesmo lugar, reafirmando que não tinha referência espacial alguma. Lembrei também da insegurança de não ter uma pessoa a quem recorrer ou um lugar seguro onde repousasse o corpo, quando estivesse longe do hostel. A cada constatação que fazia, um desconforto crescia por dentro, junto com um medo. Posicionei-me de pé, no balcão perto da entrada e vi que à minha frente estavam a menina e sua avó. Um certo alívio por ver alguém que já havia visto antes. Respirei fundo e dei minha primeira garfada, depois de várias tentativas fracassadas para cortar um pedaço do frango com a pequena faca de plástico. Ao mastigar, senti um sabor levemente azedo. Separei no prato o que achei que estava ruim e fiz outra tentativa. Azedo também. Olhei pra frente e reparei que entre uma garfada e outra, a menina fazia careta e às vezes regurgitava como se fosse colocar toda a comida pra fora. E a avó, em sua expressão parecia reclamar, talvez de si, da menina ou da comida. A menina comeu quase tudo, como eu. Afinal, precisávamos daquela comida, muito menos para saciar a fome e mais para nos reconhecer humanas, vivas, visíveis. Mastigando mais sentimentos do que alimentos pensei nas crianças<sup>41</sup> que vivem situação semelhante, não apenas num pedaço do dia de uma viagem como eu, mas por semanas, meses e anos, muitos anos, na mais completa invisibilidade. Saí de lá e segui minha andança digerindo a breve experiência de estar estrangeira nas ruas de uma cidade estranha desse jeito tão singular, de quem ao mesmo tempo, está e não está no mundo.

A crônica acima de minha autoria, apresenta uma cena cronotópica que se circunscreveu durante mais ou menos duas horas na entrada e interior de um restaurante e que se transformou em ambiente de pesquisa, ainda que reconhecido apenas posteriormente, quando a noite, retornei ao hostel e comecei a escrever sobre o incomodo que senti naquela tarde valendo-me como uma rica experiência da/na pesquisa, ainda que não planejada: a fila para a entrada num restaurante em Buenos Aires, na Argentina, país onde estava participando do Congresso CLACSO<sup>42</sup> em novembro de 2018. Importa neste caso ressaltar que, considerando esta uma pesquisa que observa o cotidiano das crianças em situação de refúgio, reconheço o próprio cotidiano como um dos campos de pesquisa, ou seja, o que veremos ao longo deste estudo será uma diversidade de ambiências onde tenha sido possível encontrá-las.

O texto-crônica contribui para a compreensão sobre alguns percursos traçados, ainda que outras proposições tenham sido construídas e se apresentarão nos tempos

---

<sup>41</sup> Fiz pequenas alterações da crônica original. Aqui, o termo usado no texto inicialmente foi pessoas, mas substituí por crianças para direcionar o pensamento para o público a quem me dirijo na tese.

<sup>42</sup> Congresso CLACSO: realizou a 8ª Conferência Latino-Americana e do Caribe sobre Ciências Sociais, com o tema: As lutas pela igualdade, justiça e democracia em um mundo turbulento.

devidos. O primeiro deles indica um *colocar-me a caminho*<sup>43</sup> pensado em diferentes bifurcações. Uma carga um sentido exotópico como preconiza Mikhail Bakhtin, em que o sujeito se projeta na perspectiva do outro, aprendendo a enxergar o que a própria visão não alcança daquilo que só é dado pela visão do outro. Esse conceito cunhado por ele a partir da relação literária entre autor e personagem pressupõe um deslocamento, como um caminho subjetivo sobre outros modos de estar atenta ao outro, nesse caso, a experiência de me deslocar de mim mesma, ser o outro de certa forma e voltar ao meu lugar carregada desse outro. Ao dizer *quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila dos nossos olhos* (BAKHTIN, 1997), o autor faz-me entender que o excedente de visão só é possível a cada um, no lugar e no instante preciso do encontro com um outro. Aqui, colocar-me a caminho reafirma a minha intensão de me dirigir a esse outro e me permitir ser capturada pelo seu olhar.

Esse é também lugar de alteridade, conceito irmão da exotopia, por prescindir de uma percepção em relação ao outro. Para se tornar conceito, foi vivenciado enquanto experiência no interior da crônica quando, não me dei conta numa primeira visada na fila do restaurante, de que as pessoas não só se espremiavam buscando por uma sombra, como principalmente estavam aguardando para entrar. Apenas quando minha entrada foi impedida e olhei novamente à volta, me deparei com os tantos outros me refletindo em suas pupilas e de novo parei os olhos na menina de tranças.

Eu, a estrangeira adulta e ela, a criança que abriga em si a infância, ligadas por certa subordinação que esses lugares pressupõem. Aqui se interligam linguagem oral (ou a falta dela), infância e o estrangeiro, o que poderia determinar a impossibilidade de uma interlocução ou diálogo entre pesquisadora e pesquisados. Entretanto, Bakhtin (1995) dedicado aos estudos da literatura e da linguística, afirma que cada enunciação é determinada não só pelas palavras, mas por sons e entonações, elementos não verbais constituindo determinado contexto (p. 128) que é sempre histórico, único e datado. Ali o gorjeio inteligível dos pássaros me forçava a focar nos gestos e expressões como complemento às significações que eu necessitava compreender.

E nesse contexto, buscar o som perceptível dos melros me permitiu compreender que há uma diversidade de elementos presentes no diálogo para além das palavras, que só se concretizam enquanto compreensão, na interação entre o falante seu interlocutor. A significação, diz ainda Bakhtin, não está na palavra nem na alma do falante, como também

---

<sup>43</sup> Grifo meu para referir-me a frase que o título-convite do texto com o qual dialogo a seguir “Ponhamo-nos a caminho” provoca.

não está na palavra ou alma do interlocutor, mas vive no espaço entre, ou seja, *ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro* (p. 132).

No embalo da concepção bakhtiniana, alargando essa ideia e a estendendo para além das palavras, alcançando os sentidos. No caso da crônica, a experiência gustativa envolvendo o paladar e as expressões faciais constituíram nosso diálogo no âmbito do alimento que de certa forma compartilhamos. As caretas e demais gestos trocados nos segundos em que nos fitamos instauraram a minha percepção interna sobre o que vivi para mim mesma e também o que percebi da experiência da menina. É o que o autor conceitua como o *eu-para-mim* e o *outro-para mim*, vivenciados concretamente.

A dupla pesquisador e interlocutor – nesse momento eu e a menina de tranças – se liga por ter algo em comum, além da comida: a condição estrangeira e a infância, como já apontado acima, circunscritas no entorno da temática da linguagem não verbal. Reconhecer a presença do tema em si/em nós permitiu que eu pesquisadora me conectasse com esse outro, fazendo uso dessa senha em comum, que nos coloca em diálogo. De dupla, funda-se então a tríade *eu, você e o outro*, que neste caso é o tema instaurando o nascimento da pesquisa de forma bem mais concreta do que aquela que habitava o projeto inicial.

Nesta seção, o tema que nos conecta, que evoca um deslocamento subjetivado, que ao mesmo tempo se faz imprescindível para possibilidade da vida, se revelou como categoria para o debate sobre refúgio, bem como se configurou como instrumento de campo. Reconheço aqui o prato de comida como um elemento de aproximação, observação, análise e de várias formas: na fila, na alteridade sonora dos pássaros e melros calvinianos que conversavam no interior do restaurante, nos olhares trocados a cada colherada azeda do almoço. O afetamento que aquele acontecimento provocou só foi perceptível em sua dimensão plena no ato da escrita, que se iniciou naquela mesma noite, na forma de primeiros apontamentos de campo. Deles, se constitui o início de um acabamento para aquelas percepções que só eu, na composição teórica poderia dar. Trata-se de um segundo-mesmo-encontro, cuja subjetividade é o motor dessa produção teórica.

Ainda no caminho em que me coloco, percebo outra bifurcação na perspectiva do deslocamento e que se dá agora por uma visada benjaminiana, carregada mais fortemente do sentido de seguir a trilha e ver onde vai dar, sem preocupar-me com descrições, setas, roteiros, experimentando e me entregando verdadeiramente a autoridade do caminho.

Quando Benjamin (1987), diz no fragmento “Porcelanas da China, do livro Rua de mão única” que:

“A força da estrada do campo é uma se alguém anda por ela, e outra se a sobrevoa de aeroplano. Quem voa vê apenas como a estrada se insinua através da paisagem. Somente quem anda pela estrada experimenta algo de seu domínio”.

(Benjamin, 1987, P. 16)

Ele de certa forma traduz a minha experiência do comer azedo, descrita na crônica. Ao me sentar e começar a comer sentindo aquele sabor e logo em seguida trocar olhares com a menina de tranças certamente foi diferente do que estar observando a mesma cena da menina e sua avó sem a experiência gustativa. Nosso diálogo foi se instaurando não por palavras, mas pelo imbricamento dos sentidos da visão e do paladar. Caminhar como quem se abre ao que está posto e se permitir ser transformado por viver uma experiência que coloca em movimento o caminhante e seu próprio ponto de vista. É sobre isso que Masschelein (2014) em seu texto “*Colocar-se a caminho*”<sup>44</sup> comenta ao compartilhar seu pensamento sobre esse deslocar, afirmando que *caminhar é uma ex-posição, um estar fora de posição* (MASSCHELEIN, 2014, p. 43).

Concordo com a perspectiva trazida de Benjamin, ao afirmar não se tratar de uma visada mais valorosa do que a outra, mas que apresentam maneiras diversas de relacionarem-se com o e no mundo. “*Quem voa*”, nos diz Benjamin, “*vê o caminho, mas quem percorre a pé, experimenta como algo lhe é mostrado, como se faz presente*”. Benjamin nos revela que abrir os olhos para o caminho é como olhar o óbvio, que poderia passar despercebido pela visada aérea. É o que acontece quando estamos atentos ou expostos, uma forma de estar presente no presente, de modo que o presente possa ser apresentado a mim, explica ainda o autor (p. 48). Esta atenção é uma ausência de intenção, como uma espécie de espera, um modo de ver e estar no cotidiano. Uma espera que permite dar tempo e espaço para a experiência.

A outra proposição que destaco na passagem pelos campos presenciais por onde pesquisei conduziu a outros modos de presença e percepção que podem ser compreendidos como formas específicas de “estar atento” e em certo sentido se dar conta de realmente estar aberto ao mundo na vida e na pesquisa. Foi desta vez na inspiração do

---

<sup>44</sup> “O texto *Ponhamo-nos a caminho*” é um dos capítulos do livro “A pedagogia, a democracia e a Escola” de Jen Masschelein e Maarten Simons. Crédito do livro nas referências.

escritor Ítalo Calvino<sup>45</sup>, por meio de seu livro *Palomar* (1994), cujo título nomeia o personagem principal, que percebi uma terceira possibilidade sensível de estar presente, de observar sem intervir diretamente.

O autor diz que *estar morto*, como Palomar, no conto “Como aprender a estar morto” é uma específica forma de presença não perceptível e ele explica que é desse jeito que *procederá como se estivesse morto para ver como o mundo se comporta sem ele*. (p. 108). Esse conceito de estar foi experimentado por mim, onde pude reconhecer uma diferença sutil e significativa entre o “estar morto” e o “não mais existir”, uma vez que estar morto pressupõe uma forma de estar, ainda que sem intervir, diferente do morto, que é aquele que inexistente. Logo, estar morto poderia ser entendido como estar presente no mundo, num estado inativo, não intervencionista<sup>46</sup>. Foi desta forma que metodologicamente experimentei flunar por diversos ambientes, até que fosse fisgada por alguma experiência na qual a infância se fizesse presente. Assim reconheci não só a experiência do restaurante, como as andanças nas Feiras Gastronômicas Chega Junto, outro campo de pesquisa visitado em diversas ocasiões.

É na inspiração destes modos de estar no “colocar-se a caminho” bakthin e benjaminiano e na sugestão de “estar morto” do Calvino, que me posiciono, na especificidade dessa pesquisa, numa tal forma de estar em presença, deixando-me afetar e implicada crítica e politicamente, numa postura distinta da neutralidade e isenção, propostos no modelo positivista de pesquisa em ciências humanas de séculos passados.

Como postulado por Benjamin, entendo o cronista como um historiador do cotidiano, que eterniza um breve momento e o relaciona com a história e a cultura do mundo, de forma a melhor compreendê-la. Embora não seja historiadora, consegui uma liga entre Benjamin e Antônio Cândido com suas formulações sobre as crônicas me fazendo perceber esse gênero literário como uma teoria social capaz revelar detalhes, miudezas e intimidades que se produziram no miúdo, ao rés-do-chão e que puderam construir sentidos para o vivido com as crianças reais e as crianças-personagens.

Ainda do ponto de vista da construção desse estudo, repito, o campo de pesquisa que se constituiu abrange as Feiras Chega Junto, a Feira livre do bairro onde moro, as

---

<sup>45</sup> No capítulo “Águas”, Ítalo Calvino também me inspirou metodologicamente, por meio do conto “Leitura de uma onda”, contribuindo para uma visada minuciosa e detalhada de cada movimento e aspecto da formação de uma onda, para uma percepção do todo que está contido em cada parte. Assim percebo a singularidade de cada criança que neste texto se apresenta, revelando experiências não só daquela criança, mas de infâncias desse tempo.

<sup>46</sup> Esse pensamento se aprofunda nas discussões do nosso Grupo de Pesquisa, na elaboração metodológica do penúltimo projeto coletivo do GPICC, em 2017.

sessões de filmes e as leituras de livros infantis. Foi nesses locus onde me coloquei em contato com os interlocutores da pesquisa. Três desses quatro pontos de referência são ambientes do meu cotidiano e por isso, inicialmente foi um exercício árduo me manter na condição de pesquisadora, o que tempos depois consegui estabelecer como uma rotina mais bem estruturada, quanto maior era a minha clareza sobre como o entrelaçamento da vida com a ciência se dá.

Como linguagens potentes vi por meio do cinema, da fotografia e da literatura infantil, fisionomias retratadas em cenários fictícios e reais. Para além de entendê-los como linguagens artísticas, recolhi desses artefatos personagens que se materializaram como interlocutores e partícipes da pesquisa, aproveitando o que pudesse ser observado como rastro ou vestígio de infâncias nas cenas selecionadas. Isso quer dizer que me relacionei diretamente com as personagens que selecionei para melhor observar, conhecer e de certa forma dialogar, revisitando esses outros campos de pesquisa e os interlocutores, quantas vezes foram necessárias, percebendo o que foi sendo criado no espaço vazio do entre, a ser preenchido ao longo desse estudo. As conexões que os filmes, livros e as comidas estabeleceram entre mim e as crianças são o escopo da tese. Como principais instrumentos de campo, reconheço o prato de comida, a tela da televisão e o livro infantil como importantes e recorrentes elementos para a elaboração da pesquisa.

De forma mais concreta, essa tese teve a tarefa e o compromisso político de desvelar o que é dito sobre as crianças por elas mesmas e brevemente por mim, com o objetivo de desmistificar fisionomias das infâncias em deslocamentos forçados, analisando ao longo do trabalho possíveis formas de fazer migrar a estetização midiática, que vem atuando muitas vezes como veículo de conservação do *status quo* a serviço de uma política hegemônica, na direção de uma politização artística em condição de deslocar o foco, mudar paradigmas e criar diferentes perspectivas em torno e a favor das pessoas refugiadas.

### 3. ÁGUAS



Figura 4 - Puertas al mar. Instalação e fotografia de

Ao conduzir os caminhos flutuantes dessa pesquisa buscando dar a ver a situação das infâncias em deslocamentos, mergulho metaforicamente no movimento das águas, trazendo ao debate uma reflexão sobre a vida, essa que, para alguns pensadores, se inicia imersa nesse ambiente, na mesma medida em que finda também nas águas, para aqueles onde nela passam suas últimas jornadas. Sobre o início e fim da vida no âmbito desse texto, considero muitas variáveis que cercam as existências para além da dicotomia envolvendo a discussão sobre ser contra ou a favor de alguma forma de vida, sobretudo nas argumentações acerca da legalidade ou não do aborto (ressalto que milito a favor da autonomia da mulher sobre seu corpo), ou se um feto é ou não pessoa, ou ainda se a vida humana deve se sobrepor às demais formas de existência, como animais ou vegetais (BUTLER, 2019).

Trago a esse debate ideias e conceitos elaborados na tensão entre o campo e os autores com quem articulei os diálogos nessa seção, na constante indagação sobre as condições interseccionais de sobrevivência e a interdependência entre todos os seres vivos. Este ambiente híbrido e contraditório de *mortevida* se mostra como campo fértil para a pesquisa ancorar rastros de deslocamentos envolvendo os que partiram, os que

chegaram e aqueles que se perderam nesse ambiente de trânsito, ancorando o debate que aqui emerge sobre a precariedade de *certas vidas*<sup>47</sup> (grifo meu).

Nesse diálogo inicial com as águas, convido à contemplação da obra “*Puertas al mar*”<sup>48</sup>, a epígrafe visual que flutua na abertura desse capítulo e que se mostra como um farol à deriva, instaurando uma ideia de passagem, tal qual se presta essa porta-boia, tal qual se mostra essa personagem, o mar migrante. A instalação e fotografia de Santiago Velez, migrante artista plástico colombiano, que em suas pesquisas e obras aponta para a geopolítica das águas, invade esse mar trazendo luz ao objeto ‘porta’ carregado de simbolismos que me fazem relacioná-los à segurança, a moradia, fronteira e limites, demarcações entre o interior e exterior, o eu e o outro, o anfitrião e o hóspede, o deslocamento ou a contenção, a vida e a não vida.

Como boia à deriva revela uma desterritorialização e um desenraizamento de *certas vidas* neste cenário cronotópico da água, que se move tanto quanto mantém fixidez em diferentes camadas de tempos, em profundidade e em superfície. A obra foi para mim apresentada no inspirador Colóquio virtual “Histórias de Água” organizado pela professora Stefania Chiarelli<sup>49</sup> (UFF/RJ) em 2020 e foi forte inspiração para a mudança de paradigma na reorganização desse estudo, a quem reconheço a influência de um outro desenho estético e de onde trago conceitos aprendidos ao ouvir os palestrantes que por ali passaram.

Ao utilizar algumas vezes o termo *certas vidas* me refiro ao reconhecimento sobre as distintas formas de tratamento e de possibilidades de vida que habitam o imbricamento das estruturas interseccionais no âmbito das questões políticas, sociais, raciais, de gênero, de classe, geracionais, jurídicas, entre outras categorias que simultaneamente hierarquizam a vida e que trazem sentido às ideias aqui apresentadas. As múltiplas formas de subordinação e opressão a que são submetidos determinados grupos sociais - *certas*

---

<sup>47</sup> A expressão *certas vidas* recebe esse destaque, pois será pontuada outras vezes ao longo do texto demarcando um posicionamento crítico contrário aos rótulos que carimbam as pessoas em situação de deslocamento forçado, portanto entendo o grifo necessário para demarcar alguns fundamentos teóricos.

<sup>48</sup> De acordo com o site que divulgou a exposição, o projeto de Santiago *Puertas al mar* coloca portas flutuantes no Estreito da Flórida, no Golfo de Uraba e no Mar Mediterrâneo, como fortes referências de águas transitórias e conflitantes.

<sup>49</sup> Esse Colóquio foi promovido pelo Programa de Pós Graduação em Estudos da Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ) e coordenado pela prof<sup>a</sup> Stefania Chiarelli. Dividido em sete mesas de debates, tendo a presença, entre outros pesquisadores, dos professores Rosana Kohl Bines (PUC/RJ) e Helion Povoia Neto (UFRL/RJ), que são influências teóricas importantes nesse estudo. O Colóquio propôs pensar a relação entre água e alteridade, revelando narrativas de memórias, opressão, reinvenção e resistência de pessoas migrantes. <https://www.youtube.com/watch?v=R4GIV17e4vg&t=9s>

*vidas* - demarcam as desigualdades que definem quais vidas e corpos são mais ou menos precários. Mais ou menos aptos a viver.

### 3.1 Espelhos d'água: nós e eles

Compartilho essa obra boia como quem bate àquela porta e convida o leitor a adentrar e refletir sobre como nós, vizinhança mundial, mantemos fechadas as portas para o fenômeno da mobilidade contemporânea em que significativa parte da população bate constantemente pedindo para entrar ou arromba sem pedir passagem, fazendo crer que de onde veem suas portas já foram derrubadas. Um convite a mudarmos o foco das lentes transitando da invisibilidade e do estranhamento e na direção da hospitalidade e do reconhecimento da diferença. Para refletir sobre essa transição, parto da visada ocidental que historicamente olhou e descreveu a cultura do outro, sem que esse outro se pronunciasse. O mundo foi sendo “descoberto” por visitantes/invasores que entraram, esses sim sem bater à porta ou pedir licença e se depararam conosco, os “estranhos” habitantes brutalmente colonizados em nossos próprios e “exóticos”<sup>50</sup> ambientes, que foram desde então, potencialmente explorados.

Como Humberto Eco (2020), reconheço o papel da antropologia clássica na longa trajetória de sua missão civilizatória de observar e documentar as culturas, nomeando e classificando as mais exóticas formas de ser, fazendo com que ainda na contemporaneidade, nós, nas ciências sociais muitas vezes ainda pesquisemos o outro como quem usa antolhos, pouco nos dando conta do que há em volta, tampouco de que também estamos sendo observados por esses outros. Urge avançarmos a passos mais largos na transição de um pensamento antrope e eurocêntrico para um pensamento com uma amplitude que permita uma escuta e uma visada atentas ao que diz esse outro que há muito se dirige a nós, sem que o escutemos.

Convite posto seguimos na direção desse outro, começando por experimentar o uso do pronome *nós* no lugar do *eles*, como uma maneira de politizar a língua, modificando a forma de visada a outras vidas e culturas. Assim sugerem alguns autores

---

<sup>50</sup> O três termos entre aspas representam a forma como os novos mundos foram apresentados durante muito tempo reafirmando o eurocentrismo que se firmava nas invasões coloniais em curso.

decoloniais que se dedicam a essa necessária alteridade, como faz também Eco<sup>51</sup> (p. 87, 2020) ao apresentar o conceito de antropologia recíproca, onde o cenário, que sempre fora composto pelos ativos - os que observavam - e os outros, considerados passivos, deveria alterar-se para uma ambiência em que todos pudessem olhar-se mutuamente como representantes de culturas diferentes, compondo uma mesma civilização planetária, que, diga-se de passagem, iniciou a povoação humana migrando de África para os outros cantos do mundo.

Esse conceito do olhar à volta como “nós” vai de encontro ao que Marielle Macé (2018) sublinha como necessário ao enfrentamento da questão histórica e filosófica das identidades coletivas, afirmando que um *nós* para além de um somatório de sujeitos, deve ser percebido como uma causa, uma luta que garanta a coexistência de diferentes formas de vida. Ao reivindicar a troca pronominal, provoca uma atenção a *certas vidas* porque mobiliza um deslocamento daquilo que a autora nomeia como um estado de sideração, como sendo um estado de paralisia e inércia frente à situação das pessoas em situação de refúgio, que estão nos noticiários, nos terrenos baldios, nos desertos ou nos mares e que não nos mobilizam por mais de breves instantes, nos conduzindo a consideração, estado que evoca um movimento na direção do outro, reconhecendo-o como um outro eu, que também tem uma vida plena a ser vivida.

Para onde derrama?

Semanalmente eles preparam a colheita da época, encaixotam folhas, frutas e leguminosas para levar aos fregueses friburguenses e cariocas. Zezinho, o que coloca mais fundo a mão na terra, ao mexê-la vai contando curiosidades sobre a mata, sobre os pássaros, sobre o tempo. Faz tempo que se conhecem, faz tempo que preparam a feira orgânica, mas depois de tudo encaixotado e arrumado no carro, ele fica para cuidar da grama e das outras tarefas do sítio. O outro pega a estrada e vai deixando a feira em vários endereços nas duas cidades. Certa feita, ao preparar as cestas rolava uma conversa sobre o dia bonito que fazia e o outro falou do mar. Zezinho ouviu atento, fez-se um silêncio e ele disse: nunca vi o mar! A revelação foi tomada de assalto pelo outro, com o estranhamento de se dar conta que sim, deve haver gente que não conhece o mar, afinal estão na serra e viajar para uma cidade litorânea não é necessariamente a realidade de todo friburguense, especialmente as pessoas cujo ofício é o cuidado com a terra, que lhes exige dedicação todos os dias da semana e por isso dizem: “o galo não canta só de 2ª a 6ª feira”. Com essa informação, a próxima viagem foi programada para irem os dois, depois do convite feito e aceito. E assim foi. Naquela manhã Zezinho, num misto de ansiedade e euforia, embarcou com o outro e seguiram apreciando a paisagem recheada com longas conversas boa parte

---

<sup>51</sup> Migração e intolerância é uma pequena coletânea de escritos e intervenções de Umberto Eco, algumas de mais de vinte anos atrás. Trechos de conferências, adaptações de discursos, introdução a uma antologia de textos sobre intolerância para Associação francesa Transcultura.

do caminho. Ao chegar no Rio de Janeiro e avistar a Ponte Rio Niterói, o cenário o fez lembrar que já tinha visto aquela paisagem no jornal Nacional. Mas ali parecia muito maior. Seguiram pela beira mar e fez-se silêncio desde então. Em determinado momento, Zezinho, com olhar fixo no mar e uma expressão pensativa perguntou: "E para onde que derrama essa aguaceira"?

A provocação que a crônica acima propõe conduz a um desembassar dos olhos fazendo-nos perceber uma condição que não é exatamente da invisibilidade do outro, mas de reconhecer em nós mesmos uma cegueira, uma vez que essas pessoas na plenitude de suas vidas sempre estiveram lá. O estranhamento causado pela fala do Zezinho provocou um deslocamento naquele outro, fazendo-o perceber um sujeito com experiências diferentes daquelas que o constitui. A indagação quando nos surpreende é aquela que nos futuca e desperta a infância em nós, um relampejo no susto e com curiosidade à tiracolo.

Olhar como a infância vê é uma forma convidativa a incluir o 'eles' no 'nós' e pressupõe uma qualidade outra de observação que influa diretamente sobre as implicações éticas e morais reveladas pela apatia e indiferença socialmente generalizadas frente a muitas questões e desafios contemporâneos, como a pobreza e a fome mundiais e no recorte dessa pesquisa, o deslocamento/migração. É fácil unir as peças e perceber que pobreza e fome são as reais consequências do deslocamento forçado levando a vida precária e a morte de milhares de pessoas em situação de refúgio para os quais estamos cegos ou quase cegos.

Essa nítida barreira entre nós e os outros que Macé nomeia como bordas, se camaleoa de diversas formas quando, sobretudo, estes *outros* começam a aproximar-se fisicamente. Para a autora, o que antes poderia ser compreendido como apatia e indiferença dá lugar ao estranhamento e a intolerância, quando o elemento proximidade entra em cena. Revejo esse cenário apostando nas diversas formas que o estranhamento pode ser experimentado frente às relações espaciais. Tanto na proximidade quanto na distância, os sentidos da apatia e da indiferença nos habitam e se transmutam em fascinação ou aversão de acordo com os contextos, numa trama ambivalente na demarcação do outro. Como se distância e proximidade ora atenuassem os sentimentos e a consciência, ora os potencializasse. É como pensar, por exemplo, que durante a minha escrita e a sua leitura, podemos num instante estender os olhos para o noticiário que nos impacta ao transmitir mais um bombardeio na faixa de Gaza. Respiramos fundo indignadas e em seguida, eu retomo meu texto e você, sua leitura. É possível que o beija-

flor que quase morreu ao bater na minha janela no dia seguinte daquele noticiário tenha ocupado a mim e a minha filha, mais do que o bombardeiro. A proximidade desse outro, neste caso o passarinho, nos afetou mais do que aqueles que estavam muito distantes e que morreram no bombardeio. O passarinho seguiu seu voo depois de um tempo.

Desde os filósofos gregos, as reflexões envolvendo paixões, sensibilidades, afetos e moralidades são debatidas nos atravessamentos das distâncias temporais e espaciais, no que se referem ao intrínseco debate acerca da relação *nós* e *outros*, mas no âmbito da discussão aqui proposta, me detenho na análise do sentido do estranhamento nesses cenários de distâncias e proximidades.

Ginzburg (2001) aprofunda um debate sobre um conceito de estranhamento, que em sua perspectiva parte da ideia de pertença ou não pertença cultural como um sentido que norteia familiaridade em oposição ao estrangeirismo e conseqüentemente ao estranhamento que sentimos em relação a alguma coisa ou a alguém que desconhecemos. Sua concepção me ajuda a pensar em formas de aproximação conjugando estesias.

O autor vai buscar no crítico russo Viktor Chklóvisk em seu conhecido artigo “A arte como procedimento”<sup>52</sup> uma ideia outra de estranhamento como procedimento necessário para que deixemos de automatizar os atos cotidianos e possamos aguçar nossa percepção sobre o mundo. Para que deixemos de perceber aquilo sobre qual nos habituamos a conviver assim como a criança que nem percebe que já pedala a bicicleta sem rodinha e não se dá conta do quanto já foi necessário apoiar-se nelas. Aqui, a noção do fazer ou perceber o cotidiano no automático pode ser rompida, diz ele, por meio da arte, de onde traz a ideia de que

Para ressuscitar nossa percepção da vida, para tornar sensíveis as coisas, para fazer da pedra uma pedra, existe o que chamamos de arte. O propósito da arte é nos dar uma sensação da coisa, uma sensação para além do reconhecimento. Para tal, a arte se serve de dois procedimentos: o estranhamento das coisas e a complicação da forma, para que sobre a qual seja difícil sua percepção de imediato, prolongando assim a própria percepção.

(Ginzburg apud Chklóvisk, p. 16, 2001)

---

<sup>52</sup> Chklóviski, crítico literário, escritor e cenógrafo é considerado por muitos como o pai do formalismo russo. Cunhou e discutiu em seus textos o conceito de *ostranenie*, que pode ser traduzido como estranhamento, singularização ou desfamiliarização. Seu ensaio sobre o tema foi escrito em 1917. Trecho retirado do livro *Olhos de madeira*, de Carlo Ginzburg, citado nas referências.

A estesia sugerida pelo autor aqui se apresenta por meio da literatura, no conto “Kholstomer” de Tolstoi, onde um cavalo narra detalhadamente em primeira pessoa sua perspectiva sobre o direito de propriedade, que é visto por ele do seguinte modo:

“Muitos dos homens que me definiam como ‘seu’ cavalo não cavalgavam; era outra gente que me cavalgava. Tampouco me davam o feno; isso também eram outros que faziam. Não me fizeram bem os que me chamavam de ‘meu cavalo’, e sim cocheiros, veterinários ou outras pessoas estranhas. Quando mais tarde, ampliei o horizonte das minhas observações, convenci-me de que o termo “meu” não se refere apenas a nós cavalos, mas em geral, vem unicamente de um instinto baixo, animalesco, dos homens, instinto que eles chamam de sentimento de propriedade ou direito de propriedade. O homem diz ‘minha casa’ sem nunca morar nela, mesmo se só cuida da sua construção ou manutenção. O comerciante diz ‘minha loja de tecidos’, mas não confecciona suas roupas com os tecidos que vende. Agora estou convencido de que a diferença substancial entre nós e os homens está aí[...] Na hierarquia dos seres vivos, estamos um degrau acima dos homens. A atividade dos homens é determinada pelas palavras e não pelos atos.”

Assim, a literatura se fazendo valer como procedimento, nos conduz a esse ambiente de estranhamento, provocando um deslocamento entre o dono e aquilo que lhe pertence, num tipo de exotopia em que se torna possível a visada do pertence – no caso, um cavalo – sobre o sentido capitalista do termo propriedade atribuído ao comportamento humano, aqui representado pelo dono. Na perspectiva de experimentar ser a coisa, nesse caso, refletindo no âmbito da propriedade, tema particularmente caro ao debate no campo do refúgio, uma vez que pessoas em deslocamento permanecem um bom tempo da vida desprovidos de quase tudo, se ampliam as possibilidades de considerar personagem alguns termos substantivos, aqui travestidos de sujeitos, como o cavalo do conto ou o mar, esse sujeito-ambiente que assiste a tudo que se passa em suas águas.

Olhar o mar nessa perspectiva de quem nos conta sobre as histórias que guarda, permite um ponto de visada que traz certo estranhamento nesta inversão de papéis. Não só os cavalos e as águas, mas também as crianças, os índios, os camponeses, os escravizados, os selvagens, os migrantes também já foram objetos de visadas, por meio das literaturas clássica, moderna e contemporânea, da pintura, ou da fotografia, como a que proponho na epígrafe desse capítulo, bem como de outras expressões artísticas.

Visadas sobre a humanidade na perspectiva de um estranhamento dicionarizado<sup>53</sup>, onde estranho é um dos sentidos que habita entre os sinônimos de estrangeiro, também circunscrito nessa seara dos que estão por fora das bordas. A perspectiva sobre a qual essa tese se assenta, busca sem romantismo, mas com um tipo de estranhamento necessário a dar a ver o outro de forma mais alargada, tal qual o nós político, buscando aproximações sensíveis ao sentido da diversidade e não da diferença.

Com esse pensamento, o estranhamento como procedimento artístico se configura como um antídoto contra o risco a que todos nós estamos expostos, que é o de banalizar a realidade e nos amornar frente aos acontecimentos do grotesco contemporâneo no âmbito das vidas em situação de refúgio. Iniciei esse capítulo com a fotografia de Velez e agora mergulho na literatura de Ítalo Calvino (1990, 1994)<sup>54</sup> buscando formas de captar narrativas desse mundo migrante explorando outros modos de percepção e aproximação. É com Palomar, personagem protagonista no livro de mesmo nome, no conto “Leitura de uma onda”, que percebo uma forma de visada por onde o autor espreita. Ele reserva um pedaço específico de mar, no caso, a formação de uma única onda, no anseio de perceber todos os aspectos constitutivos dela, nunca captados em seu cotidiano contemplativo ao mar.

Nessa tarefa, o senhor Palomar desseca toda a complexidade que envolve uma marola, desde o início, até seu ápice, já como onda, instante em que se dá a transformação da sua tonalidade, ao incorporar uma branca camada de espuma, que segue invadindo a areia como um tapete até que se desfaz desaparecendo por completo. Nessa visada a personagem leva em conta todos os aspectos que atuam para formação da onda, fazendo com que se direcione para um ou para o outro lado, se mova lenta ou rapidamente, ou comece a surgir em diferentes pontos do mar. Percebe como vem solitária ou acompanhada de muitas outras tão iguais, quanto diferentes e continua congelando cada momento na observação aprofundada dessa única onda, do seu nascimento à morte.

Essa inspiração calviniana, que traz em si a gota e o oceano e se mostra indivisível na sua potente completude, revela minha perspectiva de visada para as questões das migrações percebidas nas singularidades das crianças que buscam passagem pela porta

---

<sup>53</sup> De acordo com o dicionário online de Português, estranhamento se refere à surpresa diante do que não é comum, desconforto em relação a alguém com quem não se simpatizou; distanciamento.

<https://www.dicio.com.br/estranhamento/>

<sup>54</sup> Aqui me refiro aos livros “Seis propostas para o próximo milênio” - cap 1. Leveza; e “Palomar” – Cap. 1. Leitura de uma onda.

de Velez e adentram essa pesquisa, sejam elas pessoas com as quais me encontrei na vida ou nas artes, no decorrer dessa pesquisa.

“Eu queria contar uma história triste. Posso? Todo dia pergunto para minha irmã onde estamos e ela diz: longe. Isso me deixa triste”, diz sorrindo. E ela repete: “todo dia pergunto para meus irmãos e irmãs: onde estou? Até que algum deles diz que estou num lugar chamado ‘Lugar mágico’”.

Mary (5 anos), Documentário A voz das crianças refugiadas – Ilha de Lesbos, Sarah Lebas & Cyril Thomas

Sorrindo, Mary quer compartilhar sua história, já avisando que é triste. Aqui, não menos significativa do que a própria história relampeja uma possibilidade de narrativa de uma memória traumática, que precisa ser testemunhada. Testemunho não no sentido direto de quem viveu a história, mas no sentido do compromisso de levar essa história adiante, como num revezamento político até que cada vez mais pessoas se afetem a ponto de nos sensibilizarmos humana e profundamente sobre as experiências vividas nos deslocamentos forçados propondo uma outra visada para esse cenário.

Longe, como na afirmativa da irmã de Mary, que num primeiro instante se relaciona com espaço, nesse recorte parece se referir mais ao tempo, quando pensamos que parte daquelas vidas aconteceu demorada e intensamente num mar sem bordas, onde esse grupo familiar se lançou na esperança de abandonar um lugar conhecido, na direção de um outro imprevisível e desconhecido, numa trágica contradição. Ao repetir a pergunta sobre onde está, Mary pode estar também respondendo ao seu estranhamento a este lugar, sugerindo que, ainda que já esteja concretamente assentada em terra firme, talvez não o reconheça ainda como solo seguro.

Mary se apresenta a mim por meio do documentário A voz das crianças refugiadas – Ilha de Lesbos, produzido por Sarah Lebas & Cyril Thomas em 2015, revelando histórias de diversas crianças, se aproximando mais diretamente de Mary, Oussama, Ayman e Jumana, crianças que tem entre cinco e quinze anos, que narram sobre suas vidas desde que fugiram da guerra da Síria e aportaram na Ilha de Lesbos, Grécia. Com relato autoral, a visada sobre a guerra, o deslocamento e a esperança numa vida melhor pautam o enredo dessa conversa que se dá entre brincadeiras e caminhadas pelos acampamentos da ilha. O que era antes e o que vem depois não cabem no documentário, mas nos cabem como reflexões no agora.

Uma outra forma de estranhamento é a que vive a menina Eloisa, personagem central do livro “Eloisa e os bichos” do colombiano que migrou para o México Jairo Buitrago<sup>55</sup>, (2013). Ela nos mostra o seu ponto de vista em relação ao outro, ao narrar como se sentiu quando precisou mudar com o pai para uma nova cidade, deixando para trás todos os outros membros da família. Ela diz:

“Eu não sou daqui.... Chegamos numa tarde quando eu era bem pequena e me sentia um bicho estranho... Algumas vezes nos perdíamos pela cidade.....Foi assim que passamos a conhecê-la..... Pouco a pouco fomos nos sentindo em casa, mas nunca nos esquecemos do que deixamos pra trás”.



Figura 5 - Ilustração do Livro infantil "Eloisa e os bichos"

---

<sup>55</sup> “Aproximadamente 7,2 milhões de pessoas foram obrigadas a migrar por causa do conflito armado que se desenrola na Colômbia há mais de 40 anos” trecho de apresentação da vida da colombiana Maria, entrevistada por Malala, no livro “Longe de Casa”, p. 121.

Todos a sua volta eram tão diferentes, que aos seus olhos se apresenta um ambiente repleto de gigantescas pessoas-inseto, aqui postos como uma metáfora a ameaça, na representação do outro, esse estranho desconhecido. A alteridade trazida pela personagem no texto escrito é percebida também no texto não verbal, criando uma relação dialógica entre essas linguagens e o leitor.

Com o passar da narrativa, a menina Eloísa começa a dar sinais de sua transformação, comentando que aquilo que a assustava começava a ser incorporado com naturalidade a sua rotina, nas ruas, na escola, ao seu olhar pela janela. É no virar de cada página, que nessa obra, autor e o ilustrador Rafael Yockteng, peruano que migrou ainda criança para Colômbia, oferecem um olhar sensível sobre esse lugar da criança que chega, imersa nos problemas que enfrentou como o deslocamento, a saudade e tudo o que ficou para trás. Como Malala (2019) que conta em seu relato que *tinha muito com o que se acostumar: os rostos, as comidas e a língua nos eram estrangeiros. Na sala de aula não va para perceber como me sentia deslocada, mas nos intervalos era impossível fingir!*

Página a página, aos olhos da menina Eloísa, os seres estranhos vão alteritariamente metamorfoseando-se à forma humana como ela, acompanhando seu movimento de se acostumar com a nova vida. Eloísa vai transpondo as bordas, nos oferecendo pistas de que não se percebe com um rótulo definitivo de imigrante ou pessoa refugiada, mas que observa diferenças que vão se transformando numa compreensão mútua entre culturas diversas.

Essas narrativas oferecem a possibilidade de perceber um outro lugar para a pessoa que se desloca ou que já chegou em algum lugar, acompanhando a sua forma de ver o mundo em volta, como nos dizia Eco (2020), em constante transformação, levando-nos enquanto leitores, a uma percepção sobre nós mesmos como os estranhos, os monstruosos, desta forma retratados nas obras literárias, pelos olhos das duas meninas. Um relampejo sobre uma provisoriedade mútua, num contexto em que emergem possibilidades de visadas menos embaçadas, cada um a seu tempo exercitando o nós político, o nós ampliado, o nós que faz caber todos os que chegam, transpassando lados. Uma oposição ao carimbo com o qual o senso comum, a mídia e a(s) soberania(s) territorial(is) carimbam pessoas em situação de refúgio como eternos estranhos e refugiados.

Quando a menina Mary, interlocutora do documentário, nos pergunta se pode nos contar uma história triste com um sorriso no rosto, está também nos convocando empaticamente a uma escuta, a um considerar sobre sua provisória precariedade. Cada

uma a seu modo, Mary e Butler (2019) falam sobre precariedade e a autora entende e conceitua esse termo como um estado do “ser” que está sujeito ao outro, seja esse outro alguma norma ou organizações sociais e políticas, que atuam ampliando ou minimizando a precariedade dos corpos. Esses enquadramentos, diz a autora, servem para diferenciar “*certas vidas*”, de acordo como são constituídos social e historicamente, seguindo as tais normas, termos, convenções e categorias que facilitem esse reconhecimento. Ainda que a vida e a morte aconteçam para além das normas, ela diz que

Uma figura viva fora das normas da vida não somente se torna o problema com o qual a normatividade tem de lidar, mas parece ser aquilo que a normatividade está fadada a reproduzir: está vivo, mas não é uma vida. Situa-se fora do enquadramento fornecido pela norma.

Esse corpo incômodo, embora esteja explicitamente vivo, não é reconhecido como uma vida exatamente porque revela que algo está “desenquadrado”, fora da norma. Algo que ultrapassa o enquadramento da normatividade e faz revelar a falha. Entretanto, ao escapar e ser visto, além de revelar a falta de controle e a anormalidade, deixa à mostra a fragilidade do próprio enquadramento e se abre a outras perspectivas, indagações e indignações. Um corpo-desvio que insiste em transpor as barreiras físicas e não físicas deixando a mostra os avessos, os remendos e fios soltos da história do refúgio contemporâneo, entre sorrisos e histórias tristes.

Muitas Marys atravessam o mar em busca de uma vida segura. Populações que vem sendo sacrificadas e perdidas porque já foram enquadradas como perdidas. Ao ir a campo – o que significa no interior dessa tese assistir algumas vezes o mesmo documentário e reler várias vezes determinado livro infantil – e ouvir o pedido da menina, não quer dizer que o problema dela e sua família será resolvido, mas pode provocar algum desconforto que coloque em xeque, por meio das palavras do texto científico, uma realidade que ignora e aceita sem discussão a existência desses outros.

Aqui o nós político persegue uma estética capaz de perceber sem necessariamente ver as multidões no fundo dos mares, seus vestígios nas areias ou mesmo as ondas humanas que atravessam desertos. Um convite a um olhar atento, cuidadoso e acolhedor, que se distancie do piedoso ou da caridade, mas se aproxime sim de certa indignação, indigna ação que evoca seguir na direção dessa vida. Estar diante do outro, diz Butler, evoca um movimento de nos despossuirmos de nós mesmos, sem deixar de reconhecer a Mary em sua singularidade, que habita em primeira pessoa uma situação política

generalizada que lhe é imposta, mas que em sua narrativa carrega a força que nos move como quem olha o espelho d'água, não como Narciso, mas como quem vê toda vida e qualquer vida viva como sendo a vida de qualquer um de nós.

### 3.2 “A canoa virou<sup>56</sup>, quem deixou ela virar?”: o mar político



Figura 6 – Instalação “Lampedusa” de Vik Muniz 2015

O subtítulo dessa seção traz uma paródia à cantiga tradicional infantil “A canoa virou”, instigando a indagação sobre quem a deixa virar nos tempos atuais. É o que propõe a discussão que segue refletindo sobre a responsabilização política no entorno das questões dos deslocamentos pelas águas. Como epígrafe visual, a obra de Vik Muniz, artista plástico brasileiro, imigrante há 30 anos, dos quais dez deles sobrevivendo de forma ilegal amplifica a fragilidade da dobradura do barquinho de papel, nos transportando tanto à infância quanto ao efêmero encontro do papel com a água. O artista, que costuma utilizar matérias prima que se relacionem diretamente com a subjetividade de suas obras, pontua seu ativismo e questões sociais em suas instalações. Assim, fez uso do elemento açúcar para as composições vinculadas ao trabalho infantil nas plantações

---

<sup>56</sup> A frase traz o título de cantiga tradicional infantil “A canoa virou” cuja letra diz: a canoa virou, por deixar ela virar, foi por causa do (nome da criança) que não soube remar; mas se eu fosse um peixinho que soubesse nadar, eu tirava o (repete o nome da criança) lá do fundo do mar.

de cana de açúcar<sup>57</sup> e dos materiais recicláveis para tratar das questões dos lixões brasileiros<sup>58</sup>, por exemplo.

Em 2013 um jornal italiano noticiava a tragédia de um naufrágio ocorrido na costa italiana da ilha de Lampedusa, deixando mortas mais de 360 pessoas vindas da Líbia. Vik estava lá a trabalho e com esse impacto nasceu a ideia de uma instalação que chamasse atenção para a situação das travessias. O barquinho foi construído em madeira por artesões locais e revertido por material que reproduzisse as páginas de jornais veiculadas no dia seguinte à tragédia. Assim nasceu a instalação “Lampedusa”, que fez parte de uma mostra de artes na Itália em 2015, coincidentemente o trágico ano em que outras 700 pessoas morreram em naufrágio no mesmo trajeto Líbia – Itália.

A ideia do rápido desfocamento a que nos remete o contato do papel com a água pode servir como metáfora para a urgência em se tratar as questões relacionadas ao descaso social sobre o fechamento das fronteiras europeias às pessoas em situação de refúgio que chegam majoritariamente pelo mar. Esse fugaz desaparecimento também revela a rapidez com que o mundo esquece os muitos outros eventos dessa natureza, como nos anos 90, na crise da Albânia, que gerou uma profunda escassez de alimentos o que levou mais de 20 mil albaneses a invadir um navio cargueiro e atracar na costa da Itália.<sup>59</sup> Ou como os últimos bombardeios na Síria ou mais recente e simultaneamente na Faixa de Gaza, que ainda ecoam.

Trata-se de homens e mulheres da infância à velhice, rotulados como refugiados, deslocados internos, apátridas, retornados ou imigrantes, de acordo com os problemas a que são associados, todos vistos como figuras marginais que carregam a dupla dimensão de fato social e itinerário individual, duas faces da mesma moeda. Identificados negativamente, vivem a condição de não cidadãos, não nacionais e quase não humanos, os *certain vidas*. Como clandestinos e/ou ilegais, revelam-se socialmente como à parte da “normalidade”, “da média”, “da maioria”. Via de regra, chegam aos territórios em menor escala em relação aos grupos locais que dominam social e politicamente esses ambientes de destino.

---

<sup>57</sup> Obra Sugar Children: Sugar Children: Valicia Bathes in Sunday Clothes [Vik Muniz](https://artsandculture.google.com/asset/sugar-children-valicia-bathes-in-sunday-clothes/aQE8uMxJc_w5Uw?hl=pt-BR) 1996 - 1996 [https://artsandculture.google.com/asset/sugar-children-valicia-bathes-in-sunday-clothes/aQE8uMxJc\\_w5Uw?hl=pt-BR](https://artsandculture.google.com/asset/sugar-children-valicia-bathes-in-sunday-clothes/aQE8uMxJc_w5Uw?hl=pt-BR). Aqui o artista criou a série de fotografias “Crianças de açúcar” usando o próprio açúcar como o elemento da obra e que faz parte do cotidiano das crianças que cortam cana de açúcar no Caribe.

<sup>58</sup> Fez o documentário “Lixo extraordinário” sobre a vida da população que habitava e trabalhava no maior aterro sanitário da América Latina, o Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro.

<sup>59</sup> <https://www.mdig.com.br/index.php?itemid=44644>

Essas pessoas em situação de refúgio, embora uma população numerosa no contexto geral é percebida como minoria, conceito abordado aqui em duas dimensões: na sua forma mais subjetiva, quando se refere à dificuldade em ter voz ativa para intervir nas instâncias decisórias do Poder. Essa subjetividade se caracteriza, dentre outros aspectos, por sua vulnerabilidade jurídico-social (SODRÉ, 2005 p. 13) encontrando-se diretamente atrelada ao debate sobre as legislações e as alteridades, intolerâncias e diferenças, que circunscrevem os tais limites entre o “nós” e os “outros”, como debatido na seção anterior. Na dimensão objetiva, é em sua forma numérica que se faz presente na relação dessas categorias minoria e maioria balizada pelo conceito de ideocídio defendido por Appadurai<sup>60</sup>.

O antropólogo indiano Appadurai (2009) destaca sua visada para esse conceito criado para nomear o fenômeno recente em que povos inteiros e modos de vida são vistos como sendo perigosos e situados fora da esfera da humanidade, revelando aquilo que o autor define como “medo ao pequeno número”, expressão que dá título ao seu ensaio sobre a geografia da raiva. Sua hipótese indica que as minorias são metáforas para o fracasso das nações, o que por consequência gera o impulso inconsciente de eliminá-las. Trata-se de um sentimento ancorado no ódio às minorias, que ultrapassa os conceitos já observados como etnocídio ou genocídio, uma vez que não se refere a um estado ou regime político, mas a ideias de civilizações e ideologias inteiras dispostas em qualquer ponto do planeta.

Pensar nesse conceito de pequeno número ou minoria enquanto uma categoria social pode ser um gatilho para pensar também em seu reverso, ou seja, nas lutas por direitos travadas tanto por essas minorias enquanto resistência, quanto por outras minorias, grupos sociais específicos dedicados a cobrar obrigações e políticas públicas de seus governantes. Embora não necessariamente estejam em menor número no quantitativo das pessoas envolvidas, a ideia de minoria se relaciona especificamente com o diferente, que nessa concepção carrega uma simbologia negativista, se referindo ao que não deu certo, aquilo que não se quer ver. Daí a nossa cegueira, já mencionada linhas atrás.

---

<sup>60</sup>Arjun Appadurai é um antropólogo indiano, professor de ciências sociais que escreve sobre globalização e modernidade. Seu livro consta nas referências bibliográficas. <https://canaltech.com.br/cinema/critica-lixo-extraordinario-e-a-realidade-por-tras-da-obra-milionaria-177236/>

Esse conceito pode ser entendido também como aquilo que está para além da linha da normalidade, abarcando em si os deficientes físicos, velhos, doentes, e em muitas circunstâncias, as crianças. Estas vivem a paradoxal condição de serem os primeiros alvos de marginalizações e limpezas étnicas no extremismo das guerras, assim como constam das primeiras linhas nos tratados de paz e garantia de direitos. Aliam-se a esses os estrangeiros, as mulheres, os nômades, dissidentes religiosos, homossexuais e todos os que transitam fora das esferas dessa dita normalidade. Os grupos em minoria são construídos social e historicamente de acordo com estratégias específicas de lideranças políticas que fazem desinvisibilizar certos grupos, invisibilizando outros, deflagrando guerras locais ou globais, normalmente em nome de interesses escusos, divulgando e inflamando a ameaça de alguma minoria sobre uma maioria que então precisa se “proteger” eliminando o perigo. É a violência programada e a tragédia anunciada daqueles que deixam, deliberadamente, a canoa virar.

Entretanto não é o que ocorre quando essa minoria é social e economicamente elitizada. Esse grupo não provoca medo, ao contrário: é incentivado que seu modelo de existência seja seguido, almejado, pois reflete aquilo que supostamente dá certo e que por isso deve ser seguramente preservado bem como deve estrategicamente se perpetuar entre seus pares.

O conceito de minoria enquanto diferença pode ser aqui ilustrado nas duas imagens que revelam pessoas no mar. Numa delas se apresenta o acontecimento do naufrágio de um bote com 500 pessoas e que foi filmado pela marinha grega. Não há, no quadrante da imagem movimento algum de resgate, embora o click fotográfico não possa afirmar se houve ou não socorro em algum momento posterior. No entanto, a imagem entra em cena para congelar a ausência humana naquele contorno de água, revelando uma subjetividade estética do abandono em que se encontram as pessoas em situação de refúgio ao longo das travessias e nos momentos de chegada à costa de algum país.

Nas mesmas águas, a imagem à direita registra toda a tripulação de uma embarcação italiana rapidamente mobilizada para o resgate de uma única pessoa, uma criança branca de cinco anos, que fora levada da praia em sua boia de unicórnio, por uma forte correnteza em direção ao alto-mar. A cena da ampla e urgente mobilização para o resgate da criança branca de cinco anos e a narrativa do capitão foram transmitidas em muitos canais de televisão e nas redes sociais, tamanha comoção que o evento provocou. O naufrágio do bote ocupou poucas linhas em alguns sites. Ressalto que é confortante o sucesso deste e de qualquer outro resgate, mas o que demarco aqui são os sentimentos de

pertença e repulsa subliminarmente presentes nas imagens e que reforçam a ideia aqui trazida ao debate sobre as condições sociais de *certas vidas* consideradas por isso como humanas ou sub-humanas e que por isso merecem ou não ser socorridas, receber destaques positivos ou negativos nas mídias, provocar ou não comoção.



Figuras 7 e 8 - Imagens retiradas de site de notícias

Judith Butler considera toda vida precária, partindo do pressuposto de que desde o nascimento, dependemos de condições externas a nós para nos mantermos vivos e assim, evitamos a morte. Ao se normatizar os direitos de proteção à vida, entram em jogo as práticas sociais que possibilitam a manutenção das vidas de forma vivível, pois não há vida sem condições de vida que a sustente, ela diz. Assim como, se a vida não é considerada, ou se é algo vivo, mas sem o status de vida, não caberia a experiência do luto, pois o luto pressupõe uma vida que foi reconhecida e que foi perdida.

É nessa ambiência de contradições entre 500 *não vidas* e de outro lado uma única vida, onde todas essas vidas deveriam ter os mesmos direitos, que as águas se firmam como personagens-cenários que abrigam e recortam cenas, histórias, narrativas e outras subjetividades que permitam dar a ver a pessoa entre os alarmantes os números de refugiados em deslocamentos em direção a Europa por via marítima. Nos últimos cinco anos, fala-se em 500 mil refugiados no litoral da Itália e um milhão no litoral da Grécia.

Num cálculo aproximado, estima-se que nos últimos seis anos, como sinaliza a OIM<sup>61</sup>, mais de 20 mil pessoas se afogaram em travessias no Mediterrâneo. Em fevereiro de 2020, 91 migrantes desapareceram após um único barco de madeira afundar, no que ficou conhecido como o pior naufrágio no mar Mediterrâneo daquele ano.

Ainda que os deslocamentos das pessoas em situação de refúgio sejam feitos também em grande parte por vias terrestres e aéreas, o mar aqui se reafirma como a metáfora de um importante espaço político, abrigando inúmeras disputas, como os contemporâneos ativismos de organizações não governamentais tal qual o *Greenpeace*<sup>62</sup> e a *Woman on Waves*<sup>63</sup>. Essas organizações promovem ações diretas, conscientização, mobilização e articulações políticas com Estados de todo planeta, atuando essencialmente nos oceanos em alto-mar, valendo-se dessa zona marítima onde vigora o princípio da liberdade<sup>64</sup>.

A primeira organização citada nasceu a 40 anos do desejo de denunciar e impedir testes nucleares e hoje se configura como a maior organização ambientalista do mundo. A segunda ONG atua no âmbito da proteção dos direitos das mulheres e tem como principal atuação a prevenção de gravidezes indejesadas e de abortos clandestinos, realizando-os de forma segura e legal<sup>65</sup> em alto-mar. Essa ação nasceu da inspiração de uma médica do Greenpeace, que em 1999 testemunhou a bordo do navio na América do Sul, muitas mulheres com vários problemas físicos e mentais sendo marginalizadas em suas comunidades, como consequências oriundas de abortos feitos em más condições.

Essas experiências oceânicas se mostram como “marés” de batalha, travando embates e demarcando resistências na jurisprudência das águas, levando em conta as legislações que transitam na soberania de cada Estado costeiro, demarcados por uma zona de 12 milhas náuticas, que os separam do espaço denominado alto-mar<sup>66</sup>. Essa linha imaginária define as áreas de mar territorial, permitindo que navios estrangeiros transitem

---

<sup>61</sup> A agência OIM, Organização Internacional para Migrações, foi criada em 1951, conta com 165 Estados-Membros e é a principal organização intergovernamental no âmbito das migrações.

<sup>62</sup> Greenpeace é uma organização ativista fundada em 1971 cuja missão é proteger a biodiversidade da terra em todas as suas formas, por meio de confrontos pacíficos. <https://www.greenpeace.org/brasil/quem-somos/>

<sup>63</sup> Woman on waves atua desde 1999 na proteção dos direitos humanos das mulheres. <https://www.womenonwaves.org/>

<sup>64</sup> De acordo com a Convenção da ONU para os Direitos do Mar...

<sup>65</sup> A jurisprudência referente à legalidade do aborto em alto-mar é regulamentada pelo Estado que carrega a bandeira do navio responsável por essa ação. No caso da Ong Holandesa, segue-se a legislação da Holanda, que permite a prática legal do aborto.

<sup>66</sup> Alto-mar aplica-se ao âmbito das partes do mar não incluídas na zona econômica exclusiva, no mar territorial ou nas águas interiores de um Estado, nem nas águas arquipelágicas.

nestas zonas particulares, gozando do denominado “direito de passagem inocente<sup>67</sup>”, ou seja, passagem permitida pelas áreas marítimas de domínio dos Estados, desde que subjetivamente não ofereça riscos, sujeitando os que passam às suas leis, no âmbito daquilo que regula a convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar<sup>68</sup>.

Por outro lado, em alto-mar, de acordo com o mesmo documento, a liberdade está garantida e aberta a todos os Estados costeiros ou mesmo àqueles sem litoral. Liberdade de navegação, de sobrevoo, de investigação científica, desde que sempre para fins pacíficos. Todos os Estados podem navegar regidos por suas bandeiras, sem submeter o mar à sua soberania, fazendo cumprir legalmente suas atividades de acordo com a legislação vigente de cada um desses países.

O texto da lei dedica alguns artigos para tratar da vida submersa, ou seja, a conservação dos recursos vivos, garantindo-lhes a preservação da ampla diversidade de espécies de forma a que suas existências não sejam ameaçadas. Sugere trocas de informações científicas com outros Estados e organizações internacionais para reunir esforços na manutenção das populações de peixes e outras espécies relacionados diretamente à zona econômica. Para tal, determina cotas de captura, época e zonas de pesca, tamanho e número de embarcações permitidos. Há uma atenção especial com as espécies migratórias e acordos de cooperação são descritos de forma a garantir o controle dessas espécies.

Como os peixes e os demais seres vivos marítimos migratórios, as crianças, sejam elas migratórias ou não, também se encontram submetidas à representatividade e interesse do mundo adulto, sem a possibilidade de exercerem plenamente sua cidadania uma vez que tais pessoas nesse momento de suas vidas são supostamente incompletas quando comparadas àqueles, pelo status jurídico que lhes é imputado. Precisam (ainda) que os adultos assumam suas causas, provendo narrativas construídas não por eles mesmos, mas pelos adultos que os representam (CASTRO, 2008).

Ainda que as crianças tenham o amparo legal garantido nas Convenções internacionais de direitos e configurem como o principal mote de sensibilização nas campanhas das organizações protetivas internacionais, o pouco interesse manifesto em ações práticas e urgentes na direção de *certas vidas* – nesse caso as vidas infantis -

---

<sup>67</sup> Aqui se define como passagem, navios ou outras embarcações que façam ou não escala ou ancorem em mares territoriais. A passagem deve ser rápida ou contínua.

<sup>68</sup> Decreto nº 1.530, de 22 de junho de 1995, que Declara a entrada em vigor da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, concluída em Montego Bay, Jamaica, em 10 de dezembro de 1982.

refletem a ideia de que sem um impulso diretamente relacionado à zona econômica, como os habitantes marítimos, o capitalismo globalizado não faz caber o rigor necessário nas ações efetivas de proteção de específicas espécies migratórias, aquelas aqui denominadas como *certas crianças*<sup>69</sup>. Por outro lado, observamos que a infância de um modo em geral e aquela mantida em condição precária produzem (não para si) recursos econômicos na geração de trabalhos, mercadorias e serviços de diversas ordens – política, filantrópica, comercial, acadêmica, entre tantas outras – a fim de se organizar e manter sob controle as atividades das crianças, como nos contam Rosemberg e Mariano (2010) ao exemplificarem como operam as dominações hierarquizadas pela faixa etária, colocando o adulto no topo dessa pirâmide. É fato perceber, elas dizem, que a linha em que

Nós, profissionais, políticos, ativistas e acadêmicos da causa da infância, com frequência ultrapassamos o limite, pode ser tênue, entre a publicização de uma necessidade social intensa e a dramatização espetacular de um problema social. O risco, que pode decorrer dessa passagem, é a canalização de recursos humanos e financeiros para o espetáculo em detrimento de outras urgências com menor apelo midiático. (p. 6)

Uma fragilidade que ainda revela o quão têm sido longos e árduos os caminhos jurídicos e acadêmicos para o reconhecimento da criança como sujeito e agente de uma vida digna, ainda que a categoria infância venha sendo cada vez mais atravessada por estudos de diversas áreas do conhecimento na contemporaneidade.

Dar a ver essas pequenas pessoas pode ser considerado como um ato político quando reconhecermos esse adjetivo “pequeno” carregado de significações para além da pouca estatura. Pequeno, numa concepção benjaminiana se refere às relações de valor e poder, atribuídos aos sujeitos excluídos e invisibilizados socialmente (PEREIRA, p. 30, 2012), colocando-os lado a lado. Perceber a infância por esta ótica demarca um lugar político, na medida que se define determinado lado da história: o lado oprimido. Em Benjamin, a infância é também oportunidade de reconhecer esse lugar como potência, criação, reinvenção, que ao mesmo tempo, carrega em si, com seu olhar minucioso e detalhista, cacos da história, a nos fornecer pistas e rastros que muito podem revelar sobre o tempo em que vivem.

---

<sup>69</sup> Certas crianças, no interior dessa tese se relaciona a condição em que vivem e morrem as crianças em situação de refúgio

É no entrecruzamento de infância com o refúgio que observamos características de relações de dominação em comum e que por esta razão essas categorias se aliam numa perspectiva decolonialista, tendo o outro como detentor de suas vidas de alguma forma. Suas condições, ainda que provisórias – a criança vai crescer e o refugiado vai chegar em algum lugar – se mantêm atravessadas por fenômenos transversais, na medida em que se entrelaçam num conjunto mais ampliado de marcadores sociais, incluindo variáveis territoriais, de gênero, de faixa etária, de classe, de etnia, status jurídico, entre outras.

Aqui a infância e os refugiados se unem nessa perspectiva comum da invisibilidade, da tutela, da não autonomia. Do ponto de vista da estatura humana à garantia de direitos, são as crianças as menos presentes nas estatísticas e nos discursos sobre o tema, que em sua maioria são produzidos por outros, no caso, adultos. Não apenas muitas infâncias seguem continuamente silenciadas, como os refugiados, que de modo em geral ainda o são. Antes e junto deles, as relações coloniais inauguradas nas Américas já segregavam as pessoas levadas à força de seus territórios, como as escravizadas, que compõem o coletivo do povo que se vê arrancado de suas terras; como os invadidos, que, expulsos de seus espaços por múltiplas circunstâncias partiram e continuam partindo em busca de condições seguras e dignas de vida, na melhor das hipóteses e em busca de sobrevivência, na maioria das vezes.

Mergulhada nesse mar político, trago para compor a reflexão final desta seção, o pensamento sobre uma ética que faça jus aos esforços tanto das crianças que, em situação de refúgio chegaram a algum destino, quanto aquelas que ficaram pelo caminho e não podem ser esquecidas. É preciso honrá-las. Nesse que é um campo imerso em legislações, poderes e políticas econômicas, *Antígona*, um clássico do grego Sófocles, para cá transportada pelas mãos de Jean Anouilh (2009), possibilita uma reflexão sobre o humano nessas dualidades e contradições.

O personagem, uma dos quatro filhos de Édipo e Jocasta, acompanha a rivalidade de seus dois irmãos que lutam revezando-se no trono deixado pelo pai, na ocupação de Tebas. Numa disputa, acabam matando-se um ao outro, deixando o reinado para o tio Creonte, que por sua vez, segue a lei de enterrar aquele que estava no trono, deixando o outro sobrinho insepulto. *Antígona* luta durante toda a trama para defender a lei divina (ou natural) de enterrar também o outro irmão, mesmo sabendo que, ao desobedecer à ordem real, terá que pagar a punição com a vida. Assim ela o faz, demarcando sua posição que nega as regras sociais impostas em nome de seus princípios e enfrenta a morte.

Ginzburg (2001, p. 199) transcreve um trecho da Retórica de Aristóteles em que ele diz (1373b):

Distinguimos os atos justos e injustos, relativamente às leis e às pessoas, de dois modos. Há dois tipos de lei, a particular e a comum. Por lei particular entendo a que foi definida para cada povo com relação a ele; ela pode ser tanto não escrita quanto escrita. Por lei geral entendo a que é segundo a natureza. De fato, há um justo e um injusto por natureza que todos têm como que uma intuição, mesmo se entre eles não haja nenhuma comunicação nem um pacto. A Antígona de Sófocles exprime isso claramente, quando diz que é justo sepultar Polinices (seu irmão), contra o disposto, porque é justo por natureza.

É com Antígona que me aproximo do incomodo e inconformismo perante o descaso em relação a essas vidas e depois às mortes, no movimento de pensar no ser humano sem as marcações de fronteiras, para além das medidas protetivas globais, que são, diga-se de passagem, elaborações eurocêntricas colonialistas. Mesmo com as leis escritas, ainda que as pessoas se imaginem vivendo balizadas por seus princípios morais, a distância com que nós nos posicionamos frente à barbárie que o mundo contemporâneo vive faz muitas vezes valer o provérbio “o que os olhos não vêem o coração não sente”, como na situação em que me vi diante no passarinho morto na mão da minha filha e o noticiário relatando as mortes no bombardeio na Faixa de Gaza.

É preciso construir constantemente uma reflexão ética sobre a cumplicidade silenciosa gerada pela indiferença perante as crueldades vividas pelas pessoas em situação de refúgio. As distâncias nos *tempoespaços* nos fazem falar sobre a vida de muitos filhos, filhas, pais, mães, avós, irmãos, amigos como se fossem meros números. Diz Ginzburg (2001, p 211) *a formulação da noção jurídica de “crimes contra a humanidade”, que surgiu com o fim da Segunda Guerra Mundial, pode ser vista como uma vitória tardia de Antígona. É justo sepultar Polinices, contra o disposto, porque é justo por natureza.*

A vida em sociedade tem nos mostrado que não bastou a criação da lei que pune os crimes contra a humanidade. É preciso uma estesia que permita nossa saída da cegueira que nos impede perceber a barbárie vivida no agora, no entorno da interface infância e refúgio, dando a ver um trágico movimento interseccional, que sobrepõe em cadeia a (em muitos casos nova) condição de pobreza em que vivem muitas dessas pessoas e entre elas, aquelas que são pobres, são negras e refugiadas. Ainda nessa escalada, há outras camadas dessa população envolvendo as mulheres na condição de as pobres, negras e refugiadas e ainda as crianças que são pobres, negras e refugiadas. Aqui cabe ainda um destaque para

a condição das meninas negras refugiadas e pobres na intersecção gênero, raça e classe nos deslocamentos.

### 3.3 Maritórios: Pedacos d'água com gente invisível dentro

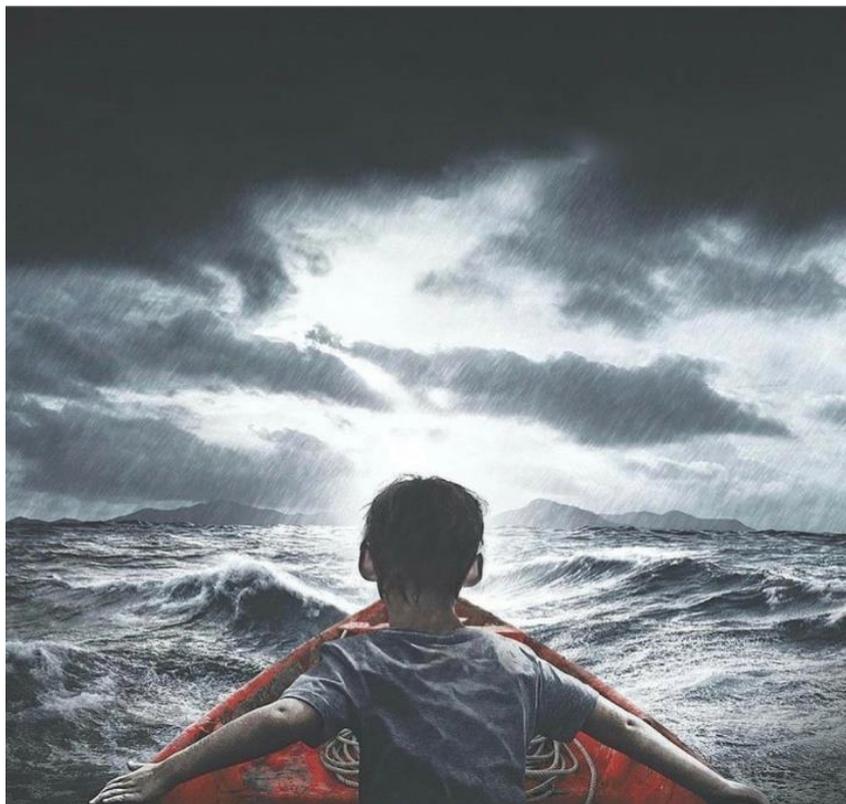


Figura 9 - Capa do Livro REFUGIADOS de Alan Gratz

Nessa dimensão dos mares e das pessoas em situação de refúgio conduz o olhar tanto em profundidade quanto até onde se avista aquela fina linha que separa céu de oceano e que demarca a nitidez riscada nos dois tons de azul da fotografia de Velez. A imagem almejada é a de que as narrativas pescadas em campo nas conversas presenciais, nos livros infantis, nos filmes e nas fotografias puxem esse fio de horizonte fazendo transbordar toda água, sem bordas, tornando aparente o “nós” presente no fluxo humano que vem, que vai e que pousa nesse espaço de disputas e de resistências, que sempre foi um campo de batalhas e por isso aqui se apresenta como um mar político.

Contemplar esse mar na perspectiva da migração pode ser como sentir o pensamento sendo levado pelo leito, pelas marolas ou por possíveis ondas gigantes e distantes provocando tensão e atenção de acordo com as lentes usadas para navegar de encontro às muitas histórias e experiências que ali têm sido guardadas. Pela imensidão e sem bordas que o delimite, é preciso uma ancoragem que demarque alguns ambientes específicos, que no interior dessa tese vão se desenhando como espaço(s) de mar a ser (em) analisado(s), que dê(em) sentido ao todo a partir de algum(ns) vestígios(s) trazido(s) tanto pela personagem-mar, quanto por outro alguém que lá esteve em trânsito, ou por quem o avista da terra, ou mesmo por alguém que o acione por meio de memórias reais ou imaginárias. A busca é pelo reconhecimento de tais tensões, colocando foco naquilo que nasce do entre das visadas.

Encontro eco sobre essa ideia de múltiplas visadas no termo arrecife, que, de acordo com o Serviço Geológico do Brasil CPRM, tem sua etimologia associada à palavra árabe “*ar-racif*”, que significa calçada, caminho. Pesquisadores afirmam, no artigo<sup>70</sup> *Arrecifes, a Calçada do Mar de Recife, PE*, que os arrecifes são linhas rochosas praianas bastante comuns no litoral nordestino brasileiro, na Grécia e Austrália, que circundam ou margeiam determinados trechos praianos. No caso da costa brasileira, foram avistados pela primeira vez e referenciados pela perspectiva do escrivão colonialista Pero Vaz Caminha, autorizado a narrar sobre a *Terra à vista*. Entretanto, de acordo com Barreto, et al (2013 apud FONSECA 2009) o Estado de Pernambuco foi assim nomeado a partir do termo indígena do tronco lingüístico tupi, como *Paranã-Puca*, cujo significado é “*onde o mar arrebenta*”, afirmando uma perspectiva dada por quem vê as águas a partir da terra.

Esses dois pontos de visada, testemunhos dos que avistaram onde o mar termina e os outros, de onde o mar inicia, criaram no âmbito dessa pesquisa, a demarcação de espaços de encontro, contribuindo na formulação do conceito aqui cunhado como maritório, que pode ser compreendido como um cronotopo que reúne pontos invisíveis, pontos de vazios, numa concepção contrária daquilo que podemos conhecer como território. Esse conceito aqui forjado como um território às avessas, trata das ausências, dos não vistos. Um lugar de afirmação do vazio, proposto exatamente para que torne o vazio visível. Esse lugar habitado por muitas vidas se faz visível apenas quando os que aportam não estejam mais nas águas. É espaço daqueles que, por não terem terra, lançam-se nessa alternativa quase sempre única de possibilidade de vida.

---

<sup>70</sup> Publicado na Internet em 27/10/2010 no endereço <http://www.unb.br/ig/sigep/sitio040/sitio040.pdf>

Como já dito antes, interessa a essa pesquisa determinado lado da história, para as narrativas em que seja *preciso salvar a história dos vencidos rememorando-a*, como nos diz Benjamin em uma de suas Teses sobre o conceito de história (BENJAMIN, 1940), quando sugere a escolha de um dos lados da história, uma vez que nenhuma posição é neutra e por esta razão, é preciso um olhar crítico e posicionado voltado a ela.

Uma das formas de projetar essa visada crítica foi ter o mar como campo de pesquisa, como se esse ambiente nunca tivesse sido visto por mim antes. Como uma infância que inaugura o olhar às coisas novas do mundo, que traz mais perguntas do que respostas, buscando relacionar todos os seres, ambientes e acontecimentos sem hierarquizar a realidade circundante.

Ailton Krenak<sup>71</sup>, jornalista e ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, contribui com essa ideia de um olhar inaugural quando chama a atenção para o risco que corremos, enquanto humanidade, se continuarmos ignorando o mundo oceânico, nos vendo com exclusividade como habitantes do planeta. Como se apenas o mundo humano fosse possível, existível, viável. Sua ideia de plurimundos também nos convida a limpar as lentes e ajuda a estender o olhar para além das humanidades, observando nos laboratórios florestais, por exemplo, como a medicina habita a planta. Neste caso, Krenak dialoga profundamente com a concepção de mônada, que Benjamin aprofunda a partir de Leibniz em seu “*Discurso sobre a metafísica*” (1984, p 70). Uma ideia que se assenta não nos seres como uma parte do todo, mas na totalidade que habita em cada ser. Um convite ao aprendizado de perceber e conviver com seres não humanos, como fazem os indígenas equatorianos e colombianos nas regiões dos Andes e os Massais no Quênia ao se relacionarem com as montanhas, conversando com elas e ofertando-lhes presentes.

Essa narrativa não só não é aceita, ele diz, como é desqualificada, sendo comparada a um tipo de crença sobre o pensamento infantil, do qual sobre as crianças ainda se carrega a ideia circundante de inacabamento e vir a ser. Esses povos, os esquecidos, invisíveis, são os que andam as bordas do planeta, as margens dos rios, nas beiras dos oceanos. São a sub-humanidade, como diz Krenak.

Ainda que caminhando contra o fluxo que os reprime, as pessoas em situação de refúgio que transitam pelo mundo, parecem estar anos luz a frente, mostrando que as fronteiras das nações já não existem mais como projeto de humanidade, na medida em

---

<sup>71</sup> Aqui as ideias apresentadas foram inspiradas nas conferências e palestras que originaram o livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, que consta das referências.

que essas pessoas avançam mares e terras adentro, desfazendo linhas. Aqui, o autor insinua uma ideia de *passadofuturo* que mescla bakthinianamente às tradições dos indígenas, dos africanos, dos médio-orientais e dos asiáticos ao pensamento contemporâneo de filósofos de diversas dessas etnias, na qual podemos nos aproximar de um deles: o conceito de “sankofa”, que origina-se de um provérbio da África ocidental, representado por um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás. A ave carrega no bico um ovo, simbolizando o futuro. Pode ser traduzido como a possibilidade de voltar às raízes para avançar em seguida, expressando a busca de sabedoria em aprender com o passado para entender o presente e moldar o futuro.

Expandindo o olhar, desloco-me no tempo na direção das narrativas marítimas onde se circunscreveram grandes navegações que partiam tanto em busca de suprimentos e matéria-prima, como também para resolver questões do crescimento populacional. A expansão demográfica respondia também aos conflitos políticos, cujas invasões resultavam na expulsão de dissidentes que saíam para o exílio e se aventuravam no caminho das águas.

Partindo de algumas premissas trazidas dos bancos escolares, das pesquisas bibliográficas que embasam esse estudo e recentemente, do já citado Colóquio virtual “História das Águas” organizado pela professora Stefania Chiarelli<sup>72</sup>, mapeio alteridades que entrecruzem infâncias e águas, mediadas pela condição de deslocamentos. Na especificidade do diálogo com a infância, a prof<sup>a</sup> Rosana Bines, foi fonte de importantes inspirações, como com a canção popular “A canoa Virou” e nas concepções compartilhadas sobre a infância em sua palestra no Colóquio, especialmente com sua marca literária e poética, com a qual me afino e me inspiro.

Para melhor compreender esse espaço de águas conceituado aqui como marítório, me aproximo por oposição ao conceito de território, que nas palavras de Hans Kelsen, (apud FRAZÃO, 2017) pode ser concebido, ao lado da soberania e do povo, como um dos três elementos que formam o Estado. Em outras palavras, território é a esfera de terra, que em sentido estrito abrange o solo, subsolo, plataforma continental, águas interiores, mar territorial e espaço aéreo, de validade da legislação penal. Por outro lado, como os mares e oceanos são, no interior desse texto, os espaços de reflexões, debate e disputa,

---

<sup>72</sup> Este Colóquio foi promovido pelo Programa de Pós Graduação em Estudos da Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF), no Rio de Janeiro. Dividido em sete mesas de debates, propôs pensar a relação entre água e alteridade, revelando narrativas de memórias, opressão, reinvenção e resistência de pessoas migrantes. <https://www.youtube.com/watch?v=R4GIV17e4vg&t=9s>

torna-se necessário um conceito que dê conta dessa dimensão, no instante que em as pessoas por ele transitem. Neste sentido, reafirmo o termo “maritório”, como a categoria conceitual que pode delimitar esse espaço de águas que se transforma em lugar, a medida em que o conhecemos melhor e dotamos de valor (TUAN, 1980)<sup>73</sup> e sentidos, na relação com os sujeitos e interlocutores da pesquisa, ainda que na maioria das vezes reconhecidos após suas passagens ou o fim de suas vidas pelas águas.

Na expansão do olhar, busco por mapas de navegações que possam ilustrar rotas marítimas e por meio delas compreender histórias outras de deslocamentos marítimos. Uma proposta benjaminiana de reparar aquilo que habita as entrelinhas, como fazia o jovem Benjamin ao ler seus livros nas aulas de história<sup>74</sup>. Diz ele na peça radiofônica “*Doutor Fausto*”, que, na vida escolar percebia nas páginas de seus livros didáticos, que os textos se apresentavam separados por caracteres grandes e pequenos, destacando nas letras grandes, as datas das guerras, o nome dos reis, os grandes feitos e tudo o mais que precisava ser decorado pelos alunos. Em letras miúdas, descreviam-se os detalhes que mais lhe interessavam. Curiosidades sobre as civilizações, crenças, artes, ciências, modos e costumes, assuntos considerados desnecessários pedagogicamente e por isso, deixados de lado pelos professores, fundamentaram a crítica que Benjamin construiu sobre a percepção da materialidade da cultura, por meio do cotidiano. Interessava a ele observar minuciosamente fragmentos do dia a dia para uma compreensão da dinâmica social.

Com essa imagem benjaminiana, localizo na Biblioteca Digital Mundial<sup>75</sup> o “*Livro do Mar*”, cujo título original é “*Kitab-i Bahriye*”, que foi escrito pelo turco *Muhidin Piri* e se configura como um relevante material geográfico e manual de navegação daquele tempo. Esse manuscrito, que reúne mais de 200 mapas de regiões costeiras, baías, penínsulas, ilhas na bacia do Mediterrâneo e o Mar Negro, foi composto originalmente em meados do século XVI, descrevendo as ilhas do Mar Egeu, a península peloponesa e as costas ocidentais da Itália, sul da França e norte da África. Muitas de suas cartas gráficas foram elaboradas por meio de contribuições de outros documentos trazidos por outras navegações, em especial as naus portuguesas.

---

<sup>73</sup> Tuan (1980) constrói, assim, a noção de Topofilia que “é o elo afetivo entre pessoa e o lugar ou ambiente físico.

<sup>74</sup> Trecho construído a partir texto “Doutor Fausto” (p. 181), do Livro de título “*Hora das Crianças*”, que reúne 86 peças radiofônicas produzidas por Walter Benjamin entre 1927 e 1932. Traduzido por Aldo Medeiros e projeto editorial de Rita Ribes Pereira, o livro foi publicado em 2015 pela Editora NAU.

<sup>75</sup> A Biblioteca Digital Mundial foi projetada pela UNESCO em parceria com mais de 30 instituições de vários países. Foi lançada em 2009 com o objetivo de oferecer gratuitamente e em formato multilíngüe, importantes fontes provenientes de países e culturas do mundo.

Para além das descrições de latitude e longitude representadas nos pergaminhos de peles de gazela ou camelo, interessou-me saber, num dos artigos sobre as cartas náuticas,<sup>76</sup> que Muhidi Piri, também conhecido como Piri Reis, alistou-se na guarnição da nau de seu tio, um corsário que se transformou em almirante da Marinha atuando no transporte de grande parte da população islâmica da Espanha para a costa africana, após serem expulsos na queda de Granada. O menino tinha supostamente 11 anos quando se alistou e passou a observar atentamente o mar, suas margens e as pessoas, participando das atividades corsárias junto ao tio, enquanto capitaneavam outras esquadras. Um olhar infantil sobre os mares pode e muito ter contribuído para um acervo imagético rico na visada atenta aos detalhes, às curiosidades que muitas vezes escapam ao olhar adulto. O registro daquilo que pode ser observado nas muitas inscrições e ilustrações com informações sobre pessoas, riquezas e lugares, compõe seus manuscritos e cartas náuticas, tornando o *Livro do Mar* uma referência mundial.

Essa breve referência à infância marítima que ocupa pouco mais que uma linha do artigo, apresenta pistas sobre a presença das crianças entre os tripulantes das navegações, revelando a existência de experiências infantis durante todo o período das navegações, como nos séculos seguintes ao relato do turco Piri Reis, quando muitas crianças que cruzavam o Atlântico vindo nos navios portugueses, eram lançadas ao mar no caso de haver a necessidade de se reduzir o peso das cargas. O relato do historiador Ronaldo Vainfas sugere um lugar e um conceito de infância que vai se modificando de acordo com os interesses comerciais. No período das colonizações, com o trânsito das pessoas escravizadas, o valor monetário das crianças mudou em todo o Atlântico, como confirmado a partir da Lei Dolben, de 1788, que apregoava:

“II. Dispõe-se que, sempre que houver, em qualquer uma das referidas naus ou embarcações, mais do que duas quinta partes dos escravos que sejam crianças, e que não excedam quatro pés e quatro polegadas de altura, então cada cinco dessas crianças (acima e abaixo da supracitada proporção de dois quintos) serão consideradas e tomadas como iguais a quatro dos ditos escravos, no âmbito do verdadeiro propósito e significado do presente ato[...].”

LUISELLI, Valeria. Arquivo das crianças perdidas. 2019, p. 275

---

<sup>76</sup> Após conhecer o Livro do Mar, fiz um levantamento bibliográfico entre livros e artigos em busca de mais informações sobre esse autor e localizei um texto, adaptado de uma conferência realizada em 1993, cujo tema era *A Carta Náutica de Piri Reis, 1513*. Esse artigo detalha um pouco mais sobre o autor dos mapas. <https://www.scielo.br/pdf/anaismp/v17n1/v17n1a07.pdf>

De lá para cá pouca coisa mudou em relação à invisibilidade das crianças do mar migrante, ainda que nos textos jurídicos, repito, as crianças figurem em lugar de destaque no que diz respeito à proteção. A imagem na capa do livro *Refugiados*, de Alan Gratz<sup>77</sup> materializa o que denomino como maritório e em seu conteúdo habitam histórias que narram as experiências de três crianças separadas por décadas e continentes, mas que se encontram no mar. Mahmoud, uma das personagens, é um menino sírio de Aleppo, que em 2015 foge com sua família da violência e destruição dos bombardeios iniciados com a guerra em 2011, com a esperança de se refugiar na Europa, ainda que para isso tenha que enfrentar o risco de uma travessia sem volta. Em determinado momento, quando são resgatados do mar por um navio de turismo, ele percebe os olhares contorcidos de desagrado com a presença daqueles “que não pagaram para estar ali” (p. 179). O autor relata seu pensamento:

Eles só nos enxergam quando fazemos algo que não querem que façamos. [aqui, a fala como narrador] Quando ficavam onde deveriam estar – nas ruínas de Aleppo ou atrás das cercas de um campo de refugiados – as pessoas podiam se esquecer deles. Mas quando os refugiados faziam algo que elas não queriam que fizessem – quando tentavam cruzar a fronteira para o seu país ou dormir nas escadarias de suas lojas – as pessoas não conseguiam mais ignorá-los.

Apesar do desejo de estar invisível naquela situação constrangedora o menino entendia a necessidade de ser visto para ser ajudado. Diferente da condição da vida na Síria em guerra, onde para se manter vivo, era preciso estar invisível.

Por outro lado, em “Fogo no mar”, no documentário de Gianfranco Ros (2016), o menino Samuele Pucilo traz a visada de quem está em terra, na ilha de Lampedusa e como habitante local reflete sobre a carga de sofrimento emocional que vive frente a tragédia diária que os corpos nas areias da praia impõem sobre sua vida, ainda que não seja um deles.

Naufrágio, colete salva-vidas, balsa, imensidão, travessia, deriva, profundidade, submergir, oceano, terra a vista, espelho d’água, entre outras, vão deixando de ser apenas palavras ou expressões migrando para o campo das ideias que fundamentam a complexidade que envolve as pessoas em situação de refúgio, em particular as crianças.

---

<sup>77</sup> Gratz, Alan; Linda, Julia [trad.] *Refugiado*. 2ª ed. Três Cantos: Loqueleo, 2018. 351 p. ISBN 9788491222330

Nesse contexto, a observação de objetos guardados pelas águas se coloca como um resgate de elementos constitutivos de certo recorte temporal e espacial.

#### OMAR E O TEMPO<sup>78</sup>

Nesse lugar quem manda é o tempo, diz ele. Mesmo assim, só fui aprendendo isso aos poucos. Descobri que não é o tempo do relógio, mas o tempo que se mostra pelo céu. Quando o dia amanhece ensolarado, só com uma brisa leve, basta esperar um pouco e daquele lado do campo começa a aparecer, devagar, um daqui outro de lá, esperando que ele chegue para abrir a cerca. Cerca aberta, muita gente caminha para os montinhos de terra enfileirados de frente pro mar, outros seguem para os que ficam espalhados por todo campo. Tem os que vêm pra chorar e os que vêm pra ficar. Uns trazem os outros. Os outros trazem uns. Nesse lugar não faltam flores frescas, raminhos ou simples galhos com folha. Todo o tempo vem gente trazendo coisa nova para colorir esse campo tão grande. Sem as flores ia ficar tudo muito cinzento e sem graça. Curioso é que não é só planta, também tem brinquedo, bicho de pelúcia, chinelo. Se fosse naqueles tempos, lá onde eu morava, não ficava nada, assim solto, sem dono! Qualquer coisa deixada ou perdida pelas ruas, praças, bancos, em pouco tempo não se achava mais. Lá, todo mundo pedia e pegava tudo ... mas não era por mal não, é porque a gente precisava de tudo mesmo. Aqui não, ninguém precisa falar nada que parece que as coisas vão surgindo como uma mágica e um monte de presente vai sendo colocado nos montinhos de terra. Nesse lugar tem que ser assim. Cada montinho virado para o seu Deus. Isso ele repete, entre um assovio e outro, quase todo dia, explicando como tem que ser. Cuida desse lugar há tanto tempo, que, pela sua expressão ao olhar o céu, até eu já sei que tempo vem. Sei quando vem chuva e com ela, mais gente e mais trabalho pra ele. E então, ele vai ficando triste e zangado: triste, porque diz que não gosta quando chega gente e zangado, quando recolhe os nossos coletes coloridos e rasgados. Nesse lugar “quem vem, vem pra ficar”, é desse jeito que ele nos dá boas-vindas quando chegamos, assim que o mar nos devolve. Sim, devolve, porque primeiro ele faminto que é nos engole e depois nos cospe de volta na areia. Eu não fico triste quando escuto o seu assovio enquanto caminha, para e cava. Porque é quando a pá fura a terra, que ele fala tudo o que vê... a boneca, o boné, a bota, o homem, a mulher, a velha. Fico esperando pela sua voz e gosto quando vai aumentando o tom, isso quer dizer que está chegando cada vez mais perto. Torço de novo que ele traga alguma coisa pra junto de mim. Nesse lugar, dizem que sou um monte de números, um tal de DNA, mas na verdade, ou escreveram errado, ou não sabem de nada mesmo! Porque eu sou Omar<sup>79</sup> e durante os meus oito anos de vida morei do lado de lá do mar e aprendi com meu pai e meu avô, que meu nome significa “o que tem uma vida longa”, “homem cheio de vida”. E isso sim é verdade!

<sup>78</sup> Crônica de minha autoria inspirada na reportagem do jornal online EL PAÍS Brasil, de 18/03/2020, denominada: Crise dos Refugiados: O cemitério dos imigrantes sem nome | Internacional |

<sup>79</sup> **Dicionário dos nomes próprios - Omar:** Significa “o que tem uma vida longa”, “homem cheio de vida”; “homem ilustre pela riqueza”. Omar é um nome que tem pelo menos dois étimos, um dos quais provém do árabe *ámara*, que significa viver muito. Por extensão, tem o sentido de “o que tem uma vida longa”, “homem cheio de vida”. Fonte: <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/omar/>



Figura 10 - Imagem do cemitério de coletes em Lesbos (Foto: reprodução/BBC)

Omar, personagem da crônica que fecha a porta do capítulo das águas, junto com Mary, Eloisa, Piri Reis, Mahmud e Samuel nos permitem, com suas vidas que atravessam o tempo e o mar, manter acordados os pensamentos sobre *certas infâncias* que daqui por diante circularão, num movimento que como as ondas calvinianas, trarão à superfície fisionomias de infâncias reunidas nesse tempo presente.

A emergência da pessoa em situação de refúgio sinaliza que literalmente é preciso segurar-se em alguma borda para não mais sucumbir aos coletes e balsas que afundam, emergindo daí a tentativa de migrar da sobrevivência para um espécie de vivência sobre si. As reflexões trazidas nas seções “Espelhos d’água – o nós político” e “A canoa virou - o mar político” desembocam na última, com a formulação do conceito de “Maritório” onde busquei conceber um pensamento que fugisse das amarras hegemônicas e opressoras que sempre colocaram esse outro num lugar de estranho/estrangeiro, reforçando uma ideia desgastada e binária de diáspora como negação da diferença, a partir da mudança da visada de quem olha a pessoa na situação de refúgio. O que propondo aqui é o contato próximo e genuíno com experiências de diásporas múltiplas heterogêneas que atravesse limiares de forma a fazer ver *certas infâncias* não mais como excluídas ou invisíveis. Nem como *certas*, mas como infâncias.

### 3. DESÁGUES



Figura 11- "Os viajantes" Bruno Catalano

Ao conhecer as esculturas do francês Bruno Catalano<sup>80</sup>, pensei ter me aproximado de uma imagem que desse conta de expressar a pessoa refugiada que, em muitas circunstâncias sai de casa com a roupa do corpo, ainda que a maioria das esculturas do artista sejam constituídas por pessoas adultas em tamanho natural, bem-vestidas e carregando alguma bagagem, o que na condição de refugiado quase nunca é possível. A escultura escolhida como epígrafe visual para o capítulo Deságues, embora não nos remeta diretamente a uma criança me serve ainda assim como imagem de infância por corresponder a um específico vazio, traduzindo a ausência de representatividade das crianças entre as pessoas refugiadas e precisamente pela ausência delas que se faz muito “presente” num local específico dos corpos esculpido: o centro do corpo. Por mais

---

<sup>80</sup> Escultor francês nascido no Marrocos, que na infância migrou com a família para França nos anos 70. Sua experiência como marinheiro foi central como inspiração para suas obras. Nos anos 80 fez sua primeira escultura em barro e mais tarde passou a trabalhar com bronze.

paradoxo que soe afirmar a presença de uma ausência, é exatamente ali na parte invisibilizada de praticamente todas as esculturas da série “Os viajantes”, o ambiente central onde a vida/infância habita do início da sua existência até o nascimento e que Catalano faz exageradamente sumir das suas obras.

Curioso foi o caminho percorrido por ele, cuja história chegou a mim por meio do site Imigração Histórica produzido pela prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosana Teixeira<sup>81</sup>. Ela conta que tudo mudou artisticamente para ele, quando decidiu ampliar o tamanho de suas esculturas iniciais de bronze feitas em tamanho convencionalmente menor, para uma produção de corpos humanos em tamanho natural, até que um acaso se deu quando ele trabalhava numa peça que era a escultura de um homem carregando uma mala. Catalano percebeu uma falha na altura da barriga e constatou que tal falha, um espaço vazado, poderia fazer desmoronar a obra. Pensou durante um tempo se, e como faria para preencher aquele buraco que se formou. No entanto, ao invés de preencher, pensou: “*por que não cavar ainda mais?*” A pergunta fez nascer a série “La Famille de Voyageurs”, que é seu trabalho mais conhecido e que nasceu daquele acaso inusitado.

O que conecta a sua obra ao meu trabalho é a necessidade de chamar a atenção para o que não se vê e é exatamente para o vazio que mais direcionamos nosso olhar ao apreciar suas peças. O exagero das ausências nos corpos, pode nos levar a pensar no que se perde no caminho, nas pessoas e lugares que ficam para trás deixando vazios que muitas vezes não são visíveis para não refugiados. Esses (que aqui - ainda - somos nós), na maioria das vezes não conseguem visualizar naqueles que chegam, *um médico, uma professora, um engenheiro, um cozinheiro, um ativista, uma jornalista, um artista ou uma advogada e crianças, muitas crianças*, como me diz Malala em seu livro “Longe de casa” (2019), que teve que fugir com a família aos 11 anos de idade. *Você poderia ser um pai chamado Ziauddin, que tinha uma filha chamada Malala*. Aquele contingente denominado refugiado se torna uma massa única, pois os números que ouvimos nos noticiários são tão impressionantes que deixamos de vê-los como indivíduos se não nos dedicarmos a vê-los vivíveis, como eu e você.

O fato de suas esculturas serem produzidas em tamanho real também nos coloca bem olho no olho, possibilitando uma visada desse outro como um possível eu. Aquilo

---

<sup>81</sup>. Desde 2016 a professora pesquisa profundamente o tema da migração e como resultado de sua longa pesquisa, criou o site <http://www.imigracaohistorica.info/> de forma a reunir todo seu acervo composto por artigos, pesquisas, filmes, livros, documentários e links diversos, criando um espaço de consulta para outros pesquisadores, estudantes e professores que investiguem o tema.

que não podemos ver em suas obras e para onde mais direcionamos o olhar se torna a experiência de enxergar o invisível e vem de encontro a necessidade de outros preenchimentos e esvaziamentos do qual que esse capítulo trata.

#### 4.1 Sobre desaguar

Do marítório, território às avessas que tratou sobretudo de ausências, dos não vistos cercados de água por todos os lados do capítulo anterior, chegamos no deságue, para dar vazão ao transbordamento para onde essa tese agora caminha. Como uma necessidade urgente de buscar ar para seguir, fui atrás dos significados<sup>82</sup> que esse termo abriga e encontrei a polissemia que a ideia do deságue oferece: “fazer a água escoar”, “esvaziar a água”, “aquilo de desemboca”, “que vaza”. O que fez sentido para a necessidade de fazer fluir toda a água drenada até aqui.

Dos jeitos de fazer vaziar água, me veio o sentido do que acontece por dentro: a bolsa d’água que precisa romper para que a vida siga o rumo; o salivar anunciando o desejo de algo para comer; a aguaceira que colocamos para fora quando um alimento ruim faz mal ao corpo. São expulsões de água mudando consideravelmente de um estado para outro, em transformações contínuas. Mas há também o sentido inverso, quando é imprescindível nos encharcar por dentro para saciar a sede e nos manter vivos. Assim percebo o sentido de fluidez que o deságue da tese necessita.

Somos feitos majoritariamente de água de modo que assim como não podemos nos afogar nela para não morrer, também não podemos viver sem. É desses contrapontos entre sedes e fôlegos que esta seção começa a refletir. Não é possível viver sem água, mas também sem comida, sem ar e sem abrigo por muito tempo. Forçando arbitrariamente uma cronologia, que obviamente não apresenta nenhum número exato já que há muitas variantes, pode-se afirmar que não vivemos sem ar por mais de três minutos, sem água por mais de 7 dias, sem comida por mais de dois meses e sem abrigo por longos períodos.

Pensando como Krenak na água enquanto uma personagem, um ser em vida, segui seu caminho me lembrando que, sempre em movimento, ela desce do alto das montanhas achando e rompendo rumos até desembocar no mar. Ali morre o rio e nasce o

---

<sup>82</sup> [Deságue - Dicio, Dicionário Online de Português](#)

mar. Esse desaguar, que se dá sempre em outras águas está em constante transformação se alterando enquanto rota, direção, volume, cor, temperatura variando de acordo com o que encontra pelo caminho. Mas é na foz, no encontro do rio com o mar que se dá a maior transformação. No trajeto, suas bordas desenham diferentes existências, fazendo com que seu curso d'água se expresse na forma de estuário, afluente ou delta. A foz é encontro em vários pontos da existência, pode ser com outro rio maior, um lago ou finalmente no mar. Pode se avolumar e ser apenas um canal a desembocar – como estuário -, como também pode se ramificar em vários canais menores – como delta -. De uma forma ou de outra, este resumo hidrográfico me ajudou a construir o deságue também como uma personagem, abrigando em si formas resilientes e transformadoras de seguir o rumo.

Mais ou menos desta forma viveram Nya e Salva, ambos de 11 anos, juntos no mesmo Sudão do Sul, embora separados por cronos durante 23 anos. Essas duas personagens construídas ficcionalmente por Linda Sue Park, filha de migrantes coreanos, compartilham suas experiências de deslocamentos sempre às margens das águas, em suas aldeias de grupos étnicos distintos: Dinka e Nuer, inimigos por centenas de anos, exatamente em disputa por água. A narrativa, inspirada em experiências reais, habita o livro *“Uma longa caminhada até a água”* (2016) e nos dá pistas dos incontáveis deságues humanos vividos por essas duas crianças – assim como outras que por meio de entrevistas à autora deram vida a essas personagens -, onde é preciso desembocar no lugar que for possível, para manter-se vivo.

A menina Nya, como um estuário, tinha como tarefa buscar água para a família, numa mesma lagoa cuja distância durava meio-dia para completar uma ida e volta para casa. Era o tempo de chegar comer um mingau e sair para a segunda viagem que durava quase toda a tarde. Durante sete meses do ano Nya seguia essa rotina e ficava feliz sempre toda vez que sentia a água no seu corpo, em suas diferentes formas: a poeira em seus pés se transformando em lama, depois em lodo, até finalmente chegar com água nos tornozelos. Cumpria essa rotina como muitas outras meninas e mulheres, sendo o percurso de volta, claro, com o pesado jarro cheio d'água muito mais árduo e demorado. Quando as águas da lagoa secavam, a família se mudava para viver próximo de um lago a três dias de caminhada da aldeia. Diferentes grupos disputavam territórios em volta daquele lago de modo que só na seca era seguro ir para lá, pois os conflitos diminuía radicalmente já que todos estavam muito ocupados tentando sobreviver.

Saltando entre tempos e episódios, a autora intercala as narrativas de Nya e do menino Salva, num paralelismo em que as infâncias estão demarcadas por experiências

de participação ativa no contexto da vida familiar, onde todos os membros têm responsabilidades que vão transformando-se na medida em que novas aprendizagens e conquistas de estabelecem. Salva, cuja família vivia numa aldeia pastoril, cuidava de apenas uma vaca quando era bem novo e foi ampliando suas atribuições a cada novo ano de nascimento. Aos onze, já cuidava de todo o gado da família e tinha muita facilidade com esse manejo, ensinado e delegando tarefas aos irmãos mais novos. Ele estava na escola quando muitos tiros foram disparados e o professor da aldeia de Loun-Ariik ordenou que todos corressem para o mato e não para casa, pois estavam sendo atacados. Sabia que havia uma guerra entre rebeldes no Sul e o governo ao Norte, que impunha que todo o Sudão se tornasse muçulmano, embora no Sul houvesse outras manifestações religiosas o que desencadeou a guerra que durou muitas décadas. Desde que começou a correr para a floresta, Salva se juntou a outros que também fugiam mesmo sem rumo, embora o que sempre os guiava era a possibilidade de encontrar água. Os meninos como deltas criavam rotas e desvios, pois era a própria água que os permitia parar para descansar em algum lugar e ao mesmo tempo os empurrava, saciados, para seguir adiante numa ou outra direção. Quando não achavam, seguiam andando durante todo o dia e toda noite seguinte. Para milhares como ele, a caminhada durou muitos anos, o que fez com que ficassem conhecidos como os meninos perdidos do Sudão<sup>83</sup>.

Essas duas narrativas paralelas que num instante inicial estavam separadas e páginas a frente se uniram numa outra espécie de tempo, permitiram que Nya, se mantivesse em sua infância e desta forma se encontrasse com Salva, este já adulto, ambos compartilhando novas experiências em torno das águas. Um tempo construído às avessas de cronos e que rompeu com a linearidade imposta por uma história tradicional construída sequencialmente e que a modernidade insiste em definir como o sentido único. Para essa história, *a frente de seu tempo, seguem os países centrais do sistema mundial* como afirma SANTOS<sup>84</sup> (2002), sobre os que se configuram como autorizados a construção daquilo que se reconhece como conhecimento, produção da cultura e ciência. Essa concepção é uma das que o autor define como estratégicas produções de não-existências, por não caberem no seu tempo linear. Assim, tudo o que é diferente desta ordem fica a margem, invisível.

As experiências dessas duas crianças, ao saltarem do livro para esse texto, revelando suas atribuições domésticas, em convivência com toda aldeia, adultos, velhos,

---

<sup>83</sup> Há muitas versões entre livros e filmes para os meninos do Sudão. Várias autobiográficas.

<sup>84</sup> Texto na íntegra em <https://doi.org/10.4000/rccs.1285>

jovens e em livre e ampla circulação pelo território, vão de encontro ao que Santos apregoa como necessidade de demonstrar aquilo que não existe em algo existente. Seu objeto de investigação é exatamente aquilo que não cabe na sociologia tradicional e desta forma ele desenha como sociologia das ausências, o procedimento de investigação que busca nos fragmentos de experiências sociais não socializados e que são constituídos por outras formas e relações de vida alternativas ao que se convencionou pelas dicotomias hegemônicas. Essa se coloca como uma importante ruptura onde não seja necessário estabelecer relações com o *status quo*. Ou seja, pensar a experiência de vida das crianças sul sudanesas não requer comparações com experiências de vida de outras crianças, de onde quer se sejam ou estejam. O que há nessas infâncias que escapa ao que a concepção hegemônica de infância apregoa, é o que Santos me convoca a pensar.

Uma possibilidade de singularizar as crianças seria como esticar o olhar que se lança a elas nas imagens que fitamos (na fotografia, no livro ou no filme), ampliando essa visada sobre elas mesmas novamente, fazendo caber suas histórias, ainda que estas não nos tenham sido reveladas. Ou seja, perceber em relampejos e rastros, as mudanças em suas vidas na relação com elas mesmas, assim como em algum momento acontece com a água que de certa forma morre, deixando a vida enquanto rio, para que renasça mar e quase não se percebe como isso acontece. Começa a vida doce e ela salga em oceano. Muda sua forma de deságue na medida em que o caminho a transforma e ela transforma o caminho. Assim percebi a infância em Nya e Salva, desaguando em incomparáveis experiências transformadoras, abundantes em riqueza social, reposicionando lugares sociais, hierarquias, autonomia, sobretudo compreensões de tempos que evocam sentidos outros de distância, de transformação, de mudança, de simultaneidades.

#### 4.2 Sobre sede de ver

Dividimos a morada nesse planeta com outros mais de 7 bilhões de humanos, dentre eles, mais de 80 milhões de pessoas são qualificadas pelas Nações Unidas, organismo internacional reconhecido por estimar a população global, como vítimas de deslocamentos forçados<sup>85</sup>, *números impressionantes*, como disse Malala (2019).

---

<sup>85</sup> Ver publicações do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados em: <https://www.acnur.org/datos-basicos.html>

Embora estes números sejam apresentados oficialmente, são igualmente contestados, uma vez que não incluem um universo expressivo de pessoas já alocadas ou em circulação, que seguem em seus modos de existência a espera de uma legalidade que os encontre. Nessa conta nem entram aqueles que se recusam a viver fora dos campos de refugiados nem os que vivem a vida em suspenso, nos tempos de espera na análise de seus documentos, o que os torna ainda mais invisíveis. Assim vive a mulher com a criança no colo, como conta Visniec, na peça “*Espere o calorão chegar*”, de seu livro de dramaturgia “*Cuidado com as velhinhas carentes e solitárias*” (2013).

Nesta peça, o dramaturgo romeno coloca em diálogo um sentinela na fronteira e uma mulher em situação de refúgio com seu filho de colo do outro lado da cerca tentando atravessá-la, sem sucesso. O tempo passa e a mulher insiste em seu pedido refúgio sem que este sequer tenha iniciado, demarcando os diferentes tempos que habitam cada lado da cerca. Sua urgência não respinga no sentinela, que se mantém fiel aos protocolos determinados, até o momento em que o filho já crescido daquela mulher toma a frente exigindo passagem.

Ela se apresenta na fronteira dizendo-se sem pátria, uma vez que seu país, que fora repartido em seis, já não existia mais. Indagando insistentemente sobre a nacionalidade da mulher sem nação, o sentinela espanta-se com as respostas poéticas dessa que se diz filha da terra, filha do céu e que sua nacionalidade é o vento, nessa temporada das flores.

O que fazem essas pessoas, que insistem em escapar de bombardeios, narcotraficantes ou territórios sem Estado? Ousadamente se lançam a ultrapassar fronteiras sem pedir licença e por essa feita, muitas vezes são presas, deportadas ou aguardam respostas sobre seus status, seus destinos, suas vidas. Há também outros tantos que submergem diária e silenciosamente nas águas dos mares mediterrâneos e os que padeceram nos desertos de territórios asiáticos, africanos ou centro-americanos, em busca de segurança e liberdade. O esforço de tornar as infâncias mais visíveis é o que se pretende nos estudos sociais da infância (QVORTRUP, 2014) e no campo da infância migrante ((MARTUSCELLI, 2015) que observam o quanto a visão moderna da sociedade se mostra em franca abertura no ponto de vista das tecnologias, comércio e desenvolvimento de modo em geral, mas absolutamente restritas no campo das humanidades. Há também o paradoxo sobre os lugares de ocupação e participação das crianças nas diferentes sociedades: onde ela se mantém confinada nos espaços privados e nas sociedades em que a elas é permitida a participação no espaço público, como as crianças sul sudanesas.

Além do menino no colo, Sama também protagoniza uma saga de sobrevivência desvelando a potência que a passagem da infância pode provocar de início em seu núcleo familiar, mas podendo avançar para toda a sociedade e o mundo. Neste caso, frente ao cenário de destruição que a batalha em Aleppo promoveu, a cidade foi durante os cinco anos (desde 2015, ano de nascimento da protagonista), filmada pela cineasta-mãe Waad al-Kateab e o resultado foi o documentário *Para Sama*, obra premiada e indicada ao Oscar de 2020, desvela um testemunho que nos convoca a sentimentos antagônicos e ao mesmo tempo confluentes, produzindo um intenso deságue no limiar da dureza-delicadeza, do mundo privado e do público, da vida colada na morte.

No primeiro minuto do trailer do filme, ouvimos a mãe dizer: *Sama, fiz esse filme pra você! Quero que compreendas aquilo que estávamos a lutar*. A frase termina e alguém entra correndo no hospital improvisado e construído pelo pai, com uma criança ferida no colo. Uma decisão política da recém composta família, como forma de dar a ver ao mundo o que acontecia na cidade, apresentando uma narrativa dialógica com a filha protagonista e espectadora, uma vez que tanto a menina quanto o mundo precisavam saber daquilo. Mas as filmagens começaram tempos antes, quando a jornalista registrava os protestos populares contra o ditador sírio. O som e as imagens captados por sua pequena filmadora de mão nos mostram cenários de ruínas ao mesmo tempo em que crianças brincam num ônibus explodido por uma bomba de fragmentação, como explicou uma das crianças que estava pintando-o.

Para cada um desses seres humanos que vagueiam procurando abrigo seguro, uma etiqueta, que embora muitas vezes usada sinonimamente pelo senso comum, abriga diferenças cruciais sobre suas vidas, que vão variando de acordo com os motivos que os fizeram deslocar e a forma como ingressam no país receptor, quando conseguem chegar: refugiados; apátridas; migrantes forçados; retornados, ou como a mulher da peça e sua criança: solicitante de refúgio, como reza a cartilha internacional. A estes, agregam-se novos termos que reivindicam reconhecimento, como os refugiados econômicos, sanitários ou ambientais, esses, cujos territórios vão sendo ocupados como campos para grandes empreendimentos, são expulsos de suas terras.

Logo, surgirão tantos outros prenhes de novas letras que traduzam situações ainda não percebidas, cujas reivindicações relacionam-se a situações específicas que colocam igualmente suas vidas em risco, como os recorrentes eventos climáticos, novos conflitos e perseguições e as epidemias que assolam e abreviam vidas. Entre esses homens e mulheres, da infância à velhice, em comum, aqui reafirmo, são vistos como figuras

marginais que carregam uma dupla dimensão de fato social e itinerário individual, como diz Sayad (1998) e na outra face da mesma moeda, marginais, no sentido de estarem à margem, deixados de lado, como nos diz Macè (2018) ou Judith Butler, *como não vidas, como parcialmente em vida, ou como já mortas e perdidas por antecipação, antes mesmo de qualquer forma de destruição ou de abandono* (idem, 2018). Pessoas que deixaram para trás um contexto, uma experiência, uma vida para ingressar num novo mundo nem como cidadão, nem como estrangeiro, alguém expropriado de história.

Sendo múltiplos os fatores envolvendo os deslocamentos forçados, há de se compreender a necessidade que urge no alargamento do termo conceitual do refugiado. Das tantas razões para estar em movimento, cruzando ou não linhas que demarquem territórios nacionais ou internacionais, amalgama-se a essa disputa por espaço à disputa por nomenclaturas que determinem a quem será concedida licença a pertencer. Não só as pessoas que estão em movimento, mas o conceito de refugiado também se move e pede abrigo.

Em 1950, nasce o ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados - criado após a Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de ajudar milhões de europeus que fugiam do nazismo. A Convenção da ONU de 1951 e seu Protocolo de 1967, assim como outros instrumentos legais foram na sequência elaborados no sentido de ampliar a noção de refugiado e, ainda, de adequar as normativas a outras realidades, como o que aconteceu na Convenção de 1969 da Organização de Unidade Africana (UOA) que rege os aspectos específicos dos problemas dos refugiados em África e com a Convenção de Cartagena de 1984, para as especificidades das Américas Central e Latina. A partir desses documentos internacionais, cada país signatário, de origem e de destino, estabelece a sua legislação específica em relação às migrações como um todo, assim como as situações de refúgio (MOREIRA, 2014). Estes são os pilares do regime de proteção de refugiados e os que dão as diretrizes legais. Entretanto, na experiência cotidiana é possível observar que o fôlego para tal amparo não garante o exercício dos direitos básicos legais, quando se chega à fronteira.

Nas mesmas condições em que o termo refugiado segue em constante disputa e pede abrigo, a mulher cuja nacionalidade é o vento, reivindica os mesmos direitos das estações universalmente reconhecidas a cada novo ciclo de tempo. Chegou o inverno na fronteira e ela almeja nada mais, nada a menos que a dignidade de um floco de neve. “*Mas você está na fronteira terrestre dos direitos universais do homem*”, diz o agora confuso sentinela, afirmando que no caso de dar um passo à frente, ela estará ilegalmente

no tal território universalmente reconhecido e universalmente respeitado. “*Quero ajudá-la a estar legalmente desfrutando dos direitos da dignidade humana, começando uma vida nova com seu filho*”, diz esperançoso, o soldado, perguntando em seguida se ela tem passaporte válido. Sua resposta é negativa e ela apresenta como único passaporte o próprio filho que tem frio e fome. Diz que os flocos de neve não precisam de passaporte para atingir a terra.

O fator credibilidade, que não é descrito na definição de refugiado da Convenção de 1951, é um dos passos mais importantes na determinação e concessão do status de refugiado. Em muitos países, como no Reino Unido (SWEENEY, 2016), por exemplo, são fatores para determinar credibilidade: os princípios da consistência interna, consistência externa (relacionada a fatos prováveis) e a plausibilidade, o que mais os assemelha a interrogatórios baseados na premissa da descrença diante da narrativa dos solicitantes. A credibilidade é vista pela ACNUR como uma alternativa à prova e não um sinônimo de prova, embora na prática, seja necessário oferecer provas para criar as evidências necessárias que baseiem as solicitações. Aos solicitantes, viventes de experiências traumáticas, exige-se clareza, objetividade e coerência para que suas narrativas ecoem no ouvinte detentor de seus direitos, a credibilidade que lhes conceda abrigo.

Para se perceber essa credibilidade, técnicos são treinados para ouvir repetidamente as narrativas e perceber nos detalhes as possíveis inconstâncias internas, ainda que se reconheça que as experiências de traumas provoquem esquecimentos ou falhas nas memórias dos solicitantes. Externamente, os tomadores de decisão têm por premissa observar que, no caso de informações ausentes ou inconsistentes sobre fatos ocorridos nos países de origem, os solicitantes precisam esclarecer tais divergências nas ausências de dados. Por fim, como nos detalha Sweeney (2016), reunidos os dados, constroem-se teorias plausíveis ou não, de acordo com o julgamento frente à elaboração da narrativa ouvida. O que aqui se coloca em questão é muito mais sobre a subjetividade que sustenta não a crença do oficial no solicitante propriamente dita, mas como os oficiais de elegibilidade em geral constroem suas bases próprias pautadas nas cartilhas, nos questionários e nas subjetividades formuladas por seus valores sócio-culturais.

Por isso entendo o grito das duas mães, cada uma a seu modo, desaguando sobre o abandono ao qual foram colocadas e sua não aceitação a uma morte silenciosa. A força do grito aqui é a força da infância, que como um fôlego as revigora. *Aleppo acabou!* diz a mãe, que corre para fora assim que cessam os bombardeiros e o silêncio reina. *Quero ir*

*lá fora com você e a câmera para ver gente viva.* O impulso da mãe em ir lá fora com a filha Sama no colo e a câmera na mão é seu ato político de resistência embalado pela potência da infância e as lentes do mundo.

*“Não posso registrá-la como floco de neve, somos uma administração que respeita regras rígidas. Uma dessas regras diz que cada homem deve ter seus documentos válidos, portanto, para nós, um ser humano é igual a um documento válido”,* explica o sentinela à mulher. *“Então”,* ela responde: *“te proponho me registrar como um floco de neve, já que é tão branco quanto o papel!”*. Em resposta, o sentinela lhe diz não ser mais possível registrá-la como um floco de neve, pois o inverno já passou e estão na temporada das chuvas. *“Não quer pedir agora que lhe registre como uma gota de chuva ou uma tempestade, não é?”*, indaga o jovem, incomodado com os excêntricos pedidos.

O conflito vivido na trama teatral representa em microescala a dimensão política do conceito de refugiado, na medida em que o termo traz em sua raiz etimológica do latim o termo *refugium*, reportando a noção de um espaço que prevê abrigo. Podemos associá-lo também ao termo refugio, que de acordo como o dicionário on line<sup>86</sup>, se refere aquilo que sobra, que é desprezado ou inútil, mas também ao que é posto de lado, ou que tem menos qualidade. Na prática, o acesso a esse espaço de proteção se mantém longe de acolher o grande fluxo – desse refugio - migratório mundial, em sua diversidade.

O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados aponta o desenvolvimento da globalização neoliberal como geradora das desigualdades sociais contemporâneas no pós guerra fria, acirrando disputas econômicas e políticas e consequentemente demandando tal fluxo. Do ponto de vista econômico, em se mantendo a disparidade de renda entre países hoje nomeados como centrais e periféricos ou ricos e pobres, a chance da situação se manter como está ou piorar é grande, já que o que dispara a mobilidade mundial continua sendo por uma lado a continuidade da exploração territorial e humana e de outro, a busca por segurança em condições de pisar em terras férteis.

Em geral, aquele que se desloca que também pode ser chamado de nômade, sai de territórios hoje devastados, que em grande parte foram lócus de exploração e disputas nos períodos coloniais. Já nos dizia o filósofo Kant<sup>87</sup> em seu ensaio de 1795, intitulado “Paz

---

<sup>86</sup> <https://dicionario.priberam.org/refugio>

<sup>87</sup> O que Kant reivindica em seu ensaio é a substituição da hostilidade pela hospitalidade. A íntegra do documento encontra-se em <https://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/kant/kant1.htm>. Acesso em 21/04/2020.

perpétua de Emanuel Kant; um esboço filosófico” na II secção, *terceiro artigo definitivo para uma paz perpétua*, que

O direito comum à face da terra pertence a todos os seres humanos em geral. A injustiça que mostram às terras e aos povos que visitam (o que equivale a conquistá-los) é levada por eles como aterradores. Suas terras habitadas eram na época de sua descoberta consideradas por esses intrusos civilizados como terras sem proprietários, pois consideravam os habitantes como nada. Na Índia Oriental (Hindustan), sob o pretexto de estabelecer empreendimentos econômicos, eles trouxeram soldados estrangeiros e os usaram para oprimir os nativos, empolgaram guerras generalizadas entre os vários estados, espalharam fome, rebelião, perfídia e toda a ladainha de males que afligir a humanidade.

Kant, 1795

Após mais de duzentos anos da escrita do ensaio acima, tais fronteiras políticas continuam atreladas a fatores estruturantes no que se refere a construção da figura do refugiado no sistema internacional, que o vê na prática não como um diferente, mas como um adversário que invade. Identificados negativamente, vivem a condição de não cidadãos, não nacionais e quase não humanos. Também chamados de clandestinos ou ilegais, revelam-se socialmente como à parte da normalidade, da média, da maioria. Via de regra, chegam aos lugares em minoria em relação aos grupos locais que dominam social e politicamente os territórios de destino desses, cuja imagem se desenha mais visivelmente nos deslocamentos norte/sul, reforçando os discursos midiáticos pautados na segurança e no medo, revelando e reverberando um crescente no sentimento de nacionalismo, que desencadeia nas graves questões de xenofobia e racismo (SILVA, 2017) a que estão expostos.

Mesmo com a absoluta ausência de voz e poder, a mulher da fronteira quer sim, ser registrada não como uma gota d’água, mas como uma tempestade, assim como diz ter sido sua vida. Sua infância, sua educação, seu casamento, seu engajamento político, seus ideais e crenças. Tudo foi como uma tempestade, uma tormenta. *“Mas agora é tarde demais! A estação das chuvas já passou, estamos em pleno verão”*, diz o sentinela, desconfortável com o calor que se instalou. *“Espere o calorão passar”*, ele pede, explicando que seu pedido no momento está bloqueado. *“Na verdade”*, ele diz, *“seu pedido nem chegou a ser considerado. Suas respostas são estranhas demais! No campo nacionalidade você escreveu vento; último domicílio, você colocou campo minado; no campo religião você colocou o céu; no campo estudos você colocou lembranças da infância. Isso não está certo, nada certo! Isso não serve pra nada! Nossos computadores*

*não conseguiram decodificar suas respostas. Faz muito tempo desde que você desenhou um porco espinho com asas no campo motivação da mudança. Isso não existe, onde você está com a cabeça? Passado um tempo, o sentinela ouve uma voz que responde: “existe sim! Claro que existe porco espinho com asas!” Sem entender, olhando para os lados, pergunta: “Quem está falando? Não vejo ninguém....Onde está a mulher que preencheu os documentos e esperava na fila”? “Minha mãe está morta”, responde a criança que resistiu e cresceu nesse meio tempo. Tenho seis anos, sei ler e escrever. Minha mãe me contou muitas histórias bonitas e tristes. Poderia lhe contar uma história triste por dia. Ela me disse que agora tenho o direito de passar para o outro lado da fronteira, pois as belas histórias tristes são universais”.*

Ainda estamos engatinhando na capacidade de produzir um outro jeito de ver esse outro, que dê conta dessa urgência. O que é esse tempo não visto quando se pensa a infância? Nota-se que no texto da peça, o sentinela parece não sentir os efeitos do tempo, pois ele não envelhece, assim como as leis, os papéis as burocracias que sua personagem representa. Já a mulher e seus filho sentem o que é esse tempo de espera na infância. E a infância não espera, seguindo longe do exercício pleno de sua cidadania e garantia de direitos.

Ainda que a cegueira se mantenha nas normativas, impedindo-nos de ver a infância que se desloca, ela está lá nas fronteiras. Se desloca despercebida enquanto criança no tempo e enquanto infância no espaço das travessias.

### **4.3 Sobre sede de comer**

Só conheço meu país pelo cheiro. Ele tem cheiro de comida da minha mãe. Meu pai diz que a gente se lembra do cheiro do país da gente em toda parte, mas só o reconhece quando está longe. As beringelas assadas da minha mãe cheiram, em todos os lugares, igual como em casa, não importa em que país estejamos. A comida da minha mãe tem o mesmo cheiro no mundo inteiro, mas no estrangeiro tem um gosto diferente por causa da saudade.

Aglaja Veteranyi, p. 19/21, 2004

Nas primeiras páginas de seu livro, Aglaja relaciona e deságua com intensidade os temas infância, comida e memória, tendo como pano de fundo o forte sentimento de

medo que a acompanha durante toda narrativa que discorre sobre guerras, fome, morte, família, exílio, casas e a falta delas. A autora diz que *não poderia ter escrito de outro jeito. Só da perspectiva de uma criança era possível relatar toda crueldade e imoralidade desta história* (2004, p.9).

A obra autobiográfica recheada de espaços vazios, narra com profundidade a infância e adolescência da protagonista, na vida nômade de sua família circense exilada da Romênia. Em constante deslocamento, sua vida social se limita ao entorno familiar e alguns poucos funcionários do circo e assim mesmo ela aprende desde cedo que não deve se relacionar com ninguém para que a família não corra o risco de ser deportada. Embora explicita durante toda a narrativa o medo e a preocupação da mãe com sua integridade física, seu relato apresenta sucessivas experiências de violência infantil e sexual tangenciando os relacionamentos em torno de si.

Os autores Mathias e Muller<sup>88</sup>(2020) que se dedicam ao tema da literatura e fluxos migratórios, compartilham no artigo “Pureza e violência: imagens da infância em A. Veteranyi, uma visada social sobre o romance focando nos eixos família, trabalho e amizades, para abordar a experiência da violência infantil na obra. Ressaltam como a autora apresenta essas marcas e as possíveis formas de simbolização da realidade, do ponto de vista da criança: sobre a família, demarcando esse como o 1º círculo social, seu cotidiano familiar, a construção de identidade e de pertença; sobre o trabalho na experiência itinerante da família e depois o dela mesmo, quando sua mãe coloca seu corpo como objeto de sustento; e sobre a amizade, que deflagra uma sentimento pseudopaternal, que encobre uma experiência de abuso sexual.

O foco da discussão dos autores acima contribuiu para uma leitura sociológica, embora minha abordagem pretenda debater os recortes memória e comida, revelando o quanto o entrelaçamento destes se mostra frutífero na construção e manutenção da identidade, perpetuando laços culturais. Logo no prefácio, a tradutora Machi, diz que, *sua memória está sempre presa do lado de fora de seu país, para onde não pode voltar com a família, pois o ditador cercou a Romênia com arame farpado*. Ainda que a memória de infância permeie o limiar da morte, ela se confronta com a forte presença da comida, que como alimento se opõe a morte. São inúmeros relatos falando de *beringelas assadas* (p. 19), *comprar carne fresca e ovos* (p.22), *sopa de galinha* (p. 33), *mel, pão preto com manteiga e algodão doce* (p. 34), *bolo de sêmola* (p.45), além de duas páginas com a lista

---

<sup>8888</sup> Autores do texto “Pureza e violência: imagens da infância em A. Veteranyi.

de suas comidas preferidas (p. 22/23). As comidas são em geral apresentadas metaforicamente, como quando ela fala que a língua materna do pai soa como toucinho com pimentão (p.58), alinhando cada alimento com algum aspecto psicossocial vivido, tornado lúdico esse percurso narrativo. Aqui a leveza contrasta o tempo todo com a violência e é o alimento que traz esse contraponto.

Desta forma, a comida marca o texto em diferentes âmbitos, mas tem especial força como elemento de escape para o maior dos medos da protagonista: a morte da mãe circense, que se pendura pelos cabelos durante sua apresentação. Ela diz: *Espero o dia inteiro que minha mãe chegue a noite. Se minha mãe não cai da cúpula, depois do espetáculo jantamos juntos sopa de galinha* quase como um merecimento ou premiação pela manutenção da vida materna. Em contrapartida, enquanto espera, diariamente a irmã mais velha lhe conta a história da criança que cozinha na polenta, para que ela se acalme. Com detalhes de crueldade a cada nova contação, a irmã intensifica a dor da personagem da lenda que arde e queima na panela<sup>89</sup> para que a menina se distraia e com isso seu medo diminua.

A comida neste romance é metáfora, é gatilho para confortar o medo e é todo o tempo lugar de afeto e de memória. Desde as Madeleines<sup>90</sup> de Proust, que levou o escritor de volta à uma infância esquecida, passando pelas omeletes de amora benjaminianas<sup>91</sup> conto no qual um Rei triste buscava de volta o calor confortante das amoras da juventude, ao Ratatouille<sup>92</sup> do filme infantil lançado em 2007, em que o crítico gastronômico lembra da mãe ao provar e avaliar o prato que dá nome ao filme, a comida atua como um cronotopo, costurando o fio da memória afetiva da infância por toda vida.

Como Aglaja, o jovem angolano Mbalo mantém uma forte conexão com a comida de seu país, de onde saiu quando tinha um ano de idade. Ele foi um dos primeiros com quem conversei na Feira Chega Junto, como descrevo no relato de campo a seguir:

*“Em quase todas as feiras, observo um rapaz, na barraca de comida da Angola, que sempre acompanha uma senhora que parece sua mãe ou tia. São fisicamente parecidos. Está sempre em atividade, no preparo ou servindo os clientes. Acompanha*

---

<sup>89</sup> Na Romênia se conta a Lenda da menina que cozinha na polenta, como punição de crianças malcriadas.

<sup>90</sup> O gatilho destas memórias levou o escritor Marcel Proust a produzir o romance *Em busca do tempo perdido* sobre a primeira vez que saboreou esse quitute com chá, levado pela tia. Em [Comida afetiva e os sabores da infância | Caixa Colonial](#)

<sup>91</sup> BENJAMIN, Obras Escolhidas II - Rua de Mão Única, p.219

<sup>92</sup> Nome do Filme dirigido por Brad Bird e Jan Pinkava

*com o olhar os passos e gestos da mulher quando esta atende os clientes, parecendo apoiá-la nos diálogos, algumas vezes respondendo junto com ela, ou repetindo as conversas pausadamente para ela. Diria que sua ação se assemelha a de um tradutor. Num desses dias, ao conversar com a mulher sobre os ingredientes do prato que degustava (frango com molho de amendoim, couve e feijão fradinho), percebi que o rapaz traduzia partes do nosso diálogo e acabei estendendo a conversa diretamente a ele, que se apresentou como Mibalo Cesar. Ainda que não tivesse um roteiro estruturado, já que me mobilizei para estar no “modo observação”, soube que tinha 23 anos, chegou no Brasil com um ano de idade e desde então mora na Gamboa, bairro do Rio de Janeiro”. E a conversa seguiu com ele acionando sua memória de infância:*

*Mbalo - Nós viemos aqui por causa da guerra civil, eu tinha um ano e meus primos eram adolescentes... então nós viemos aqui, muito em decorrência da guerra civil e pro meu pai estudar. (...) Aqui, eu faço faculdade, minha mãe faz essas feiras e a gente vai levando a vida.*

*Fernanda - bacana... e você deseja voltar pra lá?*

*Mbalo- Não, não, porque aqui eu criei minhas raízes, eu tenho meus amigos, meus estudos (...)*

*Fernanda- entendi. Você tem alguma lembrança da sua vida na África?*

*Mbalo - Nada...minhas únicas lembranças são fotos, mas eu não tenho nenhuma memória....todas as minhas memórias são do Brasil*

*Fernanda - ...quais são as suas referências da Angola?*

*Mbalo - O lugar onde nós moramos até hoje, que é na Gamboa, ali na zona portuária, era como se fosse lá...tinha muitos africanos naquela época. Hoje em dia, muitos foram pra Europa, muitos voltaram pra Angola... poucos ainda moram ali na Gamboa. Então, com isso, eu tenho a lembrança das festas, da culinária, da língua, os idiomas, os dialetos e da cultura de respeito a família e ao próximo.*

Sua fala demarca o quanto os elementos de sua cultura a mantem viva, mesmo que por meio de uma memória social que não vem de lembranças, mas o acompanha no cotidiano. Em *Prato do dia*<sup>93</sup> Certeau (1986, p. 234) afirma que cada hábito alimentar compõe um minúsculo cruzamento de histórias. É na repetição das tarefas, quando agimos maquinalmente que os hábitos herdados vão se acumulando, mas basta ir para outro lugar

---

<sup>93</sup> A invenção do cotidiano, Livro II Morar , cozinhar. Capítulo XI – O prato do dia

que constatamos que lá se faz de outro jeito, sempre de acordo com um determinado tempo e espaço. Tanto Aglaja, Mbalo, quanto a diversidade da própria feira me fazem perceber a comida numa perspectiva cultural bem mais alargada, como um patrimônio mediando relações, acionando memórias guiadas pelo cheiro do tempero, pela sensação de água na boca, revelando aspectos identitários presentes nos pratos e cardápios.

Logo, a tradição das receitas trazidas de tão longe pode ser entendida como um ponto de ligação para as lembranças daqueles que estão em terras distantes como um importante marcador cultural, ao mesmo tempo em que os posiciona politicamente como resistência, na medida em que é o feirante de cada país quem ali detém o conhecimento, protagoniza o espaço do fazer e compartilha sua cultura. Uma experiência aparentemente simples, mas que pode revelar um importante exercício de ver o outro na sua integralidade por meio do seu alimento, do seu jeito de fazer. Eco (2020) afirma que os abusos das colonizações criaram uma casta de observadores que se julgava capaz de compreender o outro, mas tinha pouca capacidade em perceber os modos como esses outros os compreendiam. Observar os ingredientes, a preparação e feitura de pratos e misturas desconhecidos por nós pode ser tão inusitado quanto o estranhamento do chinês sem entender por que não comemos libélulas ou dos ingleses que estranham franceses comerem rãs (ECO, 2020, p.87), ou o meu estranhamento ao ver num site sobre culinária oriental, que regularmente oferecem gafanhotos no menu<sup>94</sup>.

A Feira Chega Junto também pode nos fazer perceber aquela gastronomia como posicionamento e atuação política, do ponto de vista da visibilidade, mas sobretudo por trazer questões positivas sobre os países africanos. As riquezas sociais deste continente geralmente são negligenciadas pela mídia de um modo em geral, como parte de um projeto colonialista de inferiorizar o continente. É muito mais comum compartilhar a fome, miséria, guerra, epidemias do que gastronomia, exemplos de tecnologias ou o potencial agrícola, por exemplo.

Além do Mbalo, outra interlocução presencial na pesquisa foi com a nigeriana Thekya, com quem encontrei quatro vezes na Feira, uma vez pela rede social facebook e a última pelo aplicativo de celular WhatsApp. Na primeira, apenas nos olhamos. Na seguinte, tivemos essa conversa inicial relatada nas anotações de campo:

---

<sup>94</sup> [Conheça mais sobre a culinária oriental. Conheça os Chef e Sushman de= o Meu Bistro.](#)

*“Estou na feira Chega Junto desde 10h da manhã, caminhando entre as barracas. Algumas ainda estão sendo organizadas, com as pessoas ligando os equipamentos (para as frituras e o aquecimento) arrumando os cartazes e alimentos. Me aproximo da barraca de comida da Nigéria, pois além de apreciar essa culinária, a responsável pelo espaço é uma mulher que vi gestante e que tem, além do bebê que já teve ter um ano, uma filha pequena, entre 6/8 anos, me parece. Desde a primeira feira em Santa Teresa, vejo essa menina circulando pelas barracas e brincando com outras crianças. Está sempre vestida com roupas coloridas. Estampas típicas da sua terra, assim como várias outras meninas. Num dos encontros, em que a observava, me senti também observada e convidada a iniciar um diálogo, ainda que não tivesse organizado um roteiro mínimo para nossa conversa. Me aproximo um pouco mais dela e da mãe e pergunto pelo seu nome. Em seguida, conto sobre a minha pesquisa e pergunto se ela gostaria de participar. Apenas depois de sua resposta positiva, falei com a mãe e iniciei a conversa com ela”.*

Conversamos sobre a viagem da Nigéria para cá, as brincadeiras que mais gostava e a escola onde estudava. Quando percebi que ela começou a esboçar desinteresse, fui fechando meu pequeno bloquinho e nesse momento percebi como ela olhava para minha mão. Achei que fosse a caneta e quando ela, que já estava de pé, se voltou, fez um movimento com a cabeça em direção ao meu bloquinho de anotações, como se fosse comê-lo e fez: NHOC.... como se estivesse dando uma mordida nele. Repetiu mais algumas vezes e finalmente ela disse: *“eu adoro chocolate”!*

Foi somente neste instante que me dei conta que meu bloco de anotações tinha um formato de barra de chocolate e era para ele que ela olhava o tempo todo. Ofereci a ela, que brincando deu outra falsa mordida. Nós duas demos uma risada encerrando a nossa conversa, e eu mergulhei numa reflexão sobre o lugar do bloco “barra de chocolate” como intermediador da conversa e como um fio para me despertar de uma ideia pré concebida de que na feira gastronômica os assuntos sobre comida seriam exclusivamente sobre os pratos típicos e ingredientes da Nigéria. Contradizendo, Thekya conduziu outra mudança de rota, que veio do gesto e não da palavra. Embora fosse mais fácil para mim



Figura 12 - Imagem de acervo pessoal Bloco de Chocolate

relacionar memória e comida com alguma lembrança familiar da comida regional da vó ou do local de onde ela vem, o “NHOC” ao chocolate pode reivindicar o lugar de qualquer alimento do cotidiano como um *start* de memória, expressão de cultura e reconstrução identitária. Essa situação desencadeou a conversa final sobre as comidas daqui e de lá, o que Thkya logo respondeu: *odeio porco, chuchu, granola e açai. Gosto muito de arroz Jollof, banana da terra amalá* (um tipo de pirão), *feijão fradinho e peixe*.

Essa seção tratou da comida enquanto memória e os possíveis afetamentos que essa relação permite, numa ideia de dupla entrada: o alimento nutricional e o alimento emocional/social/cultural que a memória permite acionar e que é amalgamada ao indivíduo, como um dos principais marcadores que nos acompanham, uma vez que atuam na construção identitária. Apesar disso as diásporas nos mostram que as práticas culturais, nesse caso as alimentares, como Thekya nos permite ver, reforçam identidades, mas estão em constante construção. Sim, chocolate da Nestlé e banana da terra compõem o cardápio da menina nigeriana, reafirmando o que Stuart Hall (2006) nomeia como uma identidade que se torna uma “celebração móvel”, que se transforma continuamente interpelada pelos sistemas culturais que nos rodeiam. Na migração forçada e no refúgio esse movimento envolve uma disputa interna entre a identidade que não se quer perder do passado e a nova identidade que se impõe. Ainda que essa experiência esteja em constante descontinuidade e deslocamento para qualquer pessoa, deslocada ou não, a pós modernidade vem mostrando uma descentralização identitária e por esta razão mais capaz de articulação e criação de novas identidades.

Entretanto, como marcador cultural, pensar a comida (e a fome) entre o grande contingente de crianças refugiadas, em especial aquelas que estão em confinamento nos campos de refugiados, é constatar que a realidade alimentar está longe de contribuir com a dupla entrada citada acima. Deixar de ser alimentado se converte num duplo abandono. Não há memória, não há cultura. Ser alimentado pelo que as organizações internacionais distribuem nos campos é negar-lhes seu mecanismo de reconhecimento e de identidade. Além disso, o PAM<sup>95</sup> (Programa Alimentar Mundial) se une ao ACNUR na responsabilidade pela alimentação nos campos e de tempos em tempos reduzem a distribuição das “*rações*” – termo que o próprio programa utiliza para se referir ao alimento fornecido as pessoas refugiadas – uma vez que as mesmas são fornecidas de

---

<sup>95</sup> Matéria publicada em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/onu-diminui-racoes-alimentares-para-refugiados-na-africa-por-falta-de-fundos.html>

acordo com as arrecadações de doadores ou aos aceites de pedidos de recursos extra diretamente à ONU.

Em vista disso, entendo os pratos da Feira Chega Junto como elementos de resistência, pois ainda que os processos de globalização facilitem o trânsito comercial de alimentos, que as iniciativas transculturais e a antropologia recíproca de Eco (2020) possibilitem que culturas se intercambiem, a força daquilo que entendemos como comida típica será sempre demarcada pela sua relação territorial. Ou seja, podemos comer feijoada no Japão, mas esse prato será sempre relacionado à nossa cultura brasileira.

#### 4.4 Deslugar

De onde ele vem?<sup>96</sup>

Ambas nasceram em 1913. Uma chamava Nair. Desde menina cuidava dos irmãos e da casa. Gostava de estudar. Casou-se aos 14 anos, embora não se saiba ao certo se era o receio que rondava a sociedade de “moça pegar filho” ou se para fugir das obrigações domésticas. Passou a acompanhar o marido na esperança de fazer a vida n’algum canto em melhores condições. Formou-se professora em algum lugar. A outra Chamava Clotilde. Quando jovem olhava da janela pro horizonte da seca do Caruaru e avistava uma fumaça que indicava a passagem da cavalgada do recém-formado bando de cangaço chefiado por Lampião. Às vezes tinha vontade de fugir com eles. Precisou cuidar de dois cunhados meninos ainda, já que poucos anos antes, o pai do seu marido, o protético da pequena cidade, havia falecido e a esposa que o auxiliava assumiu o pequeno negócio da família. Ocorre que logo depois, essa mãe veio a falecer e o jovem não sabia nada sobre aquele ofício familiar. A solução foi vender o que tinha, juntar os irmãos menores e casar-se. Aos 16 anos juntou-se com Nair e tornaram-se caixeiros viajantes. Ainda moça conheceu um rapaz que gostava de fotografia e enamoraram-se. Ele, o primeiro fotógrafo da cidade, fez fotos dela na praia de Recife, trajando uma ousada roupa de banho feita em duas peças. Foram muitos outros registros em preto e branco, imprimindo as lembranças dos passeios à Bonito e onde viviam, Caruaru. Ela, bonita que era, estampou primeira página do jornal local, eleita Miss Simpatia. Tinha muitas habilidades com as mãos e fazia lindos bordados. Pouco depois vieram as duas filhas. A viagem de trem durou dez anos, com longas paradas. Vendiam o que tinham, compravam outras coisas, revendiam e assim seguiam a vida, ora com fartura, ora com muita dificuldade. No caminho, três filhos fizeram crescer a família, que sem destino dormia num lugar e acordava em outro com frequência. A menina mais velha não sabia dizer por quantas escolas passou, em quantas camas dormiu, mas durante um tempo conseguia até gravar o nome de alguns colegas que sempre ficavam pra trás. Deixaram amigos por onde passavam e estes indicavam outros nas estações seguintes, de modo que as dificuldades da vida pudessem ser superadas até a chegada no Rio de Janeiro.

---

<sup>96</sup> Crônica de minha autoria escrita em 2020, para compor as reflexões da tese.

Primeiro endereço: bairro do Catete. O menino do meio lembrava com vergonha de como riam dele na escola ao ouvi-lo falar daquele jeito tão diferente. Paraíba, gritavam. Com as duas meninas, o ofício de costureira se firmou e a vida seguia tranquila até aquela tarde quando ela avistou seu bem do outro lado da calçada, de mãos dadas com outra rapariga. Pouco tempo depois, as alianças estavam seladas no mesmo dedo esquerdo, numa alusão a viuvez, embora seu ex companheiro estivesse vivo. Assim, pegou as meninas, uns poucos contos de réis e iniciou sua viagem para o Rio de Janeiro, amparada pelo status de viúva, condição possível para uma mulher tentar vida digna longe de casa. Embarcou numa longa viagem de navio, com ajuda financeira de alguns amigos da capital. **Com bom tino comercial, o marido foi mudando as vendas de panelas, tecidos e especiarias para louças, roupas e bebidas e ao mesmo tempo que o negócio crescia, iam mudando a moradia.** Passaram do Catete para o Leme, do Leme para o Leblon e do Leblon para a deserta e promissora Barra da Tijuca, onde construíram uma casa que nem sempre usavam. No endereço onde residiam, Nair montou sua escola, um Jardim de infância que teve vida longa no bairro, onde suas filhas também lecionaram e os netos mais velhos estudaram. A vida seguiu com muitas dificuldades para Clotilde, que em muitos momentos precisou separar-se das filhas por não ter como criá-las. Uma das meninas foi acolhida na casa de conhecidos dispostos a ajudar. Lá, ao invés das tarefas escolares, tinha como aprendizado os afazeres domésticos e é de onde trouxe a lembrança do sabor de feijão azedo. A outra, com problemas de alergia vivia escondida nos almoxarifados de um hospital onde Clotilde trabalhava costurando a roupa hospitalar. Era proibida a permanência de crianças no local e alguns amigos ajudavam na permanência clandestina da menina no local. **Certa ocasião, o filho do meio de Nair fez uma viagem à Recife para visitar a cidade onde nasceu e lá ficou hospedado com um parente próximo. Um senhor gentil e falante, tio Cleodon, que lhe contava histórias da infância e do lugar. Tinha muitos amigos, era pessoa conhecida de todos. Ao final da viagem, o tio fez um pedido ao rapaz: que levasse com todo cuidado uma encomenda para uma amiga especial, que também morava no Rio de Janeiro. Assim, o rapaz regressou trazendo na bagagem um bolo para ser entregue ao destinatário em Botafogo.** Tempos depois, Clotilde conheceu uma senhora que ficara longo período internada no hospital e que se encantou com seus finos dotes de costureira e bordadeira. Logo a contratou para fazer seus vestidos de passeio e baile. Com o trabalho autônomo para aquela que era uma embaixatriz, a vida da costureira tomou outro rumo e suas filhas puderam estudar e viver com a mãe novamente. Em pouco tempo mudaram-se para uma vila no bairro de Botafogo, de onde Clotilde passou a corresponder-se com seus melhores amigos da saudosa Recife. Um dos amigos, Sr. Cleodon, havia despachado a pouco uma encomenda para ela. Era dia de sol e a perecível encomenda precisava ser entregue rapidamente. O rapaz mal chegou de viagem, deixou as malas em casa e saiu rumo ao endereço de entrega. Ao chegar lá, procurou pela Sr<sup>a</sup> Clotilde, nome que constava como destinatário do pacote. A senhora não pode atendê-lo de pronto, ocupada que estava tirando as medidas de uma nova cliente. Pediu que a filha mais velha recebesse o mensageiro no portão. A filha mais velha foi ao portão receber a encomenda que acabara de chegar. Era um bolo, contou em alto tom para a mãe que estava tirando as medidas de uma cliente e não pode receber o mensageiro. **Ao ver aquela moça no portão, o rapaz encantou-se por ela e conversaram brevemente.** Pegou o bolo nas mãos, mas não pode deixar de reparar como o rapaz era bem apanhado. Trocaram algumas poucas palavras. **O tempo suficiente para falarem sobre livros e poesias.** “Ele disse que volta um dia para me trazer um livro”, disse a moça para a mãe. A irmã acha que ele está interessando em

compromisso. Poucos dias depois ele voltou à vila com um livro que deixou emprestado e ao voltar para buscá-lo, pediu permissão para namorarem. A irmã mais nova tinha razão e suspirou aliviada, afinal na família, ninguém “*entrou pro caritó*”<sup>97</sup>: Eles namoraram, casaram-se, tiveram quatro filhas, quatro netos e ele, o bisneto, Cauê.

De quantas histórias preenche-se a vida da criança que nasce? Quando chega ao mundo, só quem está ao redor consegue dimensionar o quanto de vidas, narrativas, singularidades compõe a experiência da infância, porque a criança já nasce imersa na cultura. Quando olhamos uma criança, nem sempre nos damos conta desse acervo que ela carrega, que vai somando-se as experiências que se sucedem em sua vida. Nesse sentido, uma criança é um mundo e carrega em si um mundo, como dizia Benjamim.

**Nair e Clotilde** aqui estão por serem mulheres com experiências de migração. Ambas as pernambucanas, nascidas em 1913, revelam na crônica-epígrafe, uma experiência de migração que pode ser concebida tanto como um ato de esperança, de coragem, como de desespero. Ou tudo isso junto e misturado a outros sentimentos, numa ideia de transformação que o ato de deslocar provoca. São como camadas que vão se desfazendo desde o início de um processo que nasce enquanto ideia, com o pensamento sobre a necessidade quase sempre urgente de mudança. Entre as muitas reflexões sobre o deslocamento, o fato de ter que sair de onde se vive, deixar para trás a casa, abriga o fugaz pensamento sobre o que e quem levar, na mesma medida sobre o que e quem deixar para trás. Esse descamar parece fazer o percurso iniciar num profundo esvaziamento, tal qual essa folha branca prene de palavras.

Como humanas, as mulheres da crônica – minhas avós - trouxeram consigo além da valentia, sabores, músicas, histórias, entre coisas e memórias. Decerto deixaram muito para trás. No caso da história dessas duas migrantes, para além do marcador social gênero, a discussão que segue pretende colocar em pauta a infância como presença, ainda que essa categoria na maioria das vezes permaneça invisibilizada, como na própria crônica escrita por mim, onde crianças satélites pairaram nas entrelinhas o tempo todo, sem que eu tivesse o que narrar sobre elas.

A infância das personagens e as outras infâncias são sussurradas tangenciando a narrativa principal. Como teria sido a infância da própria Nair, quando desde cedo cuidava

---

<sup>97</sup> “Entrar para o caritó” é uma expressão nordestina que indica quando uma ou mais moças de determinada família vão ficar solteiras para sempre. Isso acontece quando a irmã caçula casa antes das mais velhas, colocando-as nessa condição.

dos irmãos mais novos? E Clotilde? Como deve ter sido a sua? A crônica inicia no nascimento delas, entretanto há uma lacuna exatamente com a duração aproximada do tempo cronos das infâncias e dá um salto até o que se entende como uma vida narrável e a que foi por mim conhecida: a vida adulta, ainda que ambas fossem muito jovens ao viverem socialmente como adultas. A infância delas quase nunca foi assunto comentado nas narrativas familiares, apenas em breves flashes. Assim também com as outras crianças às bordas da crônica.

Em “*De onde ele vem?*” posso contar: dois irmãos, dois cunhados e os três filhos de Nair e uma irmã, duas filhas de Clotilde em tempo de infância. São dez crianças, excetuando as protagonistas, cujas vidas foram certamente impactadas com os deslocamentos. Como viviam os dois irmãos de Nair sob seus cuidados? E os dois cunhados que os acompanharam em toda trajetória ainda crianças? Que idade tinham e que infâncias viveram em trânsito? E a infância de seus filhos, como deve ter sido as experiências em tantas cidades? E as filhas de Clotilde? Como viveram a experiência de sair de uma cidade pequena para a capital? Como foi para elas o tempo da viagem, em qual parte do navio vieram? Como pode ter sido a vida de duas meninas criadas por mulher sozinha nos anos trinta/quarenta do século passado? Como deve ter sido a vida para essas crianças que tangenciam a crônica? É sobre esses lugares invisíveis das infâncias, do que se deixa para trás e dos lugares que habitam que a seção *Sede de lugar* pretende desaguar, na conjunção casa, infância e refúgio.

A diáspora nordestina apresentada na crônica foi se formando, como todo processo diaspórico, na medida de seu deslocamento para cada vez mais longe de casa. O reflexo desse processo habitou a fala do menino chamado de paraíba pelos colegas da turma, no que podemos imaginar como um possível germe de xenofobia, também se desvelou no tempo e no espaço por meio de muito do que tinham em casa que precisou ficar para trás, mas que segue junto enquanto cultura. As comidas, os bordados, gestos, sotaques, expressões, cantigas e crenças que as crianças que saíram deixam na vida das que vieram depois e assim seguem se transformando e perpetuando.

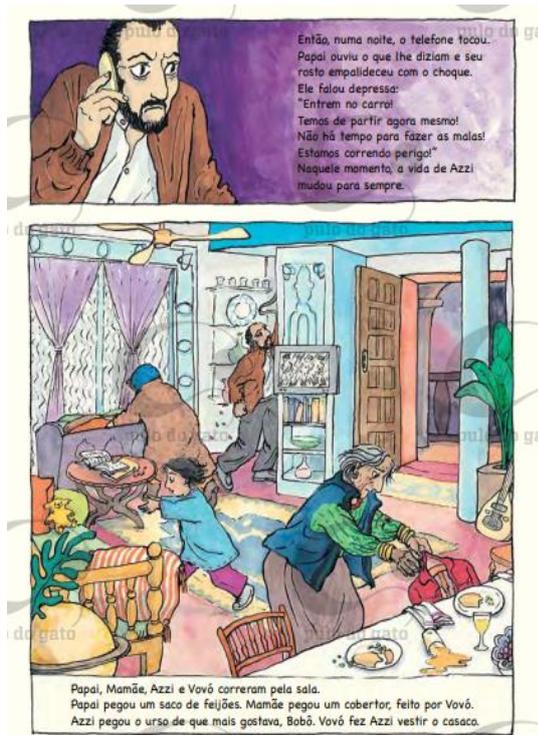


Figura 13 - ilustração do livro infantil AZZI, 2012

Com muito mais urgência do que as crianças nordestinas, Azzi e seus pais também tiveram que sair e como corriam perigo precisaram fugir às pressas deixando para trás a casa e todas as coisas, seus parentes, amigos, trabalhos e a escola. Ao embarcarem rumo a um país desconhecido levaram, além da pouca bagagem, a esperança de uma vida mais segura. Azzi teve de enfrentar a saudade que sentia da avó, que ficou.

A narrativa toda feita em terceira pessoa sobre a história da menina Azzi trata de uma experiência infantil oriunda de um país médio oriental assim caracterizado pelos traços culturais presentes na ilustração feita

pela autora-ilustradora inglesa Sarah Garland. O colorido da aquarela da maior parte dos quadrinhos contrasta com os tons cinzentos presentes onde os momentos difíceis são retratados, como nos prédios bombardeados, nos soldados marchando perto de sua, nos helicópteros e nos trechos das viagens de carro e depois de barco. Nos demais quadrinhos há cor e um permanente diálogo complementar entre as narrativas textual e visual enriquecidas por traços elaborados diferentes planos: vista superior, perfil, frontal. Além disso, os quadrinhos, todos de tamanhos e formas diferentes, variam de acordo com a carga emocional de cada situação.

Em outra passagem já no local de destino, Azzi sem conseguir dormir procura lembrar das coisas boas lá da vida onde morava. Surgiram lembranças coloridas, evocando as atividades e aprendizagens do cotidiano em casa com a mãe e a avó, em oposição ao sofá e entorno cinzentos da realidade no novo país.

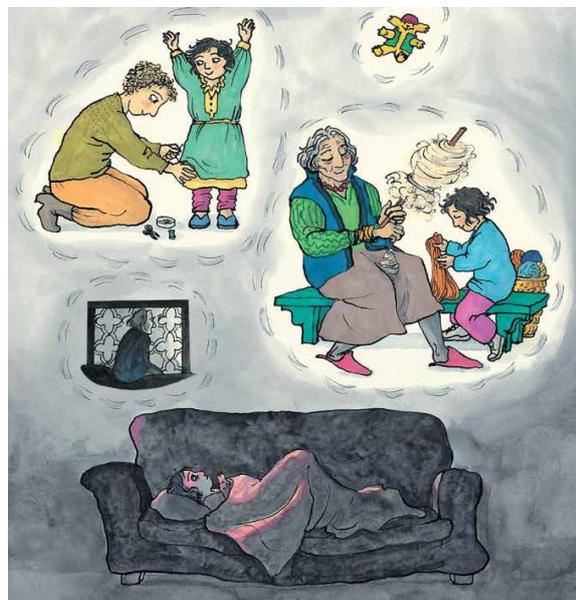


Figura 14 - ilustração do livro infantil AZZI

Tecidos e lãs que recheiam sua memória se materializam na coberta que a acompanhou em toda travessia, e se torna o elemento que conjuga presença e ausência e se ampara no conceito de Gagnebin de rastro (2009), que perpetua uma presença que não existe mais e que corre o risco de não se perpetuar. A criança que se desloca e se agarra a um objeto de ligação e transição, como fazemos com os pequenos bebês ao se separarem das mães, atua como um historiador luta incessante contra o esquecimento. Concordo com a autora que, como Antígona, reconhece que essa é

Tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que infelizmente se reproduz constantemente). Tarefa igualmente ética e, num sentido amplo, especificamente psíquica: as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar um túmulo para aqueles que dele foram privados

(2009, p. 47)

Penso os objetos de transição como metáforas para um lugar, refletindo sobre espaços que não existem fisicamente, mas que podem ser acionados subjetivamente por lembranças de infância e experiências atualizadas compartilhadas, como na narrativa sobre Azzi.

Com o pensamento na tríade casa – lugar – infância no recorte da criança refugiada, construo a ideia de “deslugar” imaginando esse como um ambiente provisório, como deveria ser a condição da pessoa refugiada que é acolhida em campos distantes quando os conflitos e guerras iniciam. Imagino que as pessoas que lá estão pensem: *aqui não é o lugar onde quero ficar, mas é o único em que posso ficar agora*. Para melhor construir essa ideia, fui em Marc Augé e seu conceito de “não lugar”. Não lugar é o termo que o autor emprega para designar um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer identidade. São aqueles lugares nos quais permanecemos em trânsito, em espera ou apenas de passagem. Locais que não tem pausas, como estacionamentos, aeroportos, pistas/estradas e viadutos, por exemplo. A partir e inspirada por essa imagem, nomeio no contexto desta pesquisa como “deslugares” os ambientes que são concretamente provisórios-permanentes, como as florestas, os desertos, os mares por onde se vive por longos períodos ou os campos de refugiados, por onde não se anda, mas também não sai.

Embora tenha feito a opção por não usar estatísticas e quantitativos na pesquisa, negando os termos generalizantes para muitas pessoas, nessas linhas finais senti a necessidade de trazer para esse ambiente casa, um pouco da realidade “habitacional” de

muitas crianças (e adultos) nos campos de refugiados provisórios. Um deles acaba de completar setenta anos de existência e chama-se Beach Camp. Localizado na Faixa de Gaza, acolhe gerações de palestinos que ao longo desse tempo passou de vinte para mais de oitenta mil pessoas. São oito campos na faixa de Gaza e esse é o terceiro maior.

No Quênia, são 600 mil pessoas, sendo 200 mil nos campos de Kakuma, e Daddab, o maior do planeta, com 350 mil. Ambos vizinhos de países com graves conflitos armados, como Somália e Sudão do Sul que se estendem por mais de 25 anos. O governo do país se mobiliza para fechar os campos justificando motivos econômicos, sociais e de segurança. A comunidade internacional reage com preocupação em relação as pessoas que podem ficar desalojadas, mas não oferecem apoio algum.

A Organização humanitária internacional Médicos sem Fronteiras (MSF) realizou uma pesquisa<sup>98</sup> entre os refugiados e afirma que, em cada 10 pessoas, oito não querem voltar para a Somália, por temerem por suas vidas. Na Grécia, na ilha de Lesbos, próximo à fronteira da Turquia, o campo de Moria, recentemente incendiado é sempre alvo de notícias alarmantes, pois foi projetado para mil pessoas e abriga sete mil, deixando a Europa em pânico.

A jornalista e documentarista Anne Poiret<sup>99</sup> vai a territórios não para cobrir os conflitos armados, como vários outros jornalistas, mas somente após o fim da guerra/conflito armado e desta forma já acompanhou muitos campos de refugiados no mundo. Em 2019, assisti a uma entrevista dela num evento em comemoração à semana do Refugiado no Rio de Janeiro produzido pela aliança Francesa, chamado ciclo "Débats d'Idées", onde seu documentário foi exibido, com relatos de visitas a muitos campos e vilarejos em pós guerra. Sua impressão é a de que os campos – muitos deles maiores do que muitas cidades ou países - são quase tão violentos quanto os locais de onde fugiram, com a diferença de em muitos deles não haver livre circulação.

Já na Síria, de acordo com o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, campo Al-Hol está repleto de crianças de todos os continentes, mas principalmente sírias. Muitas desacompanhadas, em torno de 3 mil, com traumas severos. O campo é conhecido como campo dos mini adultos.

Como último comentário sobre os campos de refugiados, trago Kanibo, um campo no Iraque, fronteira entre Iran e Turquia, no Curdistão onde foi produzido o filme

---

<sup>98</sup> Matéria publicada no site da organização na íntegra em: <https://www.msf.org.br/noticias/dadaab-kenia-retorno-dos-refugiados-somalia-nas-atuais-condicoes-e-desumano/>

<sup>99</sup> Trailer do documentário “Bienvenue au Réfugistan”

*Tartarugas podem voar*<sup>100</sup> (Iran/Iraque, 2004). Em diálogo com as doutorandas Santos e Santos (2011) vamos tecer algumas observações sobre essa filmografia especialmente por ter sido pensada em incluir o cotidiano de crianças refugiadas na trama. A narrativa apresenta um grupo de meninos cuja atividade principal e de subsistência é localizar e desarmar minas terrestres norte americanas ou italianas que não tenham sido detonadas e vende-las no mercado aos próprios americanos. É a sobrevivência que vem dos destroços da guerra para a imensa comunidade curda, desterritorializada e espalhada por pelo menos 4 países: Iram, Iraque, Turquia e Síria, na esperança de se constituir um país independente. Ali se configura a condição do não lugar em dose dupla: são crianças sem Estado e sem moradia. Os meninos dormem em tendas e circulam por vários espaços bélicos onde recolhem destroços de guerra e onde se reúnem frequentemente.

O menino protagonista Satélite lidera o grupo de muitas crianças e além de coordenar a tarefa de recolher minas, instala antenas parabólicas no vilarejo onde vivem. Todos os habitantes vivem apreensivos com as notícias sobre a eminente invasão americana, mas não compreendem os noticiários pois ninguém fala inglês. Apenas Satélite, que nomeia meia dúzia de palavras nesse idioma, representa o que seria o suficiente para traduzir ao líder local o noticiário e desta forma ocupa um lugar de destaque, inclusive entre adultos. Sua participação nas decisões, autonomia e protagonismo desvelam aspectos da infância pouco observados e que nos fazem entender essa obra não só como um filme de guerra, mas sobretudo um filme sobre experiências de infância em luta pela sobrevivência. Apresenta uma fotografia situada num ambiente montanhoso, o que justifica a dificuldade com que o sinal chega nas casas. A produção se fez majoritariamente em tomadas externas, no quintal das casas, na feira, nos trajetos em caminhões, nas minas e nos locais onde o grupo de meninos se encontra, apresentando desta forma, majoritariamente os aspectos da vida pública .

A beleza/dureza da obra, que parece ser uma marca desse diretor<sup>101</sup> está naquilo que o noticiário (real) sobre o tema em geral não mostra: o cotidiano de crianças refugiadas e em especial a participação do elenco de crianças formado por não atores, mas crianças e adolescentes refugiados.

Pretendo trazer ao debate final da seção *Deslugar* uma reflexão sobre um conceito de casa mais alargado onde caibam cenários que estão para além da tenda e do vilarejo de Satélite e da casa de Azzi, mas uma ideia complementar de casa, onde tanto caiba

---

<sup>100</sup> Filme produzido pelo diretor curdo iraniano Bahman Ghabadi em 2004.

<sup>101</sup> Outro drama produzido por esse diretor e lançado no Brasil é *Tempos de embebedar cavalos*.

pensar a pessoa em situação de refúgio na condição em que é preciso deixar tudo para trás, na mesma medida em que não podemos deixar de enxergar o colonizador, aquele que também um dia saiu de sua casa, com a garantia de fechar a sua porta e seguir em frente em segurança com o projeto de apropriar-se de outras casas/territórios. A casa que habitamos onde não corremos risco, mas onde permanecemos nos nossos sofás assistindo o Jornal Nacional seria de alguma forma a mesma casa do colonizador?

## 5. FÔLEGO

### 5.1 Ar para poder seguir

Assim como a criança cresce, entendo a ideia do refúgio como uma condição provisória, embora a infância permaneça enquanto estatuto geracional e o refugiado possa estar por longo período sendo tutelado e acolhido num campo de refugiados por muitas gerações, ou mesmo aguardando sua solicitação, por exemplo. Aqui a proposta defendida é a da impermanência, ou seja, evitar que se carimbe definitivamente a criança como a fragilidade do vir a ser e a pessoa que em algum momento da vida esteve refugiado, como um estigma que acompanhe esse específico acontecimento datado em período da vida, estendendo-o para sempre. Um posicionamento frente à situação que urge ser modificada política e principalmente humanamente.

Essa urgência é a mesma da respiração que o fôlego evoca - no movimento completo de inspiração e expiração – imprescindível a manutenção da vida. É ela que a infância reivindica em sua expressão de agência e participação, que já acontece, mas em não sendo reconhecida nem jurídica nem cotidianamente é como se ela estivesse submersa, à espera de fôlego, ou na melhor hipótese, como se uma mão a segurasse por trás sem deixar o ar circular também pela boca. Assim sendo, inspirando fracamente só pelas vias nasais, tornando difícil tomar um fôlego que seja suficiente ao ânimo da vida, demandando muito esforço para os pulmões e narinas.

As infâncias que se fizeram presentes nas águas dessa pesquisa, que desaguaram transbordando suas vidas em experiências e *sobre-vivências*<sup>102</sup> mostraram por meio dos nossos muitos encontros aquilo que para mim traz a dimensão política da infância, uma vez que desvela traços das relações sociais e políticas e que por isso mesmo permite o acesso a tudo que a humanidade já produziu. Uma centelha que nos mostra o todo da humanidade, do que temos de melhor, de pior, e especialmente daquilo que não temos e que urge constituir. Nesses instantes reunia forças para soltar o ar preso num suspiro intenso, para em seguida recuperar o fôlego novamente.

---

<sup>102</sup> Aqui me refiro a experiências que vão para além do que seria humanamente possível ver, viver ou sobreviver.

Suspiros como os de Azzi e Mbaló ao expressar como guardam seus lugares na memória, mostrando esse ser criança – sujeito de memória - como aquele que constrói e carrega a história hoje e não do futuro, como é reconhecida e tratada a criança burguesa, que “um dia será alguém” .

Um fôlego de esperança como o que ensinaram Sama e Omar, cada um a seu modo, impulsionando com suas existências a coragem necessária para a caminhada adulta. Da mãe cineasta a urgência de registrar tudo o que poderia desaparecer durante a guerra civil em Aleppo e do Coveiro da Ilha de Lesbos, que, ainda que as pessoas já estivessem mortas, colhia e organizava seus pertences como se alguém pudesse chegar e encontrar seus entes. Dois tempos de urgências.

Reconheci com Mary e a menina de tranças, o tempo da espera. Na fila do restaurante e no longo trajeto de barco, em meio as situações indesejáveis, ambas acenaram com um sopro da resiliência necessária ao enfrentamento dos desafios. E sorriram.

Com o fôlego de Eloísa, vi como foi transpondo as bordas, reconheci pistas de que ela não se percebe com um rótulo definitivo de imigrante ou pessoa refugiada, mas que observa diferenças que vão se transformando numa compreensão mútua entre culturas diversas. Com os olhos dela para um mundo de diversidades, compreendi que está na complexidade das experiências os sentidos para a infância.

Com o fôlego da astúcia o menino Satélite, personagem e pessoa, carrega em si a existência de uma infância que não aceita o vir a ser e reivindica como contraponto, pela sua experiência de vida desmontando bombas, liderando outras crianças e orientando adultos, uma condição de infância em plena agência e participação no local onde vive. Sua experiência desvela que, em meio a tantos deslugares, ele consegue acima de tudo ocupar lugares sobrepostos. Satélite é o narrador da história daquela guerra, trazendo o seu ponto de vista, ponto de vista de certa infância. A experiência de infância vivida por ele desloca nosso olhar adultocêntrico para possibilidades de agência envolvendo tomada de decisões, domínio de informações e protagonismo que não caberiam na perspectiva de uma infância romântica universalizante.

O respiro de Thekya se difere dos demais. A feira me ofereceu pistas do lugar que essa criança ocupa na família. É lá na Feira que percebo o sentido da existência dela no mundo, uma experiência de infância recheada de alteridades, na relação dela com tantos outros, intermediando e iniciando a interlocução da família com os outros.

Importantíssimo ressaltar que não há uma percepção sobre nenhuma dessas crianças, de uma infância abreviada pelas adversidades vividas. Há sim infâncias plenas, ricas e que foi por meio dessas experiências que pude compreender melhor a singularidade das crianças ao mesmo tempo em que se desvelava a complexidade da infância em refúgio. Assim como a complexidade da experiência do refúgio, me trouxe pistas do que seria a infância nessas condições. As crianças personagens e as interlocutoras que por aqui passaram cruzando o limiar da pesquisa na teoria-vida me ajudaram a entender suas experiências entrecruzadas com a condição de refugiadas e por isso mesmo suas condições humanas, como nós não refugiados.

Durante mais de quatro anos me propus a direcionar a atenção e o olhar às crianças em situação de refúgio. Essa busca provocou um primeiro profundo deslocamento em que, na minha concepção, eu acreditava que tudo aquilo que estava sendo visto por mim, acontecia fora de mim. Levei bastante tempo para me dar conta de que tudo o que aconteceu nessa trajetória aconteceu antes de tudo por dentro. Foram muitos deslocamentos, fugas e mudanças de rota e para que fosse possível chegar em algum lugar e como já disse, foi preciso me perder na e da pesquisa muitas vezes.

Me dei conta que me perdia literalmente quando reconhecia em mim um estado de fuga. Fugi o quanto pude dessa escrita e em muitos momentos senti raiva. De mim, da pesquisa. Da pesquisa pelo fato dela me obrigar a entrar em contato com cenários que eu preferia que não existissem e de mim, simplesmente por ter feito isso comigo. Minha fuga se deu muitas vezes do quarto onde escrevo para a cozinha, precisamente a pia. Escrevia, vinha uma angústia, me levantava e lavava uma louça qualquer, até mesmo quando ela já limpa e seca estava no corredor.

Agora bem perto do ponto final, fiz as pazes com a pesquisa e comigo mesma. Consigo me sentir grata por ter vivido essa travessia e mais ainda por poder compartilhar essa experiência. Aprendi que pesquisar a infância tem muito mais sobre o que está no “entre” nós do que aquilo que está em mim ou nas crianças.

Demorei a me dar conta de que desenvolvi sim, uma pesquisa sobre poucas crianças, mas menos sobre aquilo que vejo e mais daquilo que elas me anunciam. Procurei ver nelas as pessoas que são e não as crianças refugiadas. Avançando um pouco mais, o que o estudo tem a dizer se refere mais àqueles que as crianças refugiadas fitam, ou seja, nós, adultos. Principalmente porque os adultos falam sobre crianças refugiadas muitas vezes e durante muito tempo quando elas estão mortas. Muitos daqueles que se comovem

com a criança morta, não se posiciona quando ela ainda está tentando manter-se viva. Como refugiado, é preciso morrer para aparecer.

Este estudo apresentou-se esteticamente de uma forma desconexa, interrompida, inacabada. Alguns assuntos chegaram, saíram e voltaram novamente, as vezes com outras roupagens, vistos por ângulos diferentes. É o caminho que foi se fazendo ao caminhar, as voltas, os labirintos, em movimento contínuo também na escrita.

A tese trata também de desconstruir e alargar o termo refugiado, para que nele caibam todos aqueles com necessidades de abrigo, de comida, de segurança entre outros, de modo que essas múltiplas necessidades não os coloquem arbitrariamente para “fora” do âmbito de onde os direitos são garantidos. São refugiados não de um território, mas refugiados de direitos. É com eles que os não refugiados podem aprender a noção de dilatação do tempo, que nessas condições é um tempo de espera, de transição.

O que frequentemente pode ser reconhecido com invasão, do ponto de vista de quem vê o outro chegar, pode ser substituído por ampliação das possibilidades multiculturais. Transpondo inclusive as fronteiras da(s) língua(s) agregando sotaques, expressões e por que não, novas palavras e a criação de novos significados. Ainda nessa ideia do que está de fora, posso também incluir outro campo de disputa, que é o campo do debate teórico sobre o tema. Muito material é produzido na língua inglesa o que impede ou reduz a circulação de material produzido. Aqui importa ressaltar minha intensão de levar a migração para o campo da infância e a infância para o campo da migração de forma acessível.

Sobre aquilo que não se vê, percebo que criança no singular pode ter maior visibilidade tendo mais espaço para negociar a sua participação e ter uma fala própria. Ainda que nos espaços públicos essa condição seja ainda reservada majoritariamente aos adultos, cabe a nós pesquisadores da infância a garantia desse espaço.

Ao longo da caminhada, atentei para as crianças brasileiras refugiadas dentro do próprio Brasil (meninos e meninas em situação de rua) em situação de completo abandono há várias gerações, expropriados de seus direitos como preconizado na Carta dos Direitos das Crianças, onde lhes falta segurança, alimentação, saúde, moradia, citando apenas alguns. São os “estranhos de dentro” como diria Bauman, aqueles que vivem invisivelmente pelas ruas privados dos mais básicos dos direitos.

Por fim, na nossa última conversa, por whatsapp, quando liguei para falar com Thekya e com sua mãe para registrar o meu agradecimento, acabamos falando sobre o irmãozinho dela – o João -, que vi na barriga da mãe e que já tinha 2 anos. Nesse instante,

a mãe passou por perto e falou com ela algo que não consegui ouvir. Thekya respondeu em outra língua e ao voltar para nossa conversa, perguntei em qual língua elas falavam, e ela respondeu: “yorubá, ué!” Mas também falamos inglês, que é a língua que se fala na rua e na escola lá na Nigéria, como aqui a gente fala português”.

Finalizando a conversa, disse que pensava em um dia, talvez, fazer um livro para as crianças conhecerem essa pesquisa e ela imediatamente fez duas perguntas: “o livro vai ter capa?” e em seguida: “você quer um título?”, respondi afirmativamente às duas perguntas e indaguei se ela tinha alguma sugestão, ao que ela respondeu: “as crianças que mudam de lugar”. Nos despedimos. Pouco tempo depois, não parava de pensar nessas duas questões: o sentido da língua como intimidade, como um certo refúgio. Como refúgio da palavra. E na porta entreaberta que deixei para essa pesquisa.

Fica por fim, a ideia de que a experiência do refúgio é contínua, um movimento que não cessa, pois se trata de uma questão bastante estrutural e está longe de ser resolvida. A menos que, entre uma partida e outra, consigamos olhar para os lados e ver o que há em volta.



Figura 15 - *Imigrantes em cerca ao lado de campo de golfe em Melilla, enclave espanhol no Marrocos. Foto de José Palazon publicada no site migramundo.com em 2015*

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Medio sin fin. Notas sobre La política.** Traducción Molina-Zavalia. Adriana Hidaalgo. Editora S.A., 2017.
- \_\_\_\_\_. Apresentação. **O que reste de Auschwitz: o arquivo e a testemunha.** (Homo sacer III)/George Agamben: tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008
- \_\_\_\_\_. **Gusto.** Tradução: Rodrigo Molina – Zavália. Revisão dos termos gregos: Antônio Tursi. 1ª Ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora: 2016.
- \_\_\_\_\_. **Infância e História: Destruição da experiência e origem da história.** Tradução Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- ALZATE ALZATE, Natalia Andrea. **Relatos de las infâncias migrantes.** Trayectos de una infância desplazada em “Mambrú perdió la guerra” de Irene Vasco. 4tas Jornadas de Estudios sobre la Infancia, Buenos Aires, 2015.  
<https://www.academica.org/4jornadasinfancia/7> Acesso em 14 de abril de 2018.
- AMORIM, Marília. **Cronotopo e exotopia.** In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.
- APPADURAI, A.. **O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva.** São Paulo: Iluminuras, 2009.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** São Paulo: Papirus, 1994, 111 páginas. Resenha: João Luis Binde. Revista Antropos – Volume 2, Ano 1, Maio de 2008 ISSN 1982-1050
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Formas de tempo e de cronotopo no romance. Questões de Literatura e de Estética.** A teoria do Romance. Editora UNESP, São Paulo: 1998
- \_\_\_\_\_. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2017.
- BARRETO, A.M.F.; Assis, H.M.B.; Bezerra, F.H.R.; Suguio, K. 2010. **Arrecifes, a Calçada do Mar de Recife, PE** - Importante registro holocênico de nível relativo do mar acima do atual. In: Winge, M.; Schobbenhaus, C.; Souza, C.R.G.; Fernandes, A.C.S.; Berbert-Born, M.; Sallun filho, W.; Queiroz, E.T.; (Edit.) Sítios Geológicos e

Paleontológicos do Brasil. Publicado na Internet em 27/10/2010 no endereço <http://www.unb.br/ig/sigep/sitio040/sitio040.pdf> [atualmente <http://sigep.cprm.gov.br/sitio040/sitio040.pdf> )

BHABHA, Jaqueline. **Child Migration & Human Rights in a Global Age**. Princeton: Princeton University Press, 2014. Resenha de GONZALES, Daniel. Direitos humanos, problemas humanos. *ReVista Harvard Review of Latin America*. Volume XV Nº 1. 2015. Acesso em julho 2019. [http://revista.drclas.harvard.edu/files/revista/files/energy\\_fall\\_2015.pdf?m=1442258744](http://revista.drclas.harvard.edu/files/revista/files/energy_fall_2015.pdf?m=1442258744)

BHABHA, Jaqueline. **Child Migration & Human Rights in a Global Age**. Princeton: Princeton University Press, 2014. Resenha de MARTUSCELLI, Patrícia. *Academia.Edu. Boletim Meridiano* 47. [https://www.academia.edu/27649245/Child\\_Migration\\_and\\_Human\\_Rights\\_in\\_a\\_Global\\_Age](https://www.academia.edu/27649245/Child_Migration_and_Human_Rights_in_a_Global_Age). Acesso em 10 maio 2018

BELLIN, Greicy Pinto. Alan Poe, Charles Boudelaire e a maldição da modernidade. **Revista Estação Literária**. Londrina, Volume 12, p. 33-51, jan. 2014. Acesso em 12/12/2020 <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL12-Art2.pdf>

BENJAMIN, Walter. A infância em Berlim por volta de 1900. **Obras escolhidas II- Rua de Mão Única**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo. Editora Brasiliense, 1994. pp. 73-142. (1994).

\_\_\_\_\_. **Imagens do pensamento. Omelete de amoras. Obras escolhidas Volume II- Rua de Mão Única**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo. Editora Brasiliense, 1994. pp. 219-220. (1994).

\_\_\_\_\_. **A criança, o brinquedo, a educação**. Tradução de Marcos Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

\_\_\_\_\_. **Origem do drama barroco Alemão**. (Tradução Sergio Paulo Rouanet). Editora Brasiliense S.A. (Título original: Ursprung des deutschenTrauerspiels. Frankfurt am Main, 1963) 1984.

\_\_\_\_\_. O Narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: **Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas Volume I**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense. 2012

\_\_\_\_\_. Experiência e Pobreza. In: **Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas Volume I**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense. 2012

\_\_\_\_\_. A doutrina das semelhanças. In: **Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas Volume I**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense. 2012

\_\_\_\_\_. Et al. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. **Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem e percepção**. Tradução Marijane Lisboa

(textos traduzidos do alemão) e Vera Ribeiro (textos traduzidos do inglês). Organização Tadeu Capistrano- Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos.** Seleção e apresentação Willi Bolle. Tradução: Celeste H. M. Ribeiro de Souza et. al. São Paulo: Cultrix. Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

\_\_\_\_\_. **A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin.** Rio de Janeiro: Nau Editora, 2015.

BINES, Rosana Kohl. Apresentação oral no Colóquio online Histórias de água. Mesa 5 – **Trânsitos.** Agosto, 2020. Acessível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=aS26zoiJ-ek&t=2s>

\_\_\_\_\_. Apresentação no Colóquio online Histórias de água. Mesa 5 Trânsitos – **A Criança foge: cenas de refúgio.** Agosto 2020. Acessível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=aS26zoiJ-ek&t=2s>

\_\_\_\_\_. et All. **Infância, refúgio e jogo democrático: anotações de campo.** Versão preliminar a ser publicada no Chiricu Journal, v. 4, n. 2, 2020. Acesso em: (PDF) Infância, refúgio e jogo democrático: Anotações de campo (researchgate.net)

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Prefácio.** In: SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** Tradução Cristina Murachcho. Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

BORGES, Antonádia e tal . **Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa.** Sociedade e Estado, Brasília, v. 30, n. 2, p. 347-369, Aug. 2015. Available from  
 <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922015000200347&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922015000200347&lng=en&nrm=iso)>.access on 24 Mar. 2019.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-699220150002000005>

BRECHT, Bertolt. **A Cruzada das Crianças.** Editora Pulo do Gato, São Paulo - SP, 2014.

BRETON, David. Antropologia dos sentidos. Tradução de Francisco Morás – Petrópolis, RJ: Vozees, 2016. **O alimento é um objeto sensorial total.** P. 377 Antropologia dos sentidos by David Le Breton (z-lib.org).pdf

BRUM, Mario Sergio. **Memórias da remoção: o incêndio da praia do pinto e a 'culpa' do governo .** Disponível em:  
[http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1339790201\\_ARQUIVO\\_MemoriasdaRemocaoABHO2012.pdf](http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1339790201_ARQUIVO_MemoriasdaRemocaoABHO2012.pdf). Acesso em 24/05/2016

BUTLER, Judith. Quadros de Guerra. Quando a vida é passível de luto? Tradução: Serigo Lamarão E Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CALVINO, Ítalo. **Palomar**. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. A vida aos rés-do-chão. In: **Para gostar de ler: crônicas**. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. P. 89-99.

CANTINHO, Isabel. **Crianças–migrantes no Brasil: vozes silenciadas e sujeitos desprotegidos**. O Social em Questão - Ano XXI - nº 41 - Mai a Ago/2018. P. 155 - 176

CARAPETO, Mafalda. **Refugiados, fronteiras e imagem: contributos a partir da etnografia visual**. (Teses; 50) ISBN 978-989-685-098-2 CDU 316 Dezembro, 2018.

Acesso em:

<https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/179891/Tese50..pdf/6ed0fe47-ffbf-45a6-8869-f76cc568e832>

CHIARELLI, Stefania. Organização do Colóquio online Histórias de água. Mesa 2 **MAPAS: Do mare nostrum à terra firme** – percursos e corpos no mar. Programa de Pós graduação em Estudos de Literatura UFF. 2020. Acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R4GIV17e4vg>

COSTA, Marli Marlene Moraes da e WEBER, Nicole Garske. **A infância fora do sistema: os direitos humanos das crianças e adolescentes refugiados, sua vulnerabilidade ante o tráfico Internacional de pessoas e a responsabilidade dos estados**. XIII Seminário Internacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea. UNISIC, 2016

COLONNA, Elena. **O lugar das crianças nos estudos africanos: Reflexões a partir de uma investigação com crianças em Moçambique**. **P o i é s i s – revista do programa de pós-graduação em educação** – mestrado – Universidade do Sul de Santa Catarina. UNISUL, Tubarão, v. 2, n. 2, p. 3-23, Jul./Dez. 2009

ECO, Umberto. Experiências de antropologia recíproca. In: **Migração e intolerância**. 1ª Edição: Rio de Janeiro: Record, 2020.

Inter-American Commission on Human Rights. Rapporteurship on the Rights of the Child. **La situación de niños y niñas y adolescentes en el sistema de justicia penal para adultos en los Estados Unidos** : Aprobado por la Comisión Interamericana de Derechos Humanos el 1 de marzo de 2018 / Comisión Interamericana de Derechos Humanos. p. ; cm. (OAS. Documentos oficiales ; OEA/Ser.L/V/II) ISBN 978-0-8270-6759-2 <http://www.oas.org/es/cidh/informes/pdfs/NNA-USA.pdf> Acesso em maio de 2019

FERREIRA, Carlos Henrique Ruiz. **O imigrante como um subversivo prático-político, possibilidade de um “novo mundo” – o projeto universal-cosmopolita dos Direitos Humanos em contraposição à Soberania territorial**. Doi:

10.5212/Emancipacao.v.11i2.0008. Emancipação, Ponta Grossa. Disponível em [www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao](http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao).

FERNANDES, Florestan . **As trocinhas do Bom Retiro**: contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. in: Folclore e mudança social na cidade de São Paulo: Martins Fontes, [1946] (2004)

FRAZÃO, Débora Nascimento Silva. **Women on waves: o aborto em alto mar e suas consequências jurídicas**. Artigo científico apresentado como exigência de conclusão de Curso de PósGraduação Lato Sensu da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Acesso: maio 2021  
[https://www.emerj.tjrj.jus.br/paginas/trabalhos\\_conclusao/2semestre2017/pdf/DeboraNascimentoFrazao.pdf](https://www.emerj.tjrj.jus.br/paginas/trabalhos_conclusao/2semestre2017/pdf/DeboraNascimentoFrazao.pdf)

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Entre a vida e a morte. In: **Limiares e passagens em Walter Benjamin**. Belo Horizonte, Editora UFMG. p. 12-26. 2010.

\_\_\_\_\_. O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. In: **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GALEANO, Eduardo. A Linguagem da arte. **O Livro dos Abraços**. Tradução de Éric Nepomuceno – 2ed – Coleção L & PM POCKET. Porto Alegre: L & PM, 2013

\_\_\_\_\_. . Espelhos. Uma história quase universal. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: RS: L&PM, 2020.

GARLAND, Sarah. **Um outro país para Azzi**. Tradução: Érico Assis. São Pulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

GINZBURG, Carlo. Estranhamento: Pré história de um procedimento literário. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras: 2001.

\_\_\_\_\_. Matar um mandarim chinês: As implicações morais da distância. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras: 2001.

GRAJZER, Deborah Esther. **Crianças refugiadas: um olhar para a infância e seus direitos**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Florianópolis, 2018.

GRONDIN, Marcelo e VIEZZER, Moema. **O maior genocídio da História da humanidade. 70 milhões de vítimas entre povos originários das Américas**. Paraná: Editora Princeps: 2018

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. **Vik Muniz. História das Artes, 2021.**  
Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/vik-muniz/>>.  
Acesso em 03 Apr 2021

KOHAN, Walter Omar. **Vida e morte da infância, entre o Humano e o inumano.**  
Educ. Real., Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 125-138, set./dez., 2010. Disponível em:  
[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade).

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019

LIMA, João Brígido Bezerra [et al.]. **Refúgio no Brasil: caracterização dos perfis sócio demográficos dos refugiados (1998-2014).** Brasília: Ipea, 2017.  
LIMA, Patrícia de Moraes; NAZÁRIO, Roseli. Sobre a luz do diafragma: a atribuição da fotografia na pesquisa com crianças. **Revista Educativa - Revista de Educação,** Goiânia, v. 17, n. 2, p. 491-509, abr. 2015. ISSN 1983-7771. Disponível em:  
<<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/3957/2282>>. Acesso em: 23 set. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.18224/educ.v17i2.3957>.

LOPES, Jader Janer Moreira. **As crianças, suas infâncias e suas histórias: mas por onde andam suas geografias?** Revista Educação em Foco, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 31-44, set 2008/fev 2009.

\_\_\_\_\_. Geografia da Infância: Territorialidades Infantis  
**Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.1, pp.103-127, Jan/Jun 2006 ISSN 1645-1384  
(online) [www.curriculosemfronteiras.org](http://www.curriculosemfronteiras.org)

Lopes, Ana Lúcia Adriana Costa. **A criança e seus diferentes nomes: adjetivações no discurso histórico.** Educ. foco, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 67-89, set 2008/fev 2009

LÖWI, Michael. **Walter Benjamin: Aviso de incêndio. Uma leitura das Teses “Sobre o conceito de história”.** Tradução Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. **A filosofia da história de Walter Benjamin.** Tradução de Gilberto P. Passos. Palestra feita pelo autor em 28 de janeiro de 2002, na sede do Instituto de Estudos Avançados da USP. ESTUDOS AVANÇADOS 16 (45), 2002.

McIntosh, Gregory C. **O misterioso Mar de Piri Reis de 1513.**  
<https://www.publico.pt/2018/06/11/ciencia/ensaio/o-misterioso-mapa-de-piri-reis-de-1513-1833757> Acesso em 25 de julho de 2021

MACÉ, Marielle. **Siderar, considerar: migrantes, formas de vida.** tradução Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. 68 p. (Coleção Por que política?; v. 1) 2018.

MACEDO, Nélia Mara R. e PEREIRA, Rita Ribes. **Infância em pesquisa.** Rio de Janeiro: Nau Editora, 2012.

MARTUSCELLI, Patrícia Nabuco. **Crianças desacompanhadas na América Latina: reflexões iniciais sobre a situação na América Central**. 78. RIDH. Bauru/SP. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/467/199>>. Acesso em: 18 de maio. 2019

\_\_\_\_\_. . O paradoxo da globalização e a migração infantil: algumas reflexões. Ana Maria Nogales Vaasconcelos e Túlia Botega ORG. **Política migratória e o paradoxo da migração**. Porto Alegre, Ed: PUCRS, Brasília: CSEM 152-168 p. ISBN: 978-85-397-0739-3.

MASSCHELEIN, Jan.; MAARTEN, Simons. Ponhamo-nos a caminho. **A Pedagogia, a Democracia, a Escola**. Tradução de Marcelly Custódio de Souza. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MATHIAS, Dionei e MÜLLER Juliana Cássia. **Pureza e violência: imagens da infância em A. Veteranyi**. Literatura e autoritarismo, Santa Maria, nº 35: Imagens da violência entre transgressões e tensões , jan-jun 2020, p. 83-84. <http://dx.doi.org/10.5902/1679849X44065>

MOHAMMED El Hajji. **Migrantes: uma minoria transacional em busca de cidadania universal**. INTERIN, v. 22, nº 1, jan/jun. 2017. ISSN: 1980-5276.

MORIM, Marília. **O pesquisador e seu Outro. Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa, 2004.

MOULIN, Carolina. **Entre liberdade e proteção: refugiados, soberanos e a lógica da gratidão**. 33º. Encontro Anual da ANPOCS GT Migrações Internacionais. Acesso em: CarolinaMulin\_Entre refugiados e soberanos.pdf

NETO, Hélon Povoá. **Cartas aos leitores/as**. Dossiê Migrações Internacionais e Infâncias. Zero a Seis, Florianópolis, v. 23, n. 43, p. 3 65 36 9, jan./jun., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980 - 4512. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980 - 4512.2021.e77869>

\_\_\_\_\_. Apresentação oral no Colóquio online Histórias de água. Mesa 2 – **Migrações: travessias**. Agosto, 2020. Acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hDIbf1BXQEY&t=124s>

\_\_\_\_\_. Entrevista para a Revista Comciência. Acessível em: <https://www.comciencia.br/helion-povoá-neto-deslocamentos-populacionais-acompanham-a-historia-da-humanidade/>

PACELLI FERREIRA, Ademir. **O migrante na rede do outro. Ensaios sobre alteridade e subjetividade**. Editora TeCorá: Rio de Janeiro/Belo Horizonte, 1999, 168 págs.

PARK, Linda Sue. **Uma longa caminhada até a água**. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Editora: WMFMartinsfontes, 2016.

PEREIRA, Rita M. Ribes. Um pequeno mundo inserido num mundo maior. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (orgs.). **Infância em pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012, p. 44.

\_\_\_\_\_. **Por uma ética da responsabilidade: exposição de princípios para a pesquisa com crianças**. Currículo sem Fronteiras, v. 15, n. 1, p. 50-64, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss1articles/pereira.pdf>. Acesso em maio de 2016.

\_\_\_\_\_. **Fisiognomias da Infância: experiências cotidianas, alteridades e deslocamentos**. Projeto de Pesquisa. UERJ-CNPq. 2017. Projeto apresentado ao Edital “Cientista do Nosso Estado – FAPERJ 2017.

\_\_\_\_\_. A Metodologia Mora no Tema: infância e cultura em pesquisa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, e106860, 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236106860>. Acesso em agosto de 2021. <https://www.scielo.br/j/edreal/a/QTsShKwbrV9bSpyscShctnP/?format=pdf&lang=pt> PIOVESAN, Flávia. **Código de Direito Internacional dos Direitos Humanos anotado**. São Paulo: Editora dpj, 2008.

PONTES, Luciano. **Deslembrar**. Ilustração Rosinha Campos. São Paulo: Ed. Larrousse do Brasil, 2009.

QUEIROZ, C. T., MILANEZ, Fernanda de Azevedo. **Os cronotopos como balizadores éticos de uma pesquisa com crianças**. In: V GRUPECI - Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias, 2016, Florianópolis. Resumos das Comunicações Orais. p.12-12, 2016.

QUEIROZ, Caroline Trapp de; MILANEZ, Fernanda de Azevedo; VIEGAS, Juliana Botelho. **A observação e a escrita como lugares de negociação da participação das crianças na pesquisa**. 6º GRUPECI – Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias, Belém-Pará, 2018.

QVORTRUP, Jeans. **Visibilidade das crianças e da infância**. Trad. Bruna Breda. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 23—42 jan/abr. 2014.

REIS, Diego dos Santos. **Morte e vida clandestina: Fronteiras raciais e a questão dos refugiados na filosofia contemporânea**. *Revista ethic@* Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 18, n. 1, p.45–60. Maio, 2019. Acesso em 12/12/2020.

RIZZINI, I ; TABAK, J. ; COLLINS, Tara . **(Des)Proteção Social e Violação de Direitos: Social Protection at Risk and Rights Violations**. O SOCIAL EM QUESTÃO (ONLINE) v. 1, p. 9-20, 2020;

ROECKER Lazarin, Monique. **Quando a infância pede refúgio: os processos de crianças n Comitê Nacional para os refugiados**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de São Carlos., campus São Carlos, São Carlos. 2019. 131 f: 30cm

ROSEMBERG , Fúlvia e MARIANO, Carmem Lúcia Sussel. A convenção internacional sobre os direitos da criança: debates e tensões. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, p.693-728, set./dez. 2010

SANTOS, Ana Carolina Carvalho dos. Crianças refugiadas: **O princípio do melhor interesse da criança**. Dissertação apresentada no âmbito do 2º ciclo de estudos em Direito. Área de especialização em Direito Penal. Universidade Católica Portuguesa. Escola de Direito, 2012.

SANTOS, Elisangela da silva e SANTOS, Patrícia da Silva. **Contingências do presente: o cotidiano infantil em território minado**. Baleia na Rede, Vol. 1, nº 8, Ano VIII, Dez/2011 - ISSN 1808 -8473 – FFC/UNESP/Marília, SP, 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 63 (2002) 237-280.  
<https://doi.org/10.4000/rccs.1285>

SASSEN, Saskia. **Expulsões: Brutalidade e complexidade na economia global**. Tradução: Angélica Freitas – 1ª Edição – Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2016

SAYAD, Abdelmalek. **A IMIGRAÇÃO: Ou os Paradoxos da Alteridade**. trad. Cristina Muracho. Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, Daniela Florêncio da. **O fenômeno dos refugiados no mundo e o atual cenário complexo das migrações forçadas**. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo , v. 34, n. 1, p. 163-170, Apr. 2017 . Available from<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982017000100163&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982017000100163&lng=en&nrm=iso)>.access on 23 Mar. 2019. Epub June 26, 2017. <http://dx.doi.org/10.20947/s0102-3098a0001>.

SILVEIRA , Paloma Dias, AXT, Margarete. **Mikhail Bakhtin e Manoel de Barros: entre cronotops e a infância**. *Bakhtiniana*, São Paul, 10 (1): 176-192, Jan/Abril. 2015.

SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria**. In: PAIVA, r; BARBALHO, A (Orgs). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.

SONTAG, Susan. Na caverna de Platão. **Sobre fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. Diante da dor dos outros. Tradução Rubens Figueiredo. ISBN: 9788535903980. Editora: Companhia das Letras, 2003

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Prefácio. **Pode o subalterno falar?** Tradução Sandra Regina Goulart Almeida. Editora UFMG:Belo Horizonte. 2010

TABAK, Jana; HERZ Monica. **“Melhor interesse” de quem? Repensando os Limites da Ordem Política Internacional através das (Re)construções da Criança Mundial e das Crianças-Soldado**. Rio de Janeiro, 2014. 218p. Tese de Doutorado – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

TABAK, Jana; HERZ Monica, HOFFMANN, Ribeiro, Andrea. **Organizações Internacionais: história e práticas**. 2ª Edição – Rio de Janeiro: Elsever, 2015. ISBN: 978-85-352-7986-3.

VILELA, E. **A infância entre as ruínas**.p. 51-65. In *Experiência, Educação e Contemporaneidade*. Pagni, Pedro & Angelo, Gelamo (orgs). Editora Cultura Acadêmica, Marília: São Paulo. 2010.

\_\_\_\_\_. **Lugares de errância. O espaço sensível do limite**. Recuperado em 15 de agosto, 2017 de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6231.pdf>.

VETERANYI, Aglaja. **Porque a criança cozinha na polenta**. Tradução do alemão de Fabiana Macchi. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2004.

\_\_\_\_\_. **A fuga**. Tradução do alemão de Fabiana Macchi. Acesso em 11 de maio de 2021. *A Fuga - Poema de Aglaja Veteranyi* (escritas.org)

VISNIEC, Matéi. **Migraaaantes ou Tem Gente Demais Nessa Merda de Barco ou o Salão das Cercas e Muros**. Tradução: Luciano Loprete. ED 1 – São Paulo: É Realizações, 2017. 176 p.; 21 cm. (Bibliografia Teatral).

YOUSAFZAI, Malala. **Longe de casa. Minha jornada e histórias de refugiadas pelo mundo**. Tradução de Lígia Azevedo. 1ª edição. São Paulo: Seguinte, 2019.

### Links usados na pesquisa

Filme Francês "Le bleu blanc rouge de mes cheveux" de Josza Anjembe - Bing video <http://barcoavapor.edicoessm.com.br/noticias/refugiados-sao-tema-cada-vez-mais-frequente-em-livros-para-criancas-conheca-alguns/> acesso em 10/01/2019

[www.acnur.org/portugues/nigeria/](http://www.acnur.org/portugues/nigeria/) Acesso em 13 de setembro de 2018

<https://www.acnur.org/portugues/2018/08/10/acnur-aumenta-resposta-humanitaria-enquanto-equador-declara-estado-de-emergencia/> Acesso em 13 de setembro de 2018

[http://ibase.br/pt/opinioao/no\\_longo\\_prazo\\_disputa\\_de\\_hegemonia/](http://ibase.br/pt/opinioao/no_longo_prazo_disputa_de_hegemonia/) acesso em 15 de dezembro de 2018

[https://issuu.com/grupoautentica/docs/a\\_pedagogia\\_\\_a\\_democracia\\_\\_a\\_escola](https://issuu.com/grupoautentica/docs/a_pedagogia__a_democracia__a_escola)  
Jornal El País

[https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/16/internacional/1394996313\\_218905.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/16/internacional/1394996313_218905.html)  
(gráfico quantitativo sobre refugiados da Síria e fotos)

Sobre Platão e Atlantida: <http://www.acervofilosofico.com/platao-o-mito-de-atlantida>  
<http://www.imigracaohistorica.info/>

**Sobre artes e refúgio:**

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/10/fotografo-retrata-criancas-refugiadas-dormindo-em-florestas-ruas-e-abrigos.html> Acesso em 2017

Exposição de esculturas de refugiados no fundo do mar:

<https://rr.sapo.pt/printArticle.aspx?objid=f1b82bac-a9e0-e511-b837-0022640e86b7>

<https://gruposal.com.br/blog/o-mundo-submerso-de-jason-decaires-taylor/>

Obras de Doris Salceno - <https://artmotiv.org/2015/05/26/102/>

Sobre o campo de refugiado Yida: <http://jireнна.blogspot.com/2013/06/refugiados.html>

SANKOFAS <https://portal.fiocruz.br/noticia/projeto-sankofa-discute-questoes-e-relacoes-etnico-raciais>